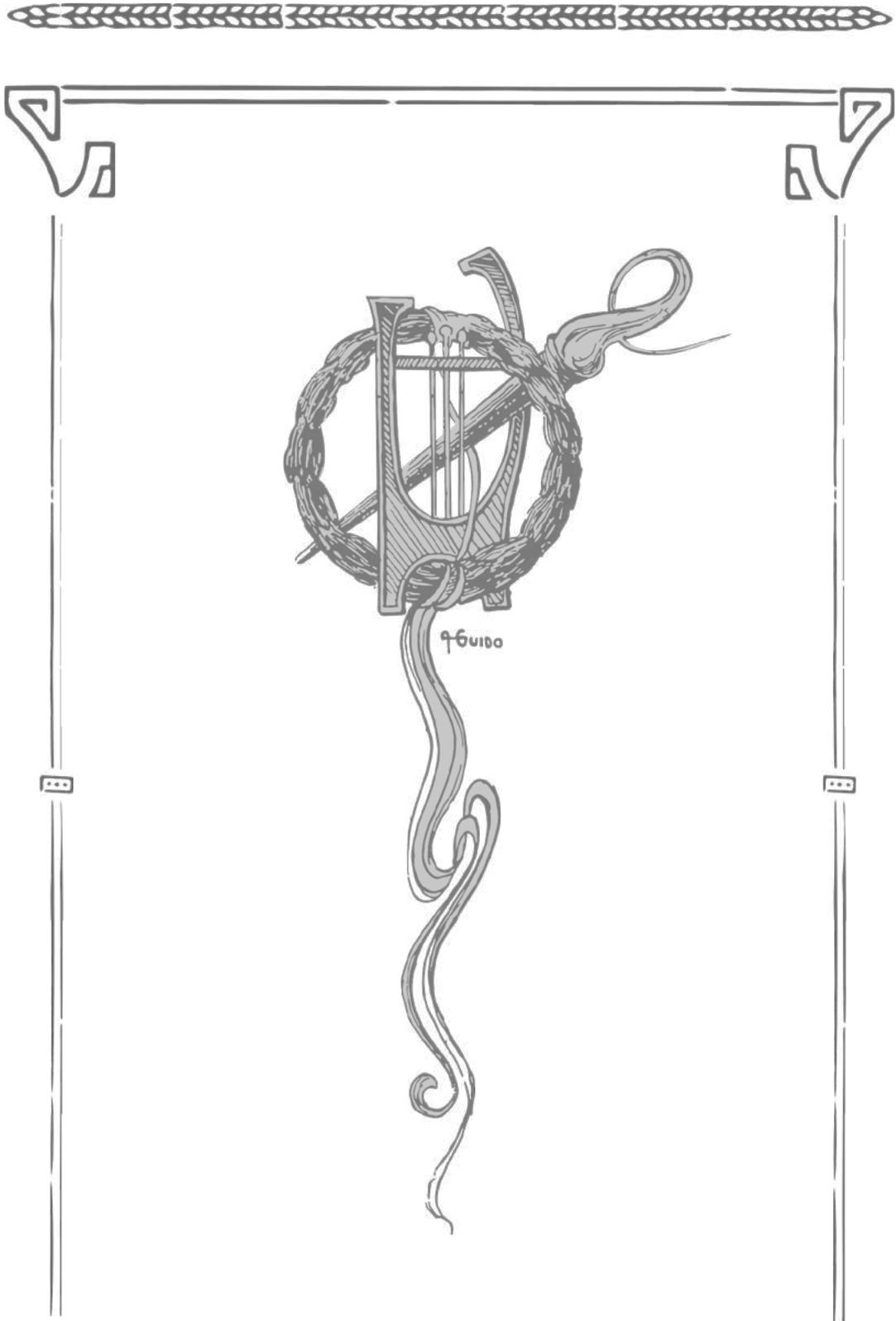


Maria Lacerda de Moura

Civilização, Tronco de Escravos

Rogério Humberto Zeferino Nascimento
Organizador





Rogério Humberto Zeferino Nascimento
(org.)

Maria Lacerda de Souza

Civilização, Tronco de Escravos

M929c Moura, Maria Lacerda de.
Civilização, tronco de escravos [livro eletrônico] / Maria Lacerda de Moura; Organizador Rogério Humberto Zeferino Nascimento; Prefácio de Rodrigo Cruz Gagliano. – Campina Grande: EDUFMG, 2023.
150 p. : il. color. (Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 3).

E-book (PDF)
ISBN 978-65-86302-91-2

1. Vegetarianismo. 2. Vivisseccção Animal. 3. Objeção de Consciência.
4. Resistência Não-violenta. 5. Ciência. I. Nascimento, Rogério Humberto Zeferino. II. Gagliano, Rodrigo Cruz. III. Título. IV. Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 3.

CDU 613.261

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-EDUFMG
atendimento@editora.ufcg.edu.br

Prof. Dr. Antônio Fernandes Filho
Reitor

Prof. Dr. Mario Eduardo Rangel Moreira Cavalcanti Mata
Vice-Reitor

Prof. Dr. Bruno Medeiros Roldão de Araújo
Diretor EDUFMG

Simone Cunha
Revisão

Yasmine Lima
Diagramação

João Vítor Pereira da Silva
Capa

CONSELHO EDITORIAL

Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro Costa Rego (CTRN)
José Wanderley Alves de Sousa (CFP)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Mário de Sousa Araújo Filho (CEEI)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino Nascimento (CH)
Saulo Rios Mariz (CCBS)
Valéria Andrade (CDSA)

“O homem mais forte do mundo é o mais solitário.”

Ibsen

Da Autora



- ∴ *Em torno da educação* — 1918 — esgotado
- ∴ *Renovação* — 1919 — esgotado
- ∴ *A fraternidade e a escola* — 1922 — esgotado (conferência)
- ∴ *A mulher moderna e o seu papel na sociedade actual e na formação da civilização futura* — 1923 — esgotado (conferência)
- ∴ *A mulher é uma degenerada* — 1924 — esgotado — (1ª edição)
- ∴ *A mulher é uma degenerada* — 1925 — esgotado — (2ª edição)
- ∴ *¿a mujer es una degenerada?* — 1925 — Edição de Buenos Aires. Não revista pela autora.
- ∴ *Lições de pedagogia* — (volume 1º) — 1925 — esgotado
- ∴ *Religião do amor e da beleza* — 1926 — esgotado — (1ª edição)
- ∴ *Religião do amor e da beleza* — 1929 — (2ª edição)
- ∴ *De Amundsen a Del Prete* — 1928
- ∴ *Clero e Estado* — 1931

No Prelo:

- ∴ *Fora da lei*
- ∴ *Clero e fascismo*

A Saír:

- ∴ *Han Ryner e o amor plural*

Em Preparo:

- ∴ *O individualismo neoestoico de Han Ryner*
- ∴ *Guerra a guerra!*
- ∴ *Psicologia pedagógica* — (1º e 2º volumes de *Lições de pedagogia*)
- ∴ *Problema humano: a questão sexual*
- ∴ *Krishnamurti, Mahâtna Gandhi e Han Ryner*
- ∴ *O problema do amor* — visto pela mulher: *George Sand, Isadora Duncan, Alexandra Kolontai e Federica Montseny*

.....

Lista de acervos, instituições e sites

.....

- Acervo digitalizado particular organizado por Francisco Robson Alves de Oliveira e Francisco Victor Pereira Braga. Fortaleza – CE
- Arquivo Edgard Leuenroth – AEL/Unicamp. São Paulo – SP
- Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis – SC
- Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP. São Paulo – SP
- Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ
- Arquivo Público Estadual João Emerenciano – Pernambuco – PE
- Arquivo de Memória Operária – IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro – RJ
- Arquivo Nacional – Rio de Janeiro – RJ
- Biblioteca Municipal Mário de Andrade. São Paulo – SP
- Biblioteca Professor Geraldo Ataliba – PUC/SP. São Paulo – SP
- Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda – CAPH/USP – São Paulo – SP
- Centro de Cultura Social – CCS – São Paulo – SP
- Centro de Documentação e Memória da Unesp – CEDEM/Unesp. São Paulo – SP
- Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro – RJ
- Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – RJ
- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB – Rio de Janeiro – RJ
- Acervo Digital da Unesp – São Paulo
- Biblioteca Nacional Digital – Rio de Janeiro
- Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro
- Rete delle Biblioteche e Archivi Anarchici e Libertari – **REBAL – Itália**
- Última Barricada – Portugal
- University of Florida Digital Collections

*“Vigia
a tua vida e não renunciies
por nada ao teu livre arbítrio; não imites
a esses maus comediantes que só podem
cantar em coro.”
Epíteto*

Sumário



<i>Prefácio</i>	13
<i>A ciência a serviço da degenerescência humana</i>	25
<i>Voronoff</i>	33
<i>Ainda Voronoff</i>	39
<i>E Voronoff descobriu o Macaco!</i>	46
<i>O Prêmio Nobel da Paz</i>	51
<i>As Guerras Científicas</i>	61
<i>A bacteriologia</i>	62
<i>A guerra dos insetos e parasitas</i>	65
<i>A guerra química</i>	65
<i>A Internacional do Armamento</i>	69
<i>O escândalo Shearer</i>	81
<i>Depois da guerra</i>	82
<i>Acorrentar Prometeu</i>	84
<i>Ibsen e a Academia de Letras</i>	87
<i>Domesticando</i>	95
<i>“O povo cego”</i>	96
<i>Os Trinta Dinheiros</i>	101

“O Dragão e as Virgens”.....	109
As “ideias-forças”.....	118
Evoé!.....	125
“Boa Sorte – Cadeia Perpétua”.....	135
A Escola da “Nova Oportunidade”.....	141
A Sociedade Migdal e o Tráfico das Brancas.....	153
Minha senhora.....	153
Carpe Horam.....	167
Plano inicial da Coleção Pensamento Social Anarquista – Palavras Explicativas.....	149

Prefácio



EM TEMPOS TÃO SOMBRIOS, NESTE PAÍS... TEMPOS DE ANAR-
quistas inócuos... Tempos de feministas rendidas ao poder e
capital, acadêmicas, ainda vendo o sufrágismo como grande
coisa, comemorando e aceitando mulheres em cargos de poder político
ou militar, sem questionar esses lugares, sem desejar a destruição dos
mesmos... Tempos em que os sociopatas do poder sequer se dão ao tra-
balho de disfarçar suas más intenções e quase não há vozes corajosas e
combativas... É um grande serviço de Rogério Nascimento e da EDUFCG
republicar (tornar público novamente, portanto, sem custos) um livro de
Maria Lacerda de Moura.

Quem foi Maria Lacerda de Moura? Escritora, professora, feminista
incômoda e anarquista não menos tormentosa, pessoa sem encaixe, vi-
vente de fins do século 19 a meados do século 20 (1887-1945). A memória
do feminismo acadêmico, feminismo domesticado, a deixou escanteada,
fora da memória oficial, por não compactuar com a farsa do sufrágismo
e outras armadilhas – ela e outras mais –, memória a qual chamam de
primeira onda, ai ai... Elas, as esquecidas do conto acadêmico, queriam
mais, muito mais, sem alianças possíveis com as opressões e seus ar-
tífices. Sim, Maria Lacerda anarcofeminista, que, possivelmente, nem
sequer aceitaria esse rótulo... Rótulos, identidades, outra coisa que essa
mulher extraordinária recusou.

Civilização = Tronco de Escravos. Título forte. E parece que o fim do 19
e início do 20 é marcado por debates sobre a civilização. Civilização é mal-
-estar, à época, todos parecem concordar. Contudo, poucos clamam pelo
seu fim, do mal-estar e (portanto) da civilização. Para Sigmund Freud e
seu reacionarismo, a civilização é um mal-estar, necessário e fatal. Maria

Lacerda e outros poucos, ao seu tempo, se rebelam contra essa ideia. Essa rebelião vai marcando, mais e mais, os pensamentos anarquistas e anárquicos. Contemporaneamente, os primitivistas, como John Zerzan ou o biólogo e escritor Daniel Quinn, seguem e aprimoram essa sequência e filiação temporal.

Estes últimos citados descartam a civilização em sua inteireza temporal, já Maria Lacerda está interessada na civilização em sua contemporaneidade, a civilização de matiz capitalista e cristã. Acúmulo (de uns poucos) e guerra, acúmulo para guerra. Poder e destruição.

Em época de tanta esperança na ciência, esta, a nova teologia – como disse Paul Feyerabend, anos depois – é o primeiro alvo de ataque do intelecto de Maria Lacerda, denunciando que o capitalismo industrializado se apodera do trabalho científico. Interesses industriais e para conquista da guerra. Faz a revisão de algumas invenções científicas demonstrando seu uso de opressão: cinematógrafo, radiotelegrafia e, já em 1931, nos bastidores da Segunda Guerra, denuncia as primeiras criações de armas biológicas. Para ela, “[...] dentro da civilização, todos nós concorremos para o canibalismo patriótico das trincheiras e das pilhagens militares”.

Por um lado, os cientistas como colaboradores ativos (santos Dumont, Edison, Marconi e Mme. Curie, citados nominalmente como exemplos) da pilhagem e, por outro, nem o proletariado escapa a sua crítica, não há paternalismos: “Até mesmo o mundo proletário, embora o protesto contra a civilização burguesa-capitalista, cava a degenerescência da espécie e coopera para essa luta dantesca, ora imprimindo as imbecilidades escritas pela burguesia acadêmica, patriótica e mundana, ora fabricando munições e armas de guerra, mesmo porque todas as conquistas do progresso material constituem armas de guerra para o sustentáculo do domínio de uns e servilismo e domesticidade da maioria”.

Só há, em seu pensamento, uma exceção nessa participação: o pequeno agricultor! “A volta ao trabalho rude será, portanto, a consciência tranquila [...]”, nessas poucas palavras, está desenhado e resumido o rechaço à civilização e apelo ao retorno à vida com/na natureza, não mais como inimiga, porém, como colaboradora, como mãe. Tempos mais infelizes os nossos: menos de 100 anos depois, não poucas vezes, esse pequeno agricultor participando do envenenamento coletivo, misto de

vítima e colaborador da agropecuária industrial e seus laboratórios... “O agro é pop...”, diz a grande televisão brasileira, centro de difusão e manutenção dos psicopatas do poder.

Fora do mundo natural, há o mundo da cidade, parte dessa civilização, insalubre, que desgasta os corpos, corrompe as pessoas e depois, “os charlatães da ciência” multiplicam seus “embustes” ou provocam “aleijões morais”. Então, na sequência de seu pensamento, Maria Lacerda cita dois nomes da ciência da época: Voronoff e Steinach. Ambos atrás de formas de rejuvenescimento, o primeiro sem vacilos éticos em fazer suas experiências em gente pobre e abandonada em hospitais e asilos; e o outro, com enxertia glandular. A esse caminho dos embustes científico-civilizatórios, existe, para autora, o caminho de uma longevidade sadia fruto de higiene mental, alegria interior e “[...] de uma bondade incapaz de sacrificar a quem quer que seja em benefício próprio”.

Discutindo ainda essas experiências, Maria Lacerda se levanta contra a vivissecção, contra o martírio dos animais, nas mãos da casta científica da qual faz para Voronoff e seus experimentos. É possível que seja uma publicação brasileira pioneira contra a vivissecção, a crueldade e exploração animal. Já à época, a anarquista e vegetariana não teve dificuldades em perceber o que, ainda hoje, não poucos libertários míopes não percebem: a exploração contra animais não humanos é irmã siamesa da exploração dos animais humanos! Não se acaba com uma sem, ao mesmo tempo, se acabar com outra...

Como rápida digressão, a palavra *vegan* (vegano/a), do inglês, só surge em 1944, criada por Elsie Shrigley e Donald Watson, para designar pessoas que recusam a exploração animal não só na sua dieta e, sim, em todos os âmbitos da vida. E, é preciso dizer que, até por volta da Primeira Grande Guerra, a palavra “vegetariano/a” dizia de pessoas que tinham uma dieta exclusivamente vegetal (excluindo, portanto, qualquer produto de origem animal em seus pratos, como ovos e laticínios). Nesse número, é bastante provável que muitos já tentavam viver como veganos/as. O também anarquista e vegetariano, um dos maiores escritores da literatura russa, Leon Tolstói, citado pela própria Maria Lacerda neste livro, cria, em seu livro *Ressurreição*, de 1899, ainda no século 19, talvez, o primeiro personagem vegano da história da literatura. Isso indica que, já para o

tempo de Maria Lacerda, muitas das questões levantadas pelo veganismo, anos depois, não eram novidades e contavam com sua aderência.

Ela diz, com todas as letras, que essa ciência do engodo do rejuvenescimento, da vivisseção encontra seu apoio nos “falidos morais”. “Mas, que direito tem a ciência dos homens de intervir na vida natural dos animais para industrializar as suas funções orgânicas?” Depois de morte da autora, tantas outras atrocidades foram inventadas...

Ao lermos este texto de Maria Lacerda, parece que estamos diante de uma revista de variedades, obviamente, sem as futilidades que a acompanham, ela toca em muitos acontecimentos de sua época, os escolhe para debater, com profundidade, os valores ético-políticos de sua época. Por essa razão, alguns nomes – como de Voronoff – e acontecimentos ficaram datados e esquecidos, no entanto, os temas discutidos por meio desses são de uma riqueza enorme!

A ciência foi o primeiro tema, vem a vez do esporte. Em 1928, o prêmio Nobel da Paz – uma horda de canalhas já ganharam esse prêmio, a que as pessoas dão tanta importância – foi dado ao barão de Coubertin, presidente do Comitê Olímpico Internacional. Como se a finalidade do esporte fosse a paz entre os povos, ideia até hoje ventilada..., retruca Maria Lacerda: “A política esportista é igual a qualquer política: a luta, a concorrência, a guerra”. Ela diz, ao tocar nas olimpíadas, o que já deveria ser óbvio: que o esporte é a preparação para guerra. É palco dos nacionalismos e suas estupidezes, que os estatistas usam ao seu interesse. Narra como o fascismo na Itália e, mesmo aqui, fez do esporte instrumento de propaganda e violência.

Seria interessante notar que tanto a esquerda como a direita usam o esporte a favor de sua manutenção no poder. Contemporaneamente, o faraó Lula Molusco quis a Copa do Mundo aqui e Sérgio Cabral, então governador do Rio de Janeiro, subornou as chamadas autoridades esportivas internacionais para que a olimpíada fosse aqui, para além da política de pão e circo e a chance de roubar milhões ou bilhões, a ideia era fomentar o nacionalismo, como terreno fértil para todo tipo de manobra estatal. Entre as manifestações de 2013, em São Paulo, que começaram libertárias e, portanto, não partidárias, e a Copa do Mundo (2014) e a Olimpíada (2016), as mídias corporativas começam a tramar e, pouco a pouco,

sob o influxo desses grandes eventos, as manifestações no país tomam, mais e mais, um matiz nacionalista, que prepara, como pano de fundo, a ascensão ao poder estatal do Boçalnazi, um mequetrefe nacionalista.

Livro do entre as duas guerras mundiais, ou seja, ainda sem a invenção tenebrosa da bomba atômica, Maria Lacerda aprofunda a questão da ciência engajada na indústria da guerra. Armas mais potentes, armas químicas, armas biológicas. A indústria da guerra se enchendo de poder e dinheiro, massacrando o ultrapassado nacionalismo das trincheiras. Maria Lacerda cita Conferência pregando hipocritamente a paz confeccionada pelos mesmos que detêm as armas. Com a bênção da igreja católica. Com o silêncio e a “prostituição” da “imprensa moderna”. “A técnica moderna está em saber aproveitar tudo, no momento preciso, e transformar toda a indústria em indústria de material bélico. Essa a função da indústria de infraestrutura durante o pós-guerra que, inevitavelmente, torna-se um pré-guerra”. A objeção de consciência (“a deserção, a não violência heroica, a suprema resistência”), depois de todas suas denúncias, deduz a autora, é o único modo eficaz e individual de combater a guerra. Em tempos presentes, em que feministas comemoram o fato de mulheres fazerem parte de exércitos e polícias, como uma grande conquista das mulheres, Maria Lacerda é imensa, ao mostrar a falta de sensatez humana numa postura como essa! O feminismo majoritário, acadêmico e contemporâneo, filhote do sufragismo, é cessão, não sedição!!

Seguindo as variedades quase invariáveis de seu tempo, parece até um destino sarcástico: em algum momento do livro, ela fala da apropriação e distorção, por parte dos acadêmicos, de libertários como Ibsen – qualificado assim pela autora –, lançando sobre eles e suas obras falsas interpretações, loas e condecorações, domesticando os alcances de suas obras. Ou seja, esses pequenos príncipes da academia retiram, propositadamente, veneno de cobra e criam um soro memorial e ideológico contra esse veneno e contra a cobra. Hoje, vejo isso acontecendo com a própria Maria Lacerda de Moura: o que vejo de acadêmicos/as escrevendo sobre ela e usurpando as marcas intelectuais e de vida de suas posições libertárias. A maioria, incluindo mulheres, sem compromissos libertários com o mundo, apresenta uma Maria Lacerda domesticada, um *poodle* que cabe manso no colo desse feminismo covarde, que é o acadêmico.

Há aqui, segundo reflexões dela, um monopólio das vozes, os oficiais de estado, distorcem e domesticam, calam, já “nós outros, os indesejáveis da literatura e do jornalismo oficial, nós outros que não temos um jornal para dizer dos nossos sonhos, nós outros, sabotados pelos editores e pela imprensa oficial nas mãos dos acadêmicos e mercantilizadores da pena...”. Sabotagem sistemática!

Ibsen, que seria homenageado pela academia de letras, é gancho para trazer à discussão o individualismo libertário, que nada tem de “egoísmo, sordidez ou baixeza” e, num pequeno comentário, Maria Lacerda mostra uma lucidez que até hoje poucos têm: “[sobre o individualismo aviltado]... ou até do delírio de poder de um Nietzsche dançarino, “a última moda da loucura”. Onde tantos, até hoje, leem Nietzsche como um libertário...

Prosseguindo intemerata, evoca a notícia de um homem, João Pedroso, que foi viver sozinho no mato, por muito tempo, e foi capturado e posto a ser domesticado, pela piedade cristã, como tantos outros... E aqui renasce em Maria Lacerda o idílio com a natureza *versus* o mal-estar da e na civilização... E a discussão de toda a hipocrisia cristã. E temos, pelo menos, 1600 anos dessa hipocrisia, a contar da fundação da igreja católica, a maior e mais calhorda instituição já criada, para ruminar os males que ela produziu à humanidade.

Não sem tempo, sobre o acontecimento da recusa de um colégio católico de alta classe em aceitar como estudante filha de dois artistas renomados, ela metralha a educação clerical, que, em sua época, monopolizava a educação (escolar) sob aval do estado. E também a diferença classista nessa educação. E não perdoa o aburguesamento da classe artística. Que queriam artistas com esse tipo de educação? Num gancho, é de se perguntar, francamente, qual é a educação (escolar) que não é clerical e classista? O domesticador pode ser Jesus ou o estado, mas, seu poder, centralidade e ideologia estão sempre presentes. E ela teve a coragem de dizer! De mais a mais, como complementar a esse tema, vemos hoje uma discussão acirrada, dos reformadores da maquinaria de estado, sobre a necessidade de estado laico. Francamente, qual estado no mundo é laico? Mesmo que esse e aquele estado tenha apagado de si as marcas externas da religião, toda a liturgia estatal é liturgia advinda da liturgia religiosa, a igreja católica é o modelo de estado que, à força, tomou o planeta.

Passando em revista elogiosa as obras do escritor Afonso Schmidt, em especial, *O dragão e as virgens*, cruza a moralidade hipócrita dessa sociedade com a existência da prostituição (feminina), mostrando a liberdade amorosa como o único antídoto para impedir que as filhas dos mais pobres sejam capturadas por esse humilhante lugar. O amor livre como prevenção à monogamia proprietária. E, aqui, fique bem claro, nem de perto se aproxima do emburguesamento da discussão sobre o amor que, hoje, se tem chamado poliamor. Amor livre significa, para autora, amantes livres, não apenas em suas escolhas amorosas, mas, liberdade social e econômica, há o clamar de uma outra sociedade. Em sua época, em que as mulheres eram ainda menos livres, em que o casamento era um emprego, uma prostituição abençoada e hipócrita, a liberdade de escolha dos amores para as mulheres de nada adiantaria sem essas outras liberdades, já avisava Maria Lacerda.

O próximo tema é o carnaval. E, carnaval do Rio de Janeiro... E sua descrição, talvez, aqui e ali um tanto exagerada pelo seu higienismo, me parece a descrição dos dias de hoje, com toda a degradação e a licença de alguns poucos dias para liberar aquilo que nossa hipocrisia tranca no porão nos outros dias do ano, toda a assimetria caricata desses dias de lubricidade liberada... É a válvula de escape necessário “ao equilíbrio da moral social de compressão e de servilismo aos prejuízos estabelecidos”. “O Carnaval é a festa dos acarneirados da organização social de moraliteístas e proxenetas do rebanho humano”.

O seguinte assunto são as cadeias da sorte, ou correntes, como hoje chamamos, que até hoje são comuns, em que se diz algo assim: “Se mandar esse texto para 9 pessoas, você terá fortuna; se romper, desgraças”. Hoje, nossa imbecilidade supersticiosa se utiliza de meios eletrônicos, como aplicativos como WhatsApp, para se propagar. Porém, naquela época, eram os correios o meio de propagação. Maria Lacerda faz cálculos de quanto dinheiro gasto com essas superstições vai para o estado e os poderosos, via taxas aos correios. Cadeia da Sorte... Cadeia Perpétua, diz a autora. Isso me lembrou os jogos de loteria, promovidos pelo estado, pouca gente lê o que vem escrito nos boletos a serem preenchidos, lá, em letras miúdas, está dito que parte do dinheiro arrecadado nesses jogos vai para construção de presídios!!! Quem joga esses jogos apostando na fantasia de ser milionário? As pessoas pobres. Para quem são

feitos os presídios? Para as pessoas pobres. A superstição e ignorância fazem também com que essas mesmas pessoas acreditem que o estado existe para seu bem e... que a cadeia é sempre para o outro... e preparam sua própria armadilha, ou a de seus filhos. Nesse momento, há por volta de 800 mil pessoas presas neste país, somos o terceiro país do mundo em população engaiolada, normalmente, pessoas negras e pobres, quase uma tautologia num país escravista como nosso. Muitas delas financiaram seu próprio cárcere ou seus pais e familiares... entretanto, não vejo igual número de milionários... E, mesmo que houvesse, um número não compensaria o outro!

Na sessão seguinte, evocando as notícias de um lugar, nos EUA, criado para reintegração de mutilados de guerra à sociedade trabalhadora e notícias de um grupo de ex-militares cossacos, portanto, ex-assassinos, que sai da Rússia, após a revolução de 1917, e vai ganhar a vida como trabalhadores braçais, Maria Lacerda tece comentários sobre a importância do trabalho braçal para todas as pessoas, rompendo com uma sociedade em que um pequeno número de parasitas sociais (de governantes a intelectuais, etc.) se alimenta do esforço de um grande número de trabalhadores. E, citando outro autor de sua predileção, Han Ryner, ela lembra que o trabalho intelectual nunca gerou um só grão de trigo... Às vezes, sob a influência do intervalo histórico de minha própria existência e a existência de Maria Lacerda e outros anarquistas, tenho a impressão, que pode ser ilusão, de que lá atrás, ao menos, os trabalhadores sabiam que eram explorados, mesmo que essa consciência não efetivasse insurgências. Hoje, vivemos tempos de glorificação dos parasitas, vivemos tempos em que se diz que o patronato é importante porque gera/dá empregos, em tempos de que políticos, juizes, advogados e policiais são exaltados como o sustentáculo dessa sociedade, na arte de massa, como se vivêssemos na sociedade de nossos sonhos.

Outro evento: por duas cartas que recebeu pedindo apoio no combate à prostituição e ao tráfico de mulheres, ela recusa esse combate policiaisco e desmascara a moral burguesa que pede seu apoio, mostrando que todos, estado, igreja e burguesia, inclusive as mulheres burguesas, estão implicados no sustento da prostituição e do tráfico de mulheres e que a recusa à autoridade, a liberdade amorosa e a ruptura com essa sociedade de classes seriam antídotos efetivos contra a exploração das

mulheres. Passagem interessante, por exemplo, é a que Maria Lacerda diz que, mantido esse estado de coisas, citando pesquisa de um médico francês, sob o ponto de vista orgânico, a vida de uma prostituta seria muito mais saudável que a de uma trabalhadora fabril, sendo explorada 16 horas por dia, mostrando as contradições insolúveis de sociedade de classes, que, majoritariamente, as feministas atuais se recusam a ver e participam ativamente em sua manutenção e reforma. Maria Lacerda recusa o aumento das dimensões e o conforto da jaula...

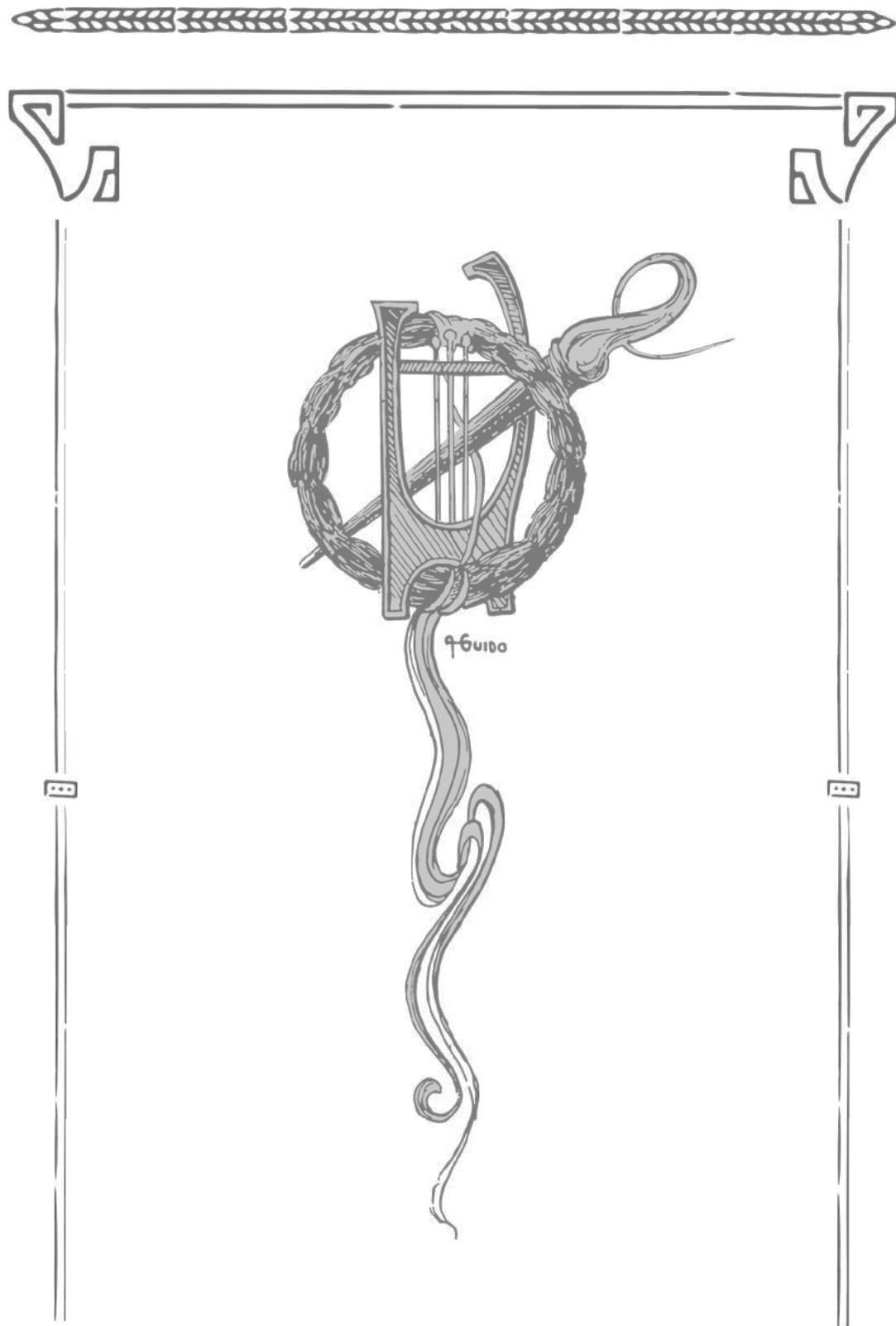
E, enfim, a última fustigada nessa sociedade, dizendo que complicamos tanto os atos de comer e sexual, que nos envolvemos, estafados e confusos, no turbilhão dessa civilização artificiosa, e que o retorno à natureza, a simplificação dessas necessidades humanas nos tornaria mais felizes.

Muitos acusariam Maria Lacerda de ingenuidade ou de utópica, essas mesmas vozes acusativas trabalham ativamente na manutenção desse mundo de infelicidades e injustiças... Convido o leitor a dar as mãos à autora e segui-la nas nuances de seu pensamento e desejar e construir um mundo de relações novas. A anarquia se faz do micro para o macro, seu tijolo fundamental, estou com a autora, é a objeção de consciência!

Orgástica leitura!

Rodrigo Cruz Gagliano

Doutor em Linguística pela UFSC



A ciência a serviço da degenerescência humana

.....

A HUMANIDADE, CONSIDERADA NA ESPÉCIE, CONSERVA A mentalidade rotineira, atrasada, empírica de todos os tempos, de todos os rebanhos. Ainda mais: a civilização sufoca o instinto animal de defesa.

A evolução é individual, e o conservantismo das massas é assegurado pela influência ancestral fossilizada no subconsciente coletivo e pela educação, domesticadora até o servilismo.

Mas, se o rebanho humano é sempre o mesmo, faminto de pão e divertimentos, guerras ou circo, política ou cinema, sedento de prazeres brutais e de gargalhadas sensuais, essa vaga imensa ondulando ao sabor de um Alexandre, um Amílcar Barca, um Aníbal, um Xerxes, um César, Napoleão, Mussolini, Papa, Dempsey, Tunney, um Chico Boia, um Rodolfo Valentino, — em compensação a ciência progrediu tanto que deu origem a fantástico desequilíbrio na vida social, posta imediatamente a serviço das perversidades inomináveis, de toda a imbecilidade humana.

Descobertas, investigações, os métodos científicos atestam o esforço da elite intelectual. Por outro lado, cientistas se vendem cinicamente ao poder, ao capital, à vaidade das exibições.

E o capitalismo industrializado se apodera de todo esse afã científico, mesmo ainda em embrião, de maneira que canaliza as energias humanas em uma direção única — a luta de competições, a concorrência econômica, o assalto às posições já ocupadas, o nacionalismo e, conseqüentemente, as guerras.

Todo o gênero humano vive para a cumplicidade brutal da prostituição sob todos os aspectos, pois que a organização social capitalista não passa de um vasto bordel em que se compram e vendem todos os sentimentos e as mais nobres aspirações, o Amor e a Consciência, as mais altas manifestações da Vida humana.

E toda a humanidade, em tempo de paz como em tempo de guerra, vive, trabalha, luta pela cumplicidade que leva os humanos a se estraçalharem ferozmente nos campos de batalha.

E, enquanto nas Igrejas se prega o “Amai-vos uns aos outros” e se lembra o “Não matarás”, sacerdotes patriotas abençoam aviões, couraçados e bandeiras, na França contra a Alemanha, na Alemanha contra a França, na Itália, na Bélgica ou na Áustria, em nome do mesmo Jeová terrível, em nome do Deus sanguinário de todos os exércitos, das pátrias exclusivistas e do chauvinismo cristão.

Dá-se ainda um fenômeno digno de nota: os próprios cientistas não se subtraem à influência das massas. Enquanto nos seus gabinetes, em meio de retortas e máquinas, experimentam, pesquisam, atordoam-se na inquietação absorvente de resolver problemas ou aproximar-se de determinada verdade, são admiráveis, superiores, grandes na sua perseverança; logo que atingem a uma pequenina realização e vêm para o cenário social aplicar o resultado das suas experimentações, caem no nível das massas, descem à vulgaridade do dogma, à mediocridade domesticada, servil e perversa das Pátrias e dos partidos.

Acorda-se o nacionalista, o religioso a serviço da superstição e da ignorância, o cidadão a serviço dos governos e das bandeiras, contra outros governos, outros cidadãos e outras bandeiras.

E toda a sua ciência se prostra aos pés do capital e da indústria.

O esforço superior do homem livre é deturpado, é prostituído.

Todas as descobertas, sem exceção alguma, todas as pesquisas da ciência são açambarcadas pelos interesses industriais e para as conquistas da guerra, conseqüentemente.

A aviação é instrumento nacionalista e as façanhas aviatórias, ainda que um Amundsen, um Charcot, um Nansen delas se sirvam para descobrimentos científicos, são manejos da embriaguez patriótica ou da

maroteira política — para açular os “cidadãos” à defesa sagrada da pátria gloriosa... E até as palavras têm o seu prestígio no despertar das emoções ou das paixões capazes de acordar o sentimento do dever nacional.

O vapor, a eletricidade, o rádio, tudo, absolutamente tudo tem o seu papel preponderante na destruição pela guerra – em nome do Moloc da pátria.

Mas quem move os cordéis da diplomacia e do Estado são os banqueiros, os famosos industriais de aviões, submarinos, couraçados, torpedos e metralhadoras — todos esses canibais que se nutrem dos campos de batalha.

E o rebanho humano continua a defender e a respeitar, patriótica e religiosamente, a todos os interesses legislativos e nacionalistas, a toda autoridade constituída para afiar o cutelo que há de cortar, piedosamente, o pescoço e abrir o ventre dos que vão, entoando hinos, alimentar a boca escancarada dos canhões, das máquinas de guerra que recebem e trituram a carne humana e a transformam em moeda corrente com que os grandes industriais e os políticos, seus cúmplices, compram o poder, a glória e as cortesãs.

Até mesmo a bondade imensa de Mme. Curie está trabalhando para a destruição do gênero humano.

Santos Dumont se sente profundamente arrependido de haver contribuído para a carnificina gloriosa dos milhões de vítimas da ferocidade civilizadora iniciada em 1914.

O cinematógrafo cultiva a imbecilidade, o preconceito da força bruta, o prejuízo patriota, a superstição religiosa, a moral farisaica da sociedade filisteia, o mundanismo parasita, todas as tolices seculares e todos os crimes de lesa-felicidade.

Rara a película de tese social elevada. Tão rara que a assistência, no seu conjunto, a repudia...

Descoberta feliz, sonhada talvez para a escola moderna, para o cultivo da inteligência, caiu imediatamente nas malhas do industrialismo absorvente e foi colocada ao sabor e ao alcance das massas, em vez de servir para elevar a mentalidade humana ao nível do ideal científico puro e das aspirações de renovação social pela educação.

Mas há tanta impudência e tanta cupidez na civilização de indústria que um filme como o do livro de Remarque consegue atravessar as malhas da reação burguesa.

Dá que pensar: a civilização do dólar será engolida por si mesma, morrerá de apoplexia.

O que se verifica com o cinematógrafo a serviço da imbecilidade e da ignorância sentimentalista dá-se também com o rádio.

Já a radiotelegrafia é instrumento da polícia, e uma agência de anúncios de todas as drogas que envenenam a humanidade, inclusive a droga literária acadêmica, a droga histórico-patriótica, droga das caravanas políticas e droga dos encontros de pugilato e dos concursos comerciais de beleza.

Santos Dumont, Edison, Marconi, Mme. Curie — instrumentos do progresso material para a conquista do poder, do dinheiro, para o alargamento das fronteiras nacionais contra outros capitais, outras bandeiras e outros nacionalismos.

Marconi já vendeu a própria consciência: fascista, marquês, senador, presidente nomeado da Academia de Letras italianas...

Cada descoberta científica é nova fonte de conflitos internacionais, tudo concorrendo para liquidar mais depressa o gênero humano.

Neste momento, todos os grandes laboratórios químicos estão ocupados no fabrico de gases sempre e cada vez mais tóxicos para a próxima guerra.

Sabe-se mesmo que será também aproveitado o trabalho dos cientistas ocupados hoje em cultivar e exasperar a virulência dos micróbios das mais terríveis moléstias.

Até mesmo o mundo proletário, embora o protesto contra a civilização burguesa-capitalista, cava a degenerescência da espécie e coopera para essa luta dantesca, ora imprimindo as imbecilidades escritas pela burguesia acadêmica, patriótica e mundana, ora fabricando munições e armas de guerra, mesmo porque todas as conquistas do progresso material constituem armas de guerra para o sustentáculo do domínio de uns e do servilismo e domesticidade da maioria.

Seria bem preferível que o operário amputasse ambas as mãos se se resolvesse a trabalhar em arsenais de guerra, de hidroplanos e metralhadoras, couraçados e torpedos. Deveria ter vergonha de si mesmo

ao reivindicar os seus direitos à liberdade, após oito ou mais horas de trabalho em estaleiros de navios de guerra ou em um arsenal de idiotices perversas ou de brigas de comadres, como, por exemplo, as redações das imprensas oficiais.

De qualquer modo, dentro da civilização, todos nós concorremos para o canibalismo patriótico das trincheiras e das pilhagens militares.

Entretanto, o trabalho intelectual não exclui o trabalho manual e vice-versa; pelo contrário, a harmonia de todo o ser vem da energia física em ação e do prazer de pensar e agir e criar mentalmente.

O único homem que não contribui diretamente para a guerra, para a destruição, para a fome, para a peste, para a miséria física e moral é o pequeno agricultor.

Não o capataz que dirige, governa e explora, de rebenque em punho, que humilha o semelhante, enriquecendo-se à custa do suor alheio, mas o humilde lavrador que cava a terra e semeia a nutrição, a vida, a força, a alegria da fartura e da fecundidade sadia, porém, que não contribui para a riqueza social, o que não exige o intermediário para as suas transações comerciais.

A volta ao trabalho rude da terra será, portanto, a consciência tranquila, para além de toda cumplicidade com a organização social, baseada na exploração do homem pelo homem?

Nem sempre. Parece-me que ainda não.

É justamente na produção da terra e mesmo na propriedade da terra em si que se alicerça todo o formidável edifício da exploração social.

Se ninguém plantasse senão o estritamente necessário para si e para os seus filhos menores, para os velhos e para as mães e as crianças e os inválidos da sua família, ao mesmo tempo praticando o auxílio mútuo, não se formariam *trusts* de café, de açúcar, de algodão, de arroz, de trigo, de mate, de todos os gêneros de primeira necessidade, para fortuna dos reis da agricultura industrializada — que não plantam e se enriquecem à custa do suor dos que plantam.

Daí a concorrência aberta para as lutas comerciais de competição, origem das guerras modernas.

É o excesso da produção, sob todos os aspectos, na lavoura como nas indústrias, a causa de todos os conflitos na sociedade atual. O nosso mal não vem da falta e, sim, do excesso de produção. A miséria do mundo

moderno ainda vem da fartura e do excesso de riqueza e de progresso material. Da má distribuição dos gêneros alimentícios. Por ora, a terra daria bem para a sua população.

E o operário verdadeiramente consciente, operário manual ou cientista manipulando o pensamento no fundo das retortas ou nos cálculos e problemas, à procura das leis naturais, em busca da razão de ser da vida — não fabrica armas para abrir o ventre dos seus próprios filhos em holocausto no altar da pátria, esse ídolo sanguinário de fauces escancaradas a absorver as energias de todos os assalariados do trabalho.

Se houvesse verdadeira compreensão do dever humano, os indivíduos livres, homens e mulheres conscientes, se recusariam a pactuar com essa civilização de vampirismo social, voltariam ao trabalho duro da terra, à vida simples e natural, porém cheia de compensações, de liberdade, para deixar sentir a alegria da consciência que não desce à cumplicidade de lutar em favor do esmagamento de toda a humanidade.

.....

Voronoff

.....

EM MEIO DESSA EMBRIAGUEZ DE GOZOS MATERIAIS, DESSE delírio de progresso sensual, surge o elixir da longa vida, com Voronoff.

A velhice é uma caricatura da infância, é a meninice sem a graça, a ingenuidade, a beleza, a candura, a sedução da puerícia.

A velhice é a idade da avareza, das preferências apaixonadas, da sordidez, do egoísmo, das experiências adquiridas, da glotoneria, da falta de higiene, das desilusões, das ideias fossilizadas.

Até os 30 anos, podemos receber impressões novas, aceitamos ideias, mesmo quando venham derrubar o edifício calcificado da herança ancestral, ainda que para voltarmos, mais tarde, ao ponto de partida...

Depois, atravessamos o período da ruminação e aí ficamos algum tempo, ou nos conservamos, por toda a existência, as “almas ruminantes” de que fala Romain Roland, voltando aos prejuízos, aos preconceitos inculcados na adolescência, pela educação e pelo exemplo.

As grandes conversões ou as conversões dos livres-pensadores de rebanho são fatos de todos os dias.

A fraqueza de memória, a perda da acuidade sensorial, a imaginação cheia de fantasias absurdas e muitas vezes até perversas, a ambição, fazem da velhice quiçá o pesadelo dos que velam por ela.

Sob outro aspecto, o velho, nesta época positiva de cupidez, quase sempre é um estorvo: a herança depende da morte dos velhos...

O velho, se não sabe ficar na moldura, na expressão de Emile Faguet, é um desastre, motivo de discórdias em toda a família, motivo de conflitos de toda ordem.

E quê de ridículo, além da fatalidade com que a própria natureza satiriza a decrepitude!

O ideal é morrer no vigor das faculdades e dos sentidos, ou, pelo menos, ao atravessar o Cabo da Boa Esperança, no outono iluminado da vida, antes de entrar no das tormentas... e das imbecilidades da caduquice, arremedo caricatural da ingenuidade infantil.

Situação humilhante de protegidos da caridade!

Como são dignos de admiração e amor os velhos estoicos, mas, como são raros! Como são raros os velhos de almas sãs para penetrar o sentido da vida, de almas jovens para desejar e continuar a realização interior pela bondade envolvente, tolerantes, compreensivos para deixar aos moços a liberdade de pensar, de errar, de aprender, de adquirir experiências próprias, de viver segundo as suas necessidades e os seus sonhos precursores! Sócrates, Reclus, Kropotkin, Ibsen, Han Ryner...

Mas a velhice gamenha, voronofizada é o mesmo ridículo dos cabelos e bigodes pintados, emoldurando as rugas indiscretas ou a *maquillage* em pessoas idosas em que apontam, agressivamente, os estragos do tempo e as dores do mundo.

A juventude vem de dentro para fora. Despertar, cultivar as energias interiores, em vez de ir buscar nos artificios o remédio para os desvios e as loucuras e a degenerescência humana, alimentada e multiplicada com a civilização industrial capitalista — eis o caminho da juventude eterna.

A velhice é uma etapa desagradável do círculo evolutivo de uma parcela de vida em relação ao Eterno e ao Infinito. A morte é a solução, a única desejável. Depois... Quem sabe?

Morrer, transformar-se... A morte não existe. É como as vagas do grande Oceano e vão e voltam a quebrar-se nas praias iluminadas pelos raios do Sol vivificador.

Descuramos os meios naturais de garantir o vigor do corpo, a resistência orgânica, a saúde física e mental, viciamo-nos, degeneramos os nossos filhos, concebemos esses filhos através do vício, da ociosidade, do trabalho forçado, do sensualismo absorvente, da libertinagem: são os filhos do tédio, da embriaguez, do descuido, do acaso. A vida fictícia e trágica das cidades nos envenena até o fundo da consciência, e, degenerados até a medula, pretendemos encontrar o elixir da longa vida,

para voltarmos embriagados de mais sensualismo baixo e mais cupidez e entornarmos uns restos de existência artificial nas roletas, nos Cabarets, nos bordéis, nos lupanares e na vulgaridade senil mascarada de juventude.

Mutilar-se nas guerras — para a ciência provar que pode recompor e embelezar, talvez, um rosto ou suprir órgãos, prova bem a brutalidade e a insensatez humana. Não seria preferível fazer desaparecer as causas das guerras?

Mas, isso não é possível, dentro de qualquer organização social baseada no capital e nos preconceitos burgueses, na moral farisaica do Cristianismo, como impossível fechar as casas de prostituição, substituindo o caftismo e o vampirismo social pela liberdade do amor, pelo pluralismo amoroso sem a compra e a venda da carne feminina.

Assim, inventam-se meios artificiais para mais rapidamente degenerar-se todo o gênero humano.

E, intoxicados de vícios, de ociosidade, de parasitismo ou de miséria, de digestões doloridas ou de concepções fossilizadas, alimentados de “verdades mortas”, senis, “almas ruminantes”, somos incapazes de nos elevar um pouco acima da bestialidade dos instintos primitivos, sufocadas as energias interiores, adormecida a beleza de cada ser — no ruído e nas preocupações do mundo exterior. E vamos buscar, nas florestas, um ser livre e feliz, vivendo em harmonia com as suas necessidades naturais e o inutilizamos ou o matamos, roubamos a sua vitalidade ou reduzimo-la à metade — para ressuscitar cadáveres ambulantes, para estimular as senilidades imprestáveis, cujo corpo envelhecido precocemente, talvez em orgias e libertinagens, pode dar vida a filhos predispostos à mesma degradação moral, com tendências à mesma senilidade precoce e cuja mente rotineira e empírica há de continuar a deitar regras de conduta de uma moral também senil — para tirar aos moços a liberdade e a alegria de viver de acordo com as necessidades do momento e de acordo com a evolução e as ideias e sonhos prenunciadores.

Se vivêssemos como os pássaros, que são livres logo após os primeiros voos...

Mas, conservar, remoçar artificialmente a avós e tataravós para constituírem novas famílias talvez, e nos tirar mais a liberdade de pensar

e agir e obrigar-nos a um beija-mão que nunca mais terá fim, é simplesmente desumano... é povoar a vida de fantasmas simiescos.

Imaginemos Clemenceau, o “tigre” voronofizado: com que petulância perversa fomentaria de longe uma nova guerra!

Imaginemos um Ruy Barbosa falando, falando, gesticulando ininterruptamente o seu patriotismo contra os pais da pátria que lhe negaram, sistematicamente, o supremo prazer de domínio, em lugar supremo de presidente da República brasileira!

Acabaria por esgotar a nossa paciência... e esgotaria de vez os cofres da nação. Seria a bancarrota de tudo...

*
**

O que é mais criminoso é lançar mão de um ser vigoroso e feliz na sua vida simples, natural — para, com o seu sacrifício, alimentarmos a velhos decrépitos, cuja vida foi um hino ao vício, à libertinagem, cujos capitais e cujo poder foram adquiridos à custa do suor alheio.

Porque um sábio, um filósofo autêntico não consentiria nunca em martirizar um ser para dele tirar recursos em seu proveito próprio.

As operações de Voronoff, a não ser as primeiras experiências suas e de seus discípulos na pobre gente dos hospitais e asilos, sem direito a nenhum direito, são operações nos velhos endinheirados e nos poderosos, cuja consciência foi amassada no parasitismo, cujos cofres foram enriquecidos à custa da exploração de milhares e milhares de operários, à custa do martírio e servilismo do rebanho humano.

Depois, os charlatães da ciência podem multiplicar embustes ou provocar aleijões morais, a sugestão fica e o seu prestígio cresce, porquanto sentem crescer a confiança em si, e eles mesmos se desdobram em valor aos seus próprios olhos.

Tem razão Bernard Shaw: O médico que mata com coragem de convicções, com energia, “com maestria, sente crescer seu orgulho em cada crime que comete”.

*
**

O método de Steinach, professor em Viena, com o enxerto de glândulas de outro semelhante ou com o enxerto de glândulas do próprio paciente, tem dado, dizem, muito mais resultados que o de Voronoff.

É, pelo menos, mais humano, é feito com o consentimento de um indivíduo que estará ciente e consciente de que se vai prestar a servir a outro indivíduo.

Muitas fraudes e muitos crimes podem advir daí; entretanto, há mais probabilidades de consentimento do ser humano do que do macaco...

Mas, outro médico notável, o Dr. Juan E. Corulla, em um artigo em La Nación, a respeito do rejuvenescimento, diz:

Por outra parte, nem Voronoff nem Steinach puderam apresentar até agora um caso de verdadeiro rejuvenescimento. São melhoras parciais, atinentes unicamente à esfera sexual, dentro da qual é inegável aumento de atividade.

As células nervosas e os demais órgãos nobres continuam como dantes. Não negamos que isso seja resultado e bom, porém, é preciso convir que estamos todavia muito longe de haver encontrado a fonte de Juventia e que é muito duvidoso que seja esse o melhor caminho para chegar até ela.

Resultado “muito ótimo”, dirão os velhos esgotados.

Para a velhice libertina, basta apenas o aumento da atividade sexual, e “*après moi, le déluge*”...

Entretanto, a longevidade, além de ser característica de família, aptidão hereditária, depende muito mais de nós mesmos do que de intervenções exteriores. E a longevidade sadia é trabalho de higiene mental e de alegria interior, de uma bondade incapaz de sacrificar a quem quer que seja em benefício próprio.

Ademais, que sabemos da Vida?

Somos emparedados. E todos os nossos gestos movem-se através da nossa profunda ignorância presunçosa.

Os humanos temos a pretensão de nos considerarmos acima dos chamados irracionais. E, orgulhosos, não queremos ver os erros e os crimes criados por nós mesmos em torno dos nossos destinos, estraçalhados pela nossa perversidade calculada, sórdida, mesquinha e autoritária.

Que conhecemos dos liames biocósmicos?

Além de tudo, os símios estão muito acima da velhice parasitária, da senilidade libertina, do castigo da consciência humana civilizada,

banqueiros e césaes, vampiros sociais, cuja vida é sugada na dor de todo o gênero humano escravizado aos cofres fortes, domesticado pela cidadania, dobado no regime social da exploração do próximo.

.....

Ainda Voronoff

.....

VORONOFF NÃO É PRECURSOR, NEM INOVADOR, NEM INDIVIDUALIDADE nascida fora do século, indesejável entre os contemporâneos, combatido pela ciência oficial, não é profeta de ideias novas e de sonhos para serem arrebatados por outras gerações, nem ao menos é colaborador da ciência, tomada a ciência em seus justos termos.

Voronoff é homem da sua época, da época do *jazz-band* e de Josefina Baker.

De uma experimentação científica de laboratório para observação em torno das secreções das glândulas e do efeito dessas secreções no organismo, e, conseqüentemente, a aplicação do resultado dessas experiências na terapêutica, daí para charlatanizar a ciência aplicando-a à indústria de animais e ao sensualismo senil — vai considerável diferença.

Não posso compreender a ciência intervindo no aperfeiçoamento dos meios do homem em extorquir dinheiro de outro homem, valendo-se da cirurgia, no atentado à vida fisiológica dos animais sadios.

Compreendo a necessidade do veterinário, não compreendo a vivisseção a não ser como um delírio de perversidade inominável, nem chego a ver a vantagem da embriaguez científica que põe milhares de cobaias e cães e qualquer espécie de animal à mercê dos “cientistas” — funcionários públicos — vaidosos quase de fazer sofrer aos “mártires da ciência”, em nome de um princípio ou de uma descoberta ou de uma pesquisa ou dos problemáticos benefícios daí resultantes para todo o gênero humano, e, as mais das vezes, em nome do salário pago pelo Estado, em nome do ordenado mensal.

Questão de estômago ou de ídolos.

Também os sacerdotes pagãos sacrificavam criaturas indefesas, animais, crianças, homens e mulheres, em nome da paz ou da guerra, a fim de aplacar a cólera dos deuses — em benefício da humanidade.

O Moloc de hoje é a ciência.

Tolstói o definiu admiravelmente: “A ciência ocupa em nossa época exatamente o mesmo lugar que ocupava o sacerdócio, há alguns séculos. Os mesmos bonzos revestidos de títulos, as mesmas castas nas ciências: academias, universidades, congressos. A mesma confiança e falta de critério por parte dos crentes; as mesmas divergências e as mesmas palavras incompreensíveis, a mesma presunção”.

Tem razão Bernard Shaw: “Se ao menos os Voronoff conseguissem, com a enxertia, fazer do homem um macaco respeitável...”.

Não. O homem continuará a descer sempre, bem para baixo de todos os símios, na sua maldade de criatura civilizada, com os seus “raios invisíveis” e “raios da morte” e gases asfixiantes e aviões e submarinos e torpedos e laboratórios científicos para estimular todas as virulências, desde as guerras até o prazer satânico de martirizar os animais em nome do humanitarismo clínico.

Não é sentimentalismo piegas e sim pan-humanismo o que lemos em “Atlântida”, de 21 de outubro de 1927, a propósito da vivisseção:

Da perpetração de atos morais maus não pode resultar benefícios, de maneira alguma, para a humanidade.

A crueldade nunca poderá ser um caminho para o aperfeiçoamento humano.

A ciência não se adquire com a crueldade. E muito menos a sabedoria, acima de qualquer espécie de violência.

Ainda mais: “Se a fisiologia não pode adiantar sem infligir horríveis torturas aos animais indefesos, é melhor que a fisiologia fique onde está. A humanidade pode progredir sem a fisiologia, porém, não poderá progredir sem a piedade”.

Extirpar uma glândula sexual do macaco nada representa para o homem, mas extirpar um testículo do homem é algo de muito importante na sua integridade...

Quanto à vivisseccão, o próprio Claude Bernard, o experimentador *primus inter pares*, que massacrava, brutalmente, a dois mil cães e que, sem anestesia, os matou lentamente, o bárbaro que, para atender aos protestos da sua vizinhança, cortava, antes das experiências, as cordas vocais dos animais, a fim de que não uivassem de dor, o próprio Claude Bernard diz:

A vivisseccão é a deslocação do organismo vivo por meio de instrumentos e de processos que lhe podem isolar diferentes partes. Reduzida a si mesma, ela só teria alcance restrito e poderia, em certos casos, induzir-nos a erros sobre o verdadeiro papel dos órgãos. Por essas reservas, eu não nego a utilidade nem mesmo a necessidade absoluta da vivisseccão no estudo dos fenômenos da vida, eu a declaro apenas insuficiente.

Com efeito, nossos instrumentos de vivisseccão são tão grosseiros e nossos sentidos, tão imperfeitos que só podemos atingir no organismo as partes grosseiras e complexas.

Não obstante, a mania da vivisseccão é o orgulho da ciência moderna, e as vacinas e soros se multiplicam para gáudio da terapêutica industrializada e para o martírio dantesco das cobaias e dos símios.

Cousa a mais natural do mundo o *homo sapiens* roubar do macaco o que seria incapaz de lhe dar, o que dificilmente, excepcionalmente, seria capaz de dar ao próprio semelhante.

E para quê? Se o resultado não passa de sugestão ou se limita à absorção mais ou menos lenta do hormônio da glândula transplantada?

Resultado para três ou quatro anos, findos os quais outra enxertia é necessária para novo rejuvenescimento.

E a imprensa popular, o jornalismo industrializado a encher-se de termos prometedores, “rejuvenescimento”, “elixir da juventude”, como se Cagliostro tivesse voltado e o seu espectro redivivo derramasse por sobre os homens a cornucópia de todos os sonhos alquimistas transformados na realidade palpável da voronofização.

Aliás, o sonho da mocidade prolongada vem de muito distante.

Ovídio, em as *Metamorfoses*, conta que, no antigo Egito, era praticada a transfusão de sangue nos velhos, pelos sacerdotes, para rejuvenescê-los.

Também os sacerdotes de Apolo utilizavam-se do sangue dos gladiadores e atletas — como terapêutica religiosa para o rejuvenescimento.

Plínio e Celso, por sua vez, recordam essas práticas clínico-religiosas de hemoterapia.

Em Roma, Járão e Taraquila, a mulher de Tarquínio Prisco, são exemplos, dizem os cronistas, do anseio da conservação da juventude.

Um médico hebreu praticou a transfusão de sangue no Papa Inocêncio VIII, no século XV.

A pedra filosofal e o elixir da longa vida, a alquimia, os José Bálamo e os Zanoni já dão a ideia da preocupação absorvente em torno da eterna mocidade.

E o Dr. Fausto só encontra a juventude através do pacto com Mefistófeles...

Suetônio, Galeno, Bacon, Armaiangaud estudavam ou recordavam receitas para o prolongamento da juventude.

O caldo da rã, usado pela mulher de Galvani, a alimentação de galinhas, por sua vez alimentadas com víboras (Arnaud de Villeneuve, séculos XIII e XIV), o frigorífico de Hunter (parece-me), para a conservação da mocidade... as considerações de Bufon, descrente de todo e qualquer processo de prolongamento da vida, os conceitos de Stadman e de Weber, aceitando a ideia da longevidade, tudo isso prova bem o interesse em torno das tentativas conducentes ao rejuvenescimento.

Metchenikoff tenta-o também; aliás, os seus processos parecem bem mais lógicos.

Depois, as experiências concludentes de Barthold em 1849 (enxertos, transplantação de gônadas de frangos): primeiramente os enxertos e, em segundo lugar, a ideia nova ou o novo conceito a respeito das secreções internas.

Brown-Séquart, em 1889, cuja teoria sexual da velhice é a de Voronoff, que também se apoia na observação dos eunucos. Os trabalhos de Brown-Séquart têm o mérito incontestável de haverem sido experimentados no próprio autor, o que se não verificou ainda com Voronoff...; Harms, 1914, enxertos de glândulas de animais jovens em animais velhos; Steinach e a vasoligadura nos enxertos; Lespinasse, 1913, e o processo da transplantação de glândulas de homem vivo; Lydston, 1914, e a

transplantação de glândulas de homem morto, logo após o passamento, conservado em frigorífico; Lydston e a transplantação das glândulas do chimpanzé, em 1916, etc., etc.

A opoterapia de Brown-Séquart ou extrato de órgãos dos animais, ainda hoje tratamento muito aconselhado pelos médicos, é considerado por Voronoff e seus discípulos como paliativo, cousa já do passado (*A conquista da vida* – Voronoff)

Diz Voronoff nesse livro:

A aplicação quase universal, do método de Brown-Séquart, não deu quanto se esperava, e, atualmente, está quase abandonado. A razão está em que a trituração da glândula não permite extrair todo o produto, e o líquido obtido é pobre em elementos ativos.

Esse líquido, como todo extrato orgânico, altera-se rapidamente, perde suas propriedades e frequentemente torna-se tóxico. Desde então, sua ação só pode ser momentânea.

Assim é que, em ciência médica, a última teoria ou a última descoberta destrói todas as anteriores... E, por associação de ideias, lembro-me da quase centena de crianças mortas pelas vacinas de Calmette, antituberculosas.

Pobres cobaias humanas...

Voronoff “destrói” também a Metchenikoff com os seus fermentos lácteos.

Nada fica de pé: só o enxerto do símio, só Voronoff descobriu o elixir da longa vida. E, como tal, Voronoff ri-se dos antivivisseccionistas.

Ainda podemos citar muitos nomes e outras tantas experiências. O próprio Voronoff, no livro indicado, diz:

Essa cirurgia do porvir é o enxerto de nossos órgãos, de nossos tecidos, de nossas glândulas. O caminho está traçado por nomes de primeira linha: Carrel, Dartigues, Eiselberg, Horm, Knud Sand, Kuttner, Lespinasse, Lexner, Lydston, Marro, Mauclair, Moris, Parragon, Pende, Pezard, Steinach, Thorek, Tuffier, J. Voronoff, Walker, Zavadowsky, etc.

Mas condena o enxerto das glândulas do semelhante, por muitas razões; defende apaixonadamente o enxerto das glândulas do símio.

Voronoff só aparece positivamente em 1922, isso não o impede de afirmar e deixar que um dos seus colaboradores afirmasse que os cientistas americanos ensaiaram e mal os seus métodos de enxertia nos grandes mamíferos e no homem. Esses cientistas são, precisamente, Lespinasse e Lydston!

Todas essas pesquisas no domínio da alquimia ou da cirurgia pagã ou da ciência propriamente dita provam bem que Voronoff nada descobriu, nada ou pouquíssimo contribuiu para o estudo das secreções glandulares, nada fez de novo, nada adiantou senão em vulgarizar a questão, trazendo-a para o domínio público no sentido de industrializar assunto de laboratório.

É o lado medíocre, o lado ridículo de todas as cousas puramente práticas e populares.

O rejuvenescimento por processos clínicos e terapêuticos continua no mesmo plano da utopia absoluta.

Em todas essas experimentações, o que predomina nos homens a elas submetidos, mais que tudo, é a sugestão, depois... o amor próprio.

Nem um homem dirá que a enxertia não deu resultado...

E, em tudo isso, quem vai pagar caro é o macaco.

.....

E Voronoff descobriu o Macaco!

.....

MUITOS SÃO OS ASPECTOS DO PROBLEMA VORONOFF DIZ O CIENTISTA que é engano apreciar os resultados das intervenções apenas sob o ponto de vista genésico, como se dá geralmente, e que esse resultado é o menos importante e aparente. Frisa, mui principalmente, os benefícios do rejuvenescimento geral de todas as funções, e, com especialidade, das funções cerebrais — o que é contestado por outros cientistas.

E são conhecidas as inúmeras operações de Voronoff e, positivamente, pouco divulgados os resultados... e, quando o são, escondidos no anonimato, como os anúncios populares das panaceias milagrosas. Quem faz essa operação fica envergonhado e se esconde... Não sei por quê...

Não será um rejuvenescimento geral também aparente, proporcional às secreções das glândulas enxertadas, à sua irrigação ou nutrição, e que se esgotará com a substituição das células, para dar lugar a uma queda mais brusca, à volta ao primeiro estado de decadência senil?

Não será como o efeito de certos excitantes momentâneos que deixam o paciente, depois, mais abatido, mais desanimado, mais esgotado?

Uma labareda que o próprio indivíduo se incumba de apagar, atirando-se, confiado ou desconfiado, ao rumor confuso e louco da vida fictícia de gozos e libertinagens e sensualismo sob todos os aspectos ou intensificando a ansiedade ambiciosa de operações financeiras e políticas, na atividade multiplicada na esperança de abarcar, de acumular, de aproveitar, de ambicionar, de experimentar novos prazeres e criar novas necessidades?

Daí, a degenerescência de toda a mocidade na crapulagem — à espera do dia em que um enxerto de símio os torne a todos, novamente virilizados, como se a alma pudesse virilizar-se ao contato de algumas células de carne simiesca, como se a inteligência brotasse, num estalo, das glândulas enxertadas.

Os fanáticos da voronofização geralmente são os falidos morais, os que nunca sentiram a própria alma e nunca tiveram mentalidade: para esses, de que vale rejuvenescerem as funções cerebrais se nunca existiram senão na vulgaridade dos rebanhos atordoados de ignorância e sensualismo e domesticidade?

É essa gente, esgotada de vícios, de mediocridade, de cupidez que a voronofização vai servir e atirar à atividade feroz do industrialismo moderno e do *jazz-band* sensual.

E, de passagem, a idade adorável para a voronofização vai entre os 45 e os 50 anos.

Uma pergunta indiscreta nos salta da pena: por que Voronoff não se fez ainda voronofizar?

Em todo caso, que degenera toda a humanidade, se quiser, acabe com toda a espécie, na loucura de rejuvenescer a cadáveres mumificados

de perversidades e baixezas e delírio de embriaguez sensual, já que os homens e as mulheres consentem e se prestam a tudo, na ansiedade de criar e gozar gozos de vício e de luxúria, na ambição de se civilizarem até o aniquilamento total das guerras científicas. Mas que direito tem a ciência dos homens de intervir na vida natural dos animais para industrializar as suas funções orgânicas?

Toda a ciência, toda a atividade humana é logo industrializada no charlatanismo do aproveitamento de tudo para a civilização capitalista.

Voronoff está a serviço do dinheiro e da imbecilidade humana.

Ao homem, não basta domesticar os animais para deles se utilizar: criou, degenerou tipos, aniquilou, perturbou evoluções, na cupidez de tirar partido da sua atividade, do seu valor nutritivo e do instinto de reprodução.

Foi muito mais longe. Que fez o homem, do cão? Fê-lo à sua imagem e semelhança: fiel, servil, covarde para com os senhores e parasitas ociosos, para com os que lhe batem; atrevido, impertinente, autoritário, perverso, exigente, feroz para com os fracos: trôpegos, mendigos, maltrapilhos, criados e boêmios nômades.

Agora, Voronoff vai enxertar os animais para aumentar o rendimento industrial dos rebanhos.

Voronoff representa bem uma época.

Voronoff é um símbolo.

É a ciência charlatanizada pelo industrialismo moderno, a ciência a serviço do bezerro de ouro, a ciência do vampirismo humano esgotado de senilidade precoce a sugar as glândulas dos animais.

Enquanto a civilização inventa vícios e mais vícios, e se intoxica de imbecilidades e preconceitos, e sufoca as mais nobres aspirações e os mais belos sentimentos, e degenera os organismos humanos no delírio de gozar, de açambarcar tudo, numa cupidez carnal de canibais civilizados, enquanto o progresso industrializa e degenera também aos animais domésticos, os animais chamados selvagens respeitam as leis naturais, vivem a vida simples em plena natureza, satisfazendo às necessidades instintivas, conservando a vitalidade, sóbrios, sadios, exuberantes de energia orgânica.

É justo que o libertino, o luético, o alcoólatra, o cocainômano, o jogador, o farrista, os “tigres” políticos profissionais e senis, banqueiros e

escroques elegantes, altos funcionários, senadores e magistrados, intelectuais prostituídos e domesticados, juizes das consciências alheias... é justo que toda essa massa humana de parasitas e exploradores do rebanho social vá buscar, nas florestas, o animal pujante de seiva, de vida — em virtude da sua sobriedade instintiva — e o prenda em ambiente incompatível com a sua liberdade, com os seus hábitos selvagens e o mutilado — para rejuvenescer a criaturas de si mesmas mutiladas pela vulgaridade ociosa e parasitária, pela imbecilidade quintessenciada de prejuízos e rotina, pela baixa e servilismo, pelo autoritarismo, pelo orgulho da inconsciência de si mesmos?

*
**

Sob outro aspecto, pondo de parte os admiráveis estudos do notável professor G. Moussu, a propósito dos enxertos animais (*Revue de Zoo-technie*, nº 2, fevereiro de 1928 — França), cujo relatório em torno das experiências de melhoramento do gado colonial francês pelo enxerto testicular animal é admirável, trabalho teórico e de demonstração prática de biologia, de fisiologia, trabalho de cientista e do domínio experimental; pondo de parte a mesma ideia de enxertia de animais da mesma espécie nos trabalhos de Steinach, notabilíssimo — a voronofização, se não passa ainda de experimentação, muito longe do que se pôde denominar rejuvenescimento, poderia ter alguma razão e objetivo clínico acentuado — no caso de desordens orgânicas providas dos ovários.

A enxertia de outros ovários femininos virá, talvez, substituir a operação brutal da extirpação dos ovários da mulher, cujas consequências, todos sabem, desastrosíssimas, sob o ponto de vista fisiopsicológico, determinam complicações tais que podem levar a mulher ao manicômio, quando não a maltratam e à família até o fim de uma existência penosíssima.

O enxerto ovariano poderia, talvez, restituir-lhe, pelo menos por mais algum tempo, a sensação de saúde, de bem-estar.

Aliás, quando as mulheres forem mais responsáveis e donas do seu próprio corpo, creio bem que tais extirpações ovarianas serão mais raras.

Por ora, a mulher, inconsciente, está inteiramente à mercê da vontade dos homens, e, quantas vezes a operação é feita sem mesmo que ela saiba de que se trata!

*
**

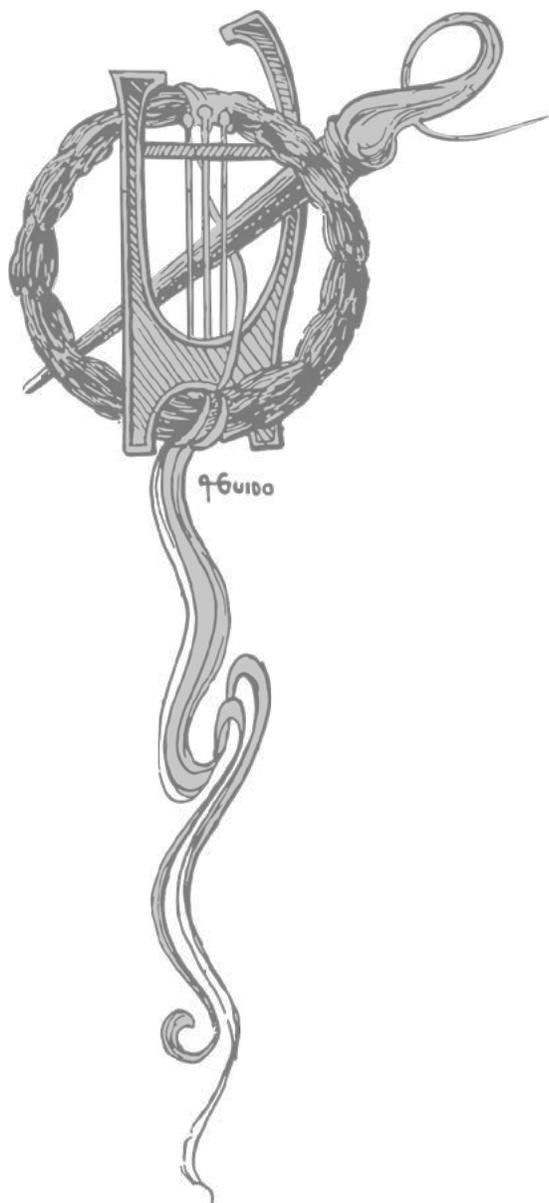
É mais fácil, entretanto, prolongar a vitalidade, retardar a senilidade — do que voltar atrás...

Acho razão na resposta à enquete à qual concorreram os Drs. Leitão da Cunha e Moncorvo, por ocasião da estadia sensacional de Voronoff no Brasil: homens e mulheres lucrariam mais corrigindo os erros alimentares, metodizando o trabalho, fugindo dos vícios sociais.

Mas quem pode cogitar de cousas de si tão complexas como simplificar a vida, por exemplo?

Para a sugestão de um ponto de partida, quando tudo falhou e ninguém se sacrifica e todos exigem o sacrifício de outros, em uma época de decadência de tudo e de um surto estupendo de progresso material — era preciso surgisse um Voronoff.

E Voronoff descobriu o macaco...



O Prêmio Nobel da Paz



O PRÊMIO NOBEL NA PAZ, EM 1928, COUBE AO ESPORTISTA BELGA barão de Coubertin, presidente do Comitê Olímpico Internacional.

A imprensa aplaude, incondicionalmente, o grande alcance de vistas dessa escolha, salientando o fato de que a única e verdadeira finalidade do esporte é a paz entre os povos.

Os fatos provam o contrário, mas os discos de gramofone repetem a música de um preconceito antiquíssimo, mascarado na hipocrisia de uma nova aspiração, proclamada por palavras e não por gestos.

Se, de relance, passamos os olhos pelas seções sportistas dos jornais, só vemos o anúncio comercial dos empresários (porque o esporte, como os concursos de beleza, é meio de vida lucrativo e glorioso...), sentimos as rivalidades, as brigas, a mesquinha das competições, a concorrência, a luta sob todos os aspectos.

O sportismo para o público — ou é vaidade e exibição, glória ou profissão, ou tudo ao mesmo tempo... No meio masculino, o sportismo é fator de celebridade — para “vencer”, para conquistar posição no “tablado” do box social, para a emancipação econômica ou nacionalismo patrioteiro.

Aí, como em toda parte, na vida social, para subir — é preciso abai-xar-se...

A política sportista é igual a qualquer política: a luta, a concorrência, a guerra.

Se assistimos a uma partida de *foot-ball*, de boxe (força de expressão: eu não as vejo nunca...), de qualquer esporte, os “torcedores” tomam as

suas posições de defesa agressiva e, quantas vezes, a polícia tem de intervir para aplicar a ducha conveniente aos desatinos apaixonados das multidões exaltadas!

E as *poules*, o jogo dentro do jogo, as rivalidades dos aplausos e a claue de cada partido?

O esporte em sociedade é sempre *versus*... Os torcedores enrouquecem à força de estimular os seus “eleitos”. Exercício físico? Higiene? E a multidão aglomerada respirando pó e suor, a cuspir e a gritar por cima das cabeças febris? Absurdo denominar a isso – *educação física*.

E entre gente da mesma cidade, do mesmo bairro já se acentuam as rivalidades.

Se o jogo é entre cariocas e paulistas? Não é preciso comentários em torno dessas “partidas” emocionais, sensacionais.

E se formos mais longe? Uma partida entre brasileiros e argentinos?

A diplomacia secreta, esportista e governamental tem de intervir para evitar conflitos internacionais.

Há pouco, tivemos ocasião de falar das olimpíadas, em que estudantes italianos fascistas esmurraram estudantes franceses. E até citamos uma página de Il Piccolo, quando transcreveu o discurso de *l'onn*. Augusto Turati, no qual elogiava, comovidamente, o moço italiano, o herói dessas façanhas esportistas, em razão dos seus “punhos firmes” em terras estrangeiras.

Uma medalha de ouro foi cunhada expressamente para essa bravata olímpica e colocada ao peito do jovem fascista, “orgulho da raça”, filho de Roma, filho da “Loba” — cérebro e coração do mundo...

Il Piccolo o transcreveu com a seguinte nota muito significativa: “Lo riproduciamo d’urgenza”... e o título: “Farsi rispettare!”.

Vale a pena transcrever esse trecho do discurso de *l'onn*. Turati, secretário do Partido Nacional Fascista, nessa ocasião, em regozijo pela *dúplice vittoria* dos estudantes fascistas: o soco do italiano no rosto do francês.

Bravos a vós que vencestes, entre os estudantes de todo o mundo, a competição olímpica, mas, também, para premiar as vossas virtudes, não somente de saltadores e corredores, como as de “boxeurs” em terras de França. (Aplausos, bravos, muito bem!)

Esse esporte não fora compreendido no programa das olimpíadas universitárias, mas *as circunstâncias, a incompreensão, a pouca educação cívica (muito bem! bravos! aplausos)* da parte de um público que assistia às vossas competições, transformou-vos imediatamente e vos levou a combater essa bela batalha, não mais esportiva, mas política. (Muito bem! Aplausos!)

Camaradas estudantes! Nós vos queremos, porque representais entre a mocidade italiana a nova geração, a parte eleita, a parte seleta. Mas amamo-vos porque sois a expressão viva e melhor deste nosso espírito e desta nossa paixão. Se, curvados sobre os livros, cultos demais para serdes belos e vivos; se fósseis somente criaturas de estudo, educados a afrontar a vida na dura contenda quotidiana pela conquista de um posto, nós vos consideraríamos, sim, filhos da Itália; mas não poderíamos amar-vos.

Amamo-vos porque fostes venturosos, alegremente, com o vosso belo faseio recamado sobre o peito, a afirmar que a Itália de hoje está com os punhos e com o coração firmes. (“Aclamações vivíssimas” - Il Piccolo — 1 de setembro de 1928).

Parece impossível!

A simplicidade clovnesca dos fascistas o confessa. As outras nações guardam reservas...

Mas, no fim, está conforme.

O esporte é o preparo para as guerras. E a Itália fascista, cuja política imperialista de expansão territorial é uma ameaça e uma provocação, organizou mesmo um quase ministério de competições atléticas e até as mulheres seriam aproveitadas na próxima guerra.

O desenvolvimento das forças físicas, dos punhos firmes, sem o necessário equilíbrio interior para controlar o despertar dos instintos bestiais de luta, do troglodita — é o maior dos crimes praticados atualmente pelas sociedades.

A Grécia morreu quando cresceram a força e o prestígio dos lutadores, gladiadores e pugilistas.

Platão já protestava: “A educação física e a mental devem caminhar paralelamente, como dois cavalos atrelados ao mesmo carro”.

Mas as sociedades modernas fazem, do esporte, profissão rendosa e posição social, e o preparo para as guerras.

E ninguém melhor do que os profissionais esportistas para conhecer os bastidores da sua concorrência vaidosa e comercial, patriótica e aventureira, chantagista e viciosa.

Ninguém me convencerá de que o boxe tem por objetivo a paz.

Ninguém conseguirá convencer-me de que se querem muitíssimo e de que são pacifistas dois contendores a se esmurrarem, mútua e estupidamente, por dinheiro, e mui principalmente, se um é francês e o outro é alemão; se um é italiano e o outro, francês; se um é japonês e o outro, americano do norte; se um é De Carolis e o outro, um jornalista de O Combate... por ocasião do caso Il Piccolo.

Ninguém me convencerá de que as olimpíadas fizeram a aproximação entre a Itália de Mussolini e a França.

A medalha fascista de prêmio ao soco do estudante italiano no rosto do estudante francês é uma prova irrefutável de que os jogos olímpicos, o atletismo têm por objetivo a paz internacional...

Entre nós, o incidente do Espéria, em São Paulo, é de lógica de aço.

Os jornais da capital paulista trataram largamente do assunto, em um protesto veemente contra a invasão turbulenta do fascismo no Brasil, trazendo a discórdia e o ódio para o seio da família ítalo-brasileira.

Reproduzo o comentário de O Estado de S. Paulo, do dia 25 de dezembro de 1928, em uma das seções esportistas:

Um incidente

Um incidente desagradável veio perturbar o entusiasmo dos espectadores, logo à chegada de Martini e Weygand. Quando o primeiro foi retirado da água, um dos assistentes, não medindo, talvez, o alcance de suas palavras, disse: — “Chegou frouxo...”

Foi o bastante para ser agredido por sócios do Espéria, e, entre eles, alguns que eram juízes da prova e membros da Federação!

Enquanto algumas pessoas procuravam acalmar os exaltados, Martini, que se reanimara, e, sendo carregado em triunfo, gritou: — “Viva Roma!” — grito que causou má impressão no público, pelo que uma senhora não se conteve e, em protesto, gritou: — “Viva Roma, não! “Viva o Espéria”, e viva Martini, isto sim!

Não se saiu bem, entretanto, com esse seu gesto de revolta, sendo agredida, o que ainda agravou a situação.

Os fatos teriam consequências gravíssimas se não houvesse a intervenção decidida de outras pessoas que se achavam presentes. Mas, mesmo assim, o rolo continuou, tomando parte nele vários sócios do Espéria.

Em frente ao galpão das barcas, outro rapaz foi também agredido por um sócio do mesmo Club.

Esses fatos nos fazem pensar o seguinte a respeito da intenção com que aquele Club tomou parte na prova:

Disputava-se uma prova esportiva ou era a supremacia de uma cidade que se tratava de afirmar?

Era um valor esportivo a demonstrar ou uma exibição de força de determinada corrente de política estrangeira em São Paulo?

Estas perguntas estão plenamente justificadas por provas robustas. É a segunda vez que tal fato se verifica em uma competição esportiva em São Paulo.

Em um dos encontros entre o Palestra e o Corinthians, já tivemos ocasião de noticiar que esses Clubs, no Parque São Jorge, antes de iniciarem o jogo dos quadros principais, postaram-se à frente da tribuna em que se achava um Cônsul¹ aqui acreditado, e, estendendo os braços, fizeram uma saudação bem caracterizadamente política,

Ora, tudo isso seria muito grave, se, primeiramente, não fosse de um ridículo clovnesco.

Assim termina o comentário de O Estado.

Muitíssimo grave, sim. Mussolini, Turati e cia. são clovnescos, não há dúvida, nunca ninguém duvidou disso, mas essa pantomina, por demais longa e macabra, ameaça estrangular a liberdade de pensar e a paz de todos os povos, ditos civilizados.

Atrás do *guignol*, estão as vestes negras de Tacchi Venturi, o secretário Geral da Ordem dos Jesuítas.

E isso é tudo.

[1]. Mazzolini, cônsul fascista italiano em São Paulo.

É uma palhaçada trágica e que muito caro há de custar às sociedades modernas.

Uma *tournée* que talvez faça renascer no mundo, nova era medieval denominada por Mussolini a “era mussoliniana” e que acenderá fogueiras e fará funcionar a “máquina de fazer falar”, e negará de novo os movimentos da Terra e aclamará, ruidosamente, a vitória da traição, do tar-tufismo e da força dos punhos firmes contra a vitória do direito humano.

Não é só engraçado, é também macabro. E não é sem razão que as mais belas mentalidades do mundo inteiro protestam pela pena genial de Romain Rolland, de Einstein e Barbusse, de Wells, Panait Istrati e tantos e tantos outros contra essa “tirania carnavalesca” na sua marcha a ameaçar o mundo com os punhos firmes e a força poderosíssima de uma loucura coletiva, de delírio epiléptico de *volontá di potenza*, delírio místico-político intenso de dominar *romanamente*, não retrocedendo ante coisa alguma e lançando mão de todos os meios imagináveis, o punhal entre os dentes e, nas mãos, as bombas, o manganelo e o óleo de rícino.

Agora, as competições atléticas femininas: mulheres espartanas, punhos firmes, corações duros e, na cabeça, o vulcão de um misticismo-político-religioso, paranoico, dominador.

Uma mulher dessas é qualquer coisa de trágico, é capaz de tudo, certa de que está cumprindo seu dever.

As competições atléticas conduzem à paz? É em torno desses mesmos moços atletas das olimpíadas, de punhos firmes, que, em Bolonha, em um discurso memorável, não me lembro se de Turati ou de Mussolini, os tiranos fascistas levantavam as suas mais altas esperanças imperialistas à romana: “... e que o mundo inteiro veja a floresta de baionetas e sinta o palpitar dos nossos corações invencíveis”. (A REVISTA DO POVO DA ITÁLIA, 1926).²

Competições atléticas — instrumento de paz!

O prêmio Nobel a um esportista — porque o esporte tem por objetivo a paz internacional — é um símbolo...

Já, de si, o prêmio Nobel... (da pólvora?...) da paz é um símbolo.

Todo o gênero humano prepara-se, cada vez mais rapidamente, para o suicídio coletivo através das guerras científicas.

E tudo envolvido na hipocrisia das expressões de paz e intercâmbio e fraternidade.

Nunca as nações falaram tanto em pacto Kellog e desarmamento e intercâmbio intelectual e artístico, e a guerra fora da lei, e nunca estiveram tão dispostas a se aniquilarem mutuamente.

Atletismo, gases asfixiantes, virulência de micróbios, submarinos e torpedos, aeroplanos e couraçados, ondas hertzianas, punhos firmes, corações duros, insensíveis, paixões políticas, cérebros vazios, ambições patrióticas, aspirações de dominismo, ciência sem consciência — amassando tudo isso com patriotismo, só pode dar guerras e violência policial.

Ídolos novos dentro de nichos antiquíssimos. O homem é o mesmo troglodita sanguinário.

Santa malícia ou santa ingenuidade o prêmio Nobel da Paz concedido a um esportista — porque o esporte tem por objetivo a paz internacional?!...

Pobre rebanho humano arrastado no torvelino louco da civilização!

Entretanto, livros de paz e de amor, que são como gritos saídos das vísceras da alma, obras-primas da literatura contemporânea, esforço heroico para a paz, *La Tour des Peuples*, *Les Pacifiques*, de Han Ryner; *Clerambault*, de Romain Rolland; *L'Ouragan*, de Florian Parmentier; *Les Hommes en Guerre*, de Andreas Latzko; livros de Wells, de Remarque, de tantos outros, não mereceram o prêmio Nobel da Paz!

O prêmio da Paz é para os lutadores e pugilistas, para os *boxeurs* e organizadores de competições atléticas.

Como nos sentimos humilhados diante dessas transmutações de valores éticos!

Mas está bem certo.

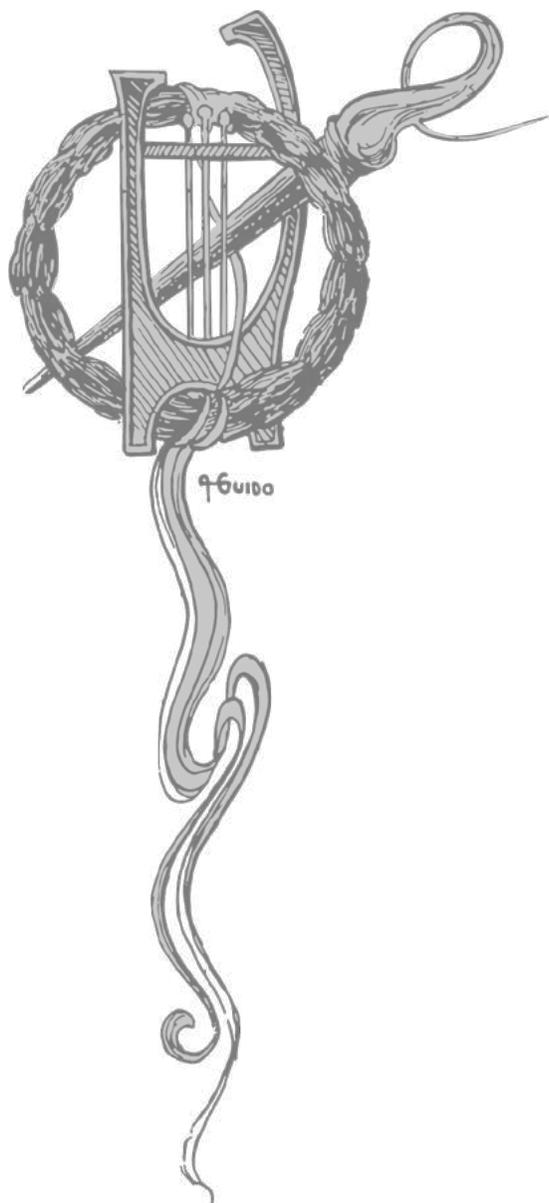
É a civilização...

Agora, o prêmio Nobel da Paz entregue a Kellog.

Comediantes? Tragediantes?...

.....

[2]. A REVISTA DO POVO DA ITÁLIA — Ano IV, nº 11, novembro de 1926.



As Guerras Científicas



A CIVILIZAÇÃO DO DÓLAR VAI MORRER DE APOPLEXIA. MAIS duas ou três guerras e, da humanidade civilizada, só restarão ruínas, pedras e destroços, esqueletos de homens e de máquinas.

É o suicídio coletivo de todo o gênero humano, sufocado de ciência.

A revista *Discovery* fala das famosas experiências realizadas em 1924 (maio), em um porto inglês, em torno dos “Raios da Morte”, descobertos por M. Grindell Mathews. O privilégio foi adquirido por uma casa francesa.

Os “Raios Invisíveis”, descobertos por um oficial de marinha, cujas experiências concludentes foram feitas em um porto do Mediterrâneo, constituem poderosíssima arma de guerra.

Nos Estados Unidos, o Dr. E. F. Nothrup chegou a transformar correntes de 6.600 volts em “Raios de Calor”. Esses raios têm a potência maravilhosa de fundir até mesmo a platina e o *iridium!*

Tanto não era preciso para fundir o “material humano”.

Na Itália, Marconi, hoje marquês... e senador... mediante espelhos parabólicos, chegou a converter correntes de alta frequência em “Raios de Calor”.

Também a Inglaterra, a Alemanha possuem os seus raios incendiários, idênticos, nos efeitos, aos das outras potências.

As nações se aprestam para incendiar o mundo inteiro.

A civilização é um Everest de ciência aplicada à indústria, a rolar por sobre a vida de todo o gênero humano.

E Kellog e a Sociedade das Nações e toda a pantomima política e diplomática a falar de Paz!

As cidades vão desaparecer em bloco: Berlim, Londres, Paris, Viena, Roma – serão reduzidas a cinzas, em algumas horas.

Não há mais necessidade de exércitos e de trincheiras. Uma pequena máquina elétrica e meia dúzia de homens são o suficiente para pulverizar milhões de vidas.

E agora, o inimigo é toda a população do país a ser destruído: crianças, mulheres, nada poderá ser poupado. É a guerra de extermínio.

As guerras através da física, da química, da bacteriologia atacam, de preferência, as populações civis. Os raios de calor, os raios da morte, os raios invisíveis são destinados a incendiar, a devorar, a aniquilar as fábricas, os centros industriais, os reservatórios de gêneros e munições dos países inimigos, os campos de cultura e de criação de gado.

.....

A bacteriologia

.....

A GUERRA POR MEIO DOS MICRÓBIOS É UMA DAS IDEIAS MAIS SATÂNICAS da cerebração azinhavrada e patrioteira dos nossos dias. O seu campo é todo o planeta. E a loucura guerreira é de tal ordem que até mesmo as vísceras que concebem tal monstruosidade serão atingidas pelo perigo mortal.

A epidemia da gripe (espanhola) continua sendo estudada como qualquer cousa de inexplicável no período da grande guerra: diversas hipóteses são apresentadas, inclusive a hipótese inadmissível da Sociedade Internacional Biocósmica.

Quem sabe não foi uma das armas científicas da conflagração europeia?

Arma horripilante, a arma bacteriológica ou bactericida, são seguros os seus efeitos, mais terrivelmente devastadores, porque atingem a todo o orbe.

Caldos de cultura do cólera, do tifo, da varíola, da tuberculose, da difteria (quem sabe que mais?) serão empregados para a devastação. As águas contaminadas, tudo invadido e envenenado e apodrecido!

Balões de vidro, do quer que seja, cheios de caldo de cultura bactericida, em toda a sua alta virulência, serão projetados do alto, propagados pelas nuvens, pelos aviões. Os *raids* aviatórios — que são se não a preparação para a guerra? Todos os meios são ensaiados e aperfeiçoados à luz de mais ciência — para espalhar os germes de todas as pestes pelos quatro cantos do globo.

A alma humana envilecida de ciência!

Quando terminará a humanidade de pagar todas as suas dívidas para consigo mesma?

Mas onde fica a importância dos gases asfixiantes, lacrimogênicos, vesicantes, esternutatórios, o fósforo, o cloro líquido comprimido em cilindros, a cloropicrina, o difosfeno, o sulfreto de etila diclorado, a hiperita, a moscobromacetona?

Onde fica o valor dos exércitos, das trincheiras, dos aviões, e submarinos e torpedos e *tanks*, e esquadras e canhões e zepelins — diante da nova toxina ultimamente descoberta e de que nos dá notícias o sábio inglês?

Mr. Leonard Hiil, diretor do Departamento de Fisiologia Aplicada do Instituto Nacional de Investigações Médicas, segundo noticiam jornais, perante a Associação de Inspetores de sanidade, faz esta revelação sensacional:

Foi encontrado um novo bacilo de consequências perigosíssimas para o homem. O estudo que se tem feito a seu respeito demonstra que pode ser facilmente cultivado.

Se os homens forem tão suscetíveis à nova toxina, como o são as lebres das índias, e não há razão para pensar que o não sejam — com um grama único da nova toxina, poder-se-á produzir a morte de um milhão de pessoas. Atua no organismo de duas formas: penetra pela inalação ou cai nos olhos em forma de pó. Se os homens se dedicarem ao cultivo dessa nova toxina e depois a espalharem na atmosfera, valendo-se dos aeroplanos, a humanidade poderá ser destruída facilmente, pelo que é de esperar que essa nova descoberta nunca seja utilizada como arma de guerra.

É assim: o professor, o cientista indica, e depois, retrocede...

Todas as armas de guerra desaparecem diante dessa toxina. Nem mesmo há necessidade mais de declaração de guerra, mobilização e unidades navais, estaleiros de couraçados, exércitos permanentes, escolas militares, quartéis, generais ou fortalezas. As guerras futuras terão como armas — os cientistas, laboratórios químicos, a finança internacional e aviões.

Parece, pois, que não tem razão de ser a “lei da gigantania” aplicada à biologia da guerra, pelo otimismo do grande professor alemão Jorge F. Nicolai.

A guerra não é só instinto que já devia ter sido ultrapassado pela sociedade humana de hoje, é também a arma do capitalismo organizado, modelando o “homem estúpido”, através da civilização mecânica, do progresso material.

A lei da gigantania aqui não se aplica aos monstros dos exércitos modernos, à enormidade bélica dos nossos dias e, sim, à ciência a serviço do bezerro de ouro.

E essa lei terá a sua razão de ser se, pelo contrário, não significar o termo final das guerras e, sim, se se aplicar à destruição de todo o gênero humano civilizado. É o suicídio coletivo, ou melhor, o massacre de uma civilização.

.....

A guerra dos insetos e parasitas

.....

GAFANHOTOS, TODA SORTE DE INSETOS NOCIVOS E PARASITAS devastadores (ovos e germes criados em incubadoras) serão espalhados por meio da aviação e de outros processos estudados à luz das ciências — a fim de devastar as plantações, destruir as colheitas e matar o gado.

.....

A guerra química

.....

EM 1926, EM UM MANIFESTO À POPULAÇÃO DE PARIS, HAN RYNER denunciava o próximo suicídio ou massacre do gênero humano, curvado ao peso de ciência e de civilização.

Já se conhecem novos gases e os seus efeitos: tóxicos, sufocantes, lacrimogênios, esternutatórios, vesicantes, etc., etc.

São empregados, além dos já citados, cloro, fosgênio, etc., os seguintes: bromo, brometo de benzile, bromacetoneo, iperite (sulfur, etilene dicloré) vincenite (mistura de ácido cianídrico, de cloreto de estanho, de cloreto de arsênico e de clorofórmio), gases lacrimogênios (brometo de benzile), etc., etc.

Parece incrível que os homens se armem assim para se exterminarem simultaneamente.

Mas onde o instinto de conservação?

E a hipocrisia das conferências de desarmamento, da Sociedade das Nações, do pacto Kellog, das conferências de Genebra, de Locarno e de todos esses convênios dos Estados — armados até os dentes com armas infernais!

O chefe do Serviço Químico da Guerra, nos Estados Unidos, o reafirmou: “A guerra química é, doravante, fato estabelecido.”

E a prova é que todas as grandes potências estão admiravelmente aparelhadas a trabalhar e a produzir e armazenar recursos químicos para as próximas e terríveis refregas.

O governo britânico tem, desde 1923, em Portou, perto de Salysbury, um laboratório-escola exclusivamente ocupado em estudar e fabricar os gases para arma de guerra e os respectivos aparelhos antigases.

E outros e outros e mais outros, em todas as nações civilizadas.

O secretário de The International Law Association, da Inglaterra, afirma:

O único meio de abolir a guerra aérea dos gases reside na abolição das guerras, em absoluto. É inútil e é perder tempo querer discutir a respeito da legitimidade dessa guerra que, segundo a minha opinião, é inevitável.

Henry Le Wita, em seu livro *Em torno da guerra química*, também o confirma:

Desde o armistício, os Estados Unidos e todos os grandes povos (compreendida a Alemanha, porém esta, secretamente) consagram capitais importantes para a renovação de todos os meios preventivos, em vista de conflitos eventuais.

E Von Parseval, em 1924, diz mais:

Se se admitissem as concepções arcaicas, a ação dos aviões não poderia exercer-se senão sob objetivos militares. Felizmente uma concepção mais moderna admite que todo o país deve ser considerado como participante da guerra e, por conseguinte, o adversário tudo pode destruir.

Esse “felizmente” é a psicologia do militar profissional, do sócio das grandes usinas de armas.

Romain Rolland, estudando o livro admirável de Nicolai, *A biologia da guerra*, cita a frase de um acionista de estaleiro de submarinos, indignado: “Ganhamos penosamente nosso dinheiro na guerra, e esse homem prega a paz!”.

Em todas as nações, o aparelhamento militar sobe a créditos incalculáveis e os laboratórios de ciência química não cessam de estudar e produzir novas armas de guerra.

E mais: todas as indústrias químicas da paz, inclusive as matérias colorantes, no momento oportuno, podem ser transformadas em gases.

E, se capitais fantásticos são aplicados nessa formidável arma de guerra, cada nação, por sua vez, na atividade dos seus cientistas civis e militares, procura a melhor maneira de se defender e de mais facilmente e eficazmente atacar, a fim de ficar com a hegemonia do mundo, a fim de arrematar em leilão todo o orbe terrestre.

Havia já, há tempos, mais ou menos 1.000 espécies diferentes de gases como arma de guerra. Os meios de os espalhar serão os aviões, as ondas hertzianas, os canhões, projéteis, etc., etc.

É o massacre. E o mundo inteiro rodopiará na dança guerreira.

Entre essas poderosas armas de guerra, está o fósforo branco, o qual será empregado em granadas: a nuvem de fogo por ele projetada com a explosão da granada não pode ser extinta com água; as queimaduras do fósforo branco são sempre gravíssimas. Qualquer tecido é por ele queimado.

Os laboratórios químicos empenham-se em produzi-lo em grande quantidade e vai sendo armazenado. As máscaras já não resistem.

O gás mostarda, por exemplo, corrói as carnes através das máscaras.

E alguém já calculou que uma tonelada de fósforo destrói mais ou menos completamente uma população tão densa como a de Paris, em uma superfície de um hectare. Para Paris inteiro, 800 toneladas.

É para isso que se organizam todos esses *raids* e *records* de altura e peso e distância e resistência... em nome do progresso, em nome da civilização.

E Kellog conhece os laboratórios químicos de seu país imperialista, e os diplomatas e ministros, nos Congressos das Nações, representam cinicamente a comédia da paz e cada qual supondo enganar aos nobres companheiros humanitaristas nas suas petições de desarmamento parcial ou total. Comediantes!

Comédia entre eles e tragédia para o público patriota a aplaudir, alvarmente, aos magarefes e afiadores de facas, como na parábola ryneriana.

E acreditam que o homem vai melhorando...

E a sua inteligência cresce, caminhando para o suicídio coletivo do gênero humano.

É o homem estúpido de Richet.

E todo o rebanho a balar a sua inconsciente domesticidade, arrasado no rodopio infernal.

Entretanto, os armamentistas são anacionalistas, não têm pátria, a sua pátria é o cofre-forte. Constituem um bloco coeso em todas as nações e formam

.....

A Internacional do Armamento

.....

EXTRAÍMOS DE *LE SEMEUR* (23 DE OUTUBRO DE 1929 ROUEN - FRANÇA) a documentação que se segue.

Le Semeur, por sua vez, documentou-se diretamente do livro *Die blutige Internationale der Rustungsindustrie*, de Otto Lehmann-Rusbudt (abril de 1929 - edições de Fackeireiter, Hamburgo - Bergedorf,) artigo assinado por Gabriel Gobron, de que nos limitamos a extrair uma parte, resumindo.

Em plena guerra de 1914 a 1918, não houve divergência alguma entre a Internacional do Armamento. Todos estiveram de acordo, alemães, franceses, ingleses, italianos, russos, etc. — para explorar o gênero humano e encher as suas arcas.

Antes da guerra, a Internacional da Pólvora tinha sete filiais na Inglaterra, cinco na Alemanha, uma no Japão, muitas na Rússia, Espanha e, na França, a Sociedade Francesa de Dinamite, a Sociedade Geral para a Fabricação de Dinamite, a Sociedade Franco-Russa de Dinamite.

A United Harvey Steel Co. agrupou (canhões e couraçados) firmas as mais “honradas” do mundo: Vichers e Annstrong (Inglaterra), Bethlehem Steel (America), Schneider, Krupp, Dillinger Hutte (Alemanha), Skoda (Áustria), Poutiloff (Rússia), Alti Forni Fondieri Acciaine di Terni (Itália).

Na Sociedade Russa Poutiloff, os capitais eram de Krupp – *Cavalheiro da Legião de Honra*, e de Schneider, do Creusot.

Os industriais de indústrias pesadas de Mutoran (Japão) tinham metade de seus capitais postos pelos reis ingleses do aço – Vichers e Annstrong.

John Brown, Vichers e Armstrong foram os financeiros da firma de armas e de munições em Ferrol, Espanha.

Seis firmas inglesas dirigem o Sindicato Português do Armamento Naval.

Depois dos desastres russos de 1905, indiferentemente, são casas inglesas, alemãs, francesas, belgas e americanas que reconstruíram navios de guerra russos, pagos com o ouro francês, subtraído da sua economia por M. Poincaré e M. Raffalovitch, *Cavalheiro da Legião de Honra*.

As casas de armas e munições alemãs de Berlim e de Karlsruhe, as famosas Mauser d’Obendorf (a. Neckar), a Fábrica Nacional de Armas Belga de Herstal, a Sociedade Austríaca de Armas, desde 1905, cooperam estreitamente dentro do mesmo objetivo: comércio.

A firma alemã bem conhecida, Dillinger Hutte, tinha grande parte de seus capitais em mãos francesas de nobres, condes, secretários de embaixadas, oficiais de reserva. A Dillinger Hutte tratava todos os seus negócios em língua francesa. Naturalmente, tais “patriotas de negócios” não foram esquecidos nas promoções da Legião de Honra.

Krupp, *Cavalheiro da Legião de Honra*, havia equipado, antes de 1914, mais de 52 países com material de guerra.

Ao contrário, em compensação, as Deutschen Waffen U. Munitionsfabriken dispunham de um armamento quase totalmente de proveniência estrangeira.

E, agora, o material humano (!). Porque uma guerra é um negócio montado com três cousas: finança internacional, armas e munições e carne (como dizia Mangin).

Que o Prussiano ganhe ou o Francês, ou os Senegaleses ou os Escoceses, isso é com os chefes.

O que há de certo é que a Internacional do Armamento, jogando sobre todas as mesas verdes, ganha todas as partidas!

O sr. René de Bobet, francês da Dillinger Hutte, se era acionista na Creusot, não podia perder!

A firma Krupp, tendo vendido uma patente de acendedor de granada à firma Vickers, teve de dar um marco e cinquenta por granada atirada, de 1914 a 1918, no *front*. Graças ao alemão Krupp, os soldados alemães foram mortos de uma maneira mais humana!

Os ingleses que participaram da expedição dos Dardanelos, foram, em parte, metralhados pelos canhões ingleses fabricados e entregues aos turcos por firmas inglesas!

Os austríacos que foram massacrados nos campos de batalha da Galícia o foram pelos canhões austríacos, fabricados aos cuidados da firma austríaca Skoda e entregues à firma Newski, russa.

Em 1915, a artilharia turca que abria os ventres dos soldados ingleses nos Dardanelos fora fabricada pelos reis do aço ingleses, como já vimos. E o fato reconhecido a 02 de agosto de 1926, na Câmara dos Comuns, em

seguida a uma questão apresentada pelo deputado Ponsonby, a propósito de um artigo do Daily Chronicle.

Sir Austen Chamberlain verificou o fato.

Nas águas vizinhas dos Dardanelos, tendo sido torpedeado um navio de guerra, verificou-se que a mina fora fabricada e entregue pelas casas inglesas.

Em 1866, na batalha de Koeniggratz, dos dois lados do *front*, serviam-se das armas Krupp.

De 1914 a 1918, mais de uma vez, dos dois lados do *front*, serviam-se das armas Krupp, pois que este havia fabricado:

26.000 canhões para a Alemanha;

27.000 canhões para 52 países estrangeiros, dos quais muitos declararam guerra à Alemanha.

Um dos mais cínicos mercadores internacionais de armas e munições, que acumulou milhões na guerra russo-japonesa, na guerra dos Balkans, de 1914 a 1918, na insurreição dos Drusos (1923-1924), na rebelião de Abd-el-Krim, etc., é Basil Zaharoff, *Cavalheiro da Legião de Honra*. Esse oriental é considerado *cidadão francês* e *barão inglês*. Quase toda a indústria do armamento está nas suas mãos: desde 1905, faz parte das casas Vickers e Poutiloff; desde 1907, da casa Schneider, etc. É acionista do Banco da França (graças a Morgan), do Banco da União Parisiense, do jornal Excelsior, do Casino de Monte Carlo (onde entretém filhos dos magnatas de todos os partidos políticos franceses, desde os reacionários até os comunistas!), de uma quantidade de firmas inglesas, francesas, etc. (p. 17, 18, *op. cit.*).

A imprensa sueca, Die Weltbuhne (Berlim), o editor Fischer (Berlim), deram ou vão publicar, proximamente, documentos sensacionais em torno de Basil, “o homem misterioso da Europa”, que traz bem entendido (!) a Cruz dos Bravos.

Desde 1907, uma correspondência ativa era trocada entre os reis do aço franceses e seus colegas da Alemanha: então, a poderosa firma da Karlsruhe não hesitou em fazer publicar, por intermédio da indústria pesada francesa, um artigo no Figaro, artigo que devia dar grandes lucros aos mercadores de ferragens.

Combinações... É a técnica moderna.

As firmas alemãs entregaram ao almirantado inglês pequenos dirigíveis que o almirante Sueter utilizou, muitas vezes, para fazer saltar os submarinos alemães.

Durante a guerra, a Internacional de Armamento não cessou de se prevenir e aprovisionar para levar a cabo a Guerra do Direito e da Civilização: os Centrais forneceram a seus colegas da Entente material de guerra; a Entente forneceu aos Centrais a borracha, o óleo, cobre, níquel, etc.

Provas? A frota inglesa que deu batalha no Skagerrak recebera toda a sua ótica, seis meses antes, de Zeiss-Iena e Goerz-Anschutz (pela Holanda.)

No correr dos oito primeiros meses de 1916, a Alemanha exportou até 250.000 toneladas de ferro e de aço por mês, em média 150.000 toneladas por mês! Quase tudo destinado à França e à Itália!

Duas firmas francesas, em consequência de uma indiscrição, não puderam negar a importação, através da Suíça, de 60.000 toneladas de aço alemão.

Essa troca mercantil entre os inimigos ancestrais, em plena guerra, escandalizou os suíços a ponto tal que, no outono de 1917, a Zurich Post publicou um artigo sobre o patriotismo de negócios dos mercadores que convertiam em ouro o sangue dos soldados.

Todos os países neutros assistiram ao patriotismo de negócios: na Alemanha, a Entente introduziu a borracha, o óleo, metais especiais diversos, cobres, níquel (pela Suécia). Ao inverso, a Entente recebia da Alemanha os trilhos, instrumentos de ótica, fios de ferro, cabos metálicos, ferro, aço. Sinistra comédia!

O caso Possehl prova que, em plena guerra, uma firma alemã pode negociar com a Rússia.

Os soldados de infantaria que, aos gritos de: *Viva a Pátria!* vinham acolchetar-se nos fios de arame farpado que protegiam o forte de Douaumont, foram mortos pelo material de guerra entregue na Suíça, dois meses antes, pela firma de Magdebourg, *Drahtund Kabelwerke!*

Em 30 de setembro de 1926, as reuniões do *Cartel d'Acier* consolidaram a colaboração dos magnatas da indústria pesada.

A guerra, aí, foi encarada sob os novos aspectos que deveria tomar: líquidos inflamáveis, bombardeamento pelos aviões, guerra química, etc.

A França, depois de 11 de abril de 1914, criou serviços de guerra química com o auxílio do Cartel Químico Alemão: o ministro da Guerra francês e os industriais alemães da química!

E haverá quem acredite na paz armada?

Tais são alguns dos fatos e das informações expostas por Otto Lehmann-Rusbuldt em sua brochura preciosíssima de documentos incontestáveis.

**

Governos, industriais e cientistas, militares e toda a coorte do Santo Padre — todos cúmplices dessa dança macabra na qual o patriotismo do rebanho humano é explorado trágica e admiravelmente em proveito dos abutres, dos corvos e chacais do Capital e do Poder.

E essa autoridade é mantida à custa da mais abominável crueldade da civilização da Estátua da Liberdade.

Biribi ou as prisões militares francesas, descritas por Albert Londres em seu livro *Dante n'avait rien vu*; os trabalhos forçados da escravidão satânica moderna dos seringais ou da exploração mate-laranjeira, descrita por Rafael Barretti; os trabalhos forçados nas penitenciárias, a pena de morte, a prisão perpétua, o incêndio da penitenciária de Columbus (Ohio), em que pereceram asfixiadas e queimadas 336 vítimas (a cifra oficial, certamente reduzidíssima), mortas simplesmente porque os guardas receberam ordens terminantes para não abrir as prisões e deixar torrar os encarcerados, ordens severas para atirar por sobre os recalitrantes, cujo instinto de conservação protestasse contra o gênero de morte que se lhes infligia barbaramente; Jack London, em seu livro *O viajante das estrelas*, descrevendo os suplícios infernais do professor agrônomo em um presídio americano e a célebre camisa de força com a qual trituram o corpo e a vontade do sentenciado, reduzindo-o a um trapo em agonia dolorosa e perpétua; Barbusse, no célebre manifesto denunciando os crimes cometidos nas prisões fascistas de L'Italia d'oggi, esses “jardins dos suplícios” infamantes e miseráveis, a crueldade oficialmente organizada e protegida pela lei e pela moral; a polícia inglesa às ordens do Império Britânico essencialmente cristão, a massacrar, na Índia, covardemente,

os partidários da não violência heroica — são esses os processos pelos quais o Estado, o Clero e o Capital asseguram o poder, o dominismo, a autoridade. Para glória de Deus, da Igreja, dos bons costumes...

Tudo isso prova bem que o homem civilizado cientificamente, requintadamente sociável, é o miserável ser que persiste em aviltar-se na perversidade inominável dos que só cultivam a vileza do instinto bestial de ataque feroz, sem o objetivo animal da luta pela subsistência, porém, levado exclusivamente pelo banditismo destruidor, vingativo, ódio, mesquinho de despeito e selvageria.

Os martírios infernais, voluptuosamente concebidos e acionados nos presídios, o tartufismo policial das penitenciárias e das delegacias de “ordem social” — são os sustentáculos, as colunas por sobre as quais se apoia a Internacional Armamentista.

Lá dentro dos presídios, nas Sibérias, nas Guianas, em Biribi, nos Cambuci, ou nas Clevelândia, matam-se moral e fisicamente os idealistas, os revolucionários que proclamam a Internacional do Fraternismo ou da Solidariedade Humana – Ferrer, Sacco e Vanzetti – porque passam, humanamente, por cima das pátrias, das fronteiras, da família e da religião...

A Internacional do Armamento também cancelou todos os mapas do orbe e arrasta a morte e a dor, a fome, a peste e a nudez na voragem da destruição – passando, desumanamente, por sobre as pátrias, as fronteiras, a família e a religião... abençoada, protegida, santificada pelas pátrias, pelas bandeiras, pela família e pela religião.

Não há mais para onde descer.

São as pátrias, as bandeiras, a família, e a religião que perseguem e martirizam, em nome da lei e da moral social, aos sonhadores, aos poetas do pan-humanismo. São as pátrias, as bandeiras, a família e a religião – os sustentáculos das hienas armamentistas e do martirologio dantesco de todos os que idealizam uma sociedade mais equitativa, a paz e a Liberdade, um raio de sol para cada consciência e uma côdea de pão para todas as bocas.

**

Revedo os originais deste capítulo, passo ainda a acrescentar algumas notas colhidas diretamente do livro de Otto Lehmann, *Colección Panorama* - Editorial Cenit - Madrid em 1929.

Em 1905 e 1907, as fábricas alemãs de armas e munições, de Berlim e Karlsruhe; a fábrica de armas Mauser, de Oberndorf a Neckar, e a Fábrica Nacional de Armas de Guerra, de Herstal (Bélgica), por um lado; e, por outro, a Sociedade Austríaca de Fabricação de Armas (*Osterrei chische Waffenfabrik-Gesellschaft*) firmaram contratos cujas principais cláusulas eram as seguintes:

Os negócios de fabricação de fuzis de repetição ou carabinas para o fornecimento à Rússia, Japão, China e Abissínia serão realizados em benefício comum, distribuindo-se os lucros entre os grupos conforme uma determinada escala.

As fábricas pertencentes aos grupos reciprocamente se prestarão o maior auxílio possível, para que cada uma delas possa fabricar com a maior rapidez e economia.

Para esse fim, cederão, umas às outras, grátis e a título de empréstimo, os desenhos e escalas dos modelos pedidos e, pelo preço do custo, os instrumentos e calibres necessários.

O preço das armas encomendadas e as condições das ofertas deverão ser objeto de acordo entre os dois grupos.

Para os fins expressos no parágrafo primeiro, é criada uma caixa em comum, na qual entrarão com 15 francos por arma as fábricas que se encarregarem, em cada caso, da produção, distribuição e cobrança dos fuzis ou carabinas, objeto do presente convênio.

Com relação a Krupp, o livro de Otto Lehmann tem documentação expressiva e largamente desenvolvida. Dias antes da guerra de 1866, o governo de Berlim pede confidencialmente a Krupp que não venda armas à Áustria sem seu consentimento.

Krupp responde que não pode deixar de cumprir um contrato. E, em abril de 1866, escreve ao ministro da Guerra prussiano, von Roon:

Sei muito pouco das circunstâncias políticas. Continuo trabalhando tranquilamente; porém, se não posso seguir fazendo-o sem perturbação da harmonia entre o meu patriotismo

e minha honorabilidade, abandonarei o trabalho, venderei a fábrica e viverei como homem rico e independente.

Assim, na batalha famosa de Koniggratz, os alemães se destroçaram, entre si, com canhões alemães, e os lucros também couberam à Alemanha.

É interessante ainda divulgar a troca de correspondência entre Krupp e Napoleão III, publicada no Diário de Sessões do Reichstag, nº 144 - sessão de 19 de abril de 1913 — denunciada pelo grande Karl Liebknecht.

Fundição de aço Friedrich Krupp. Essen, 29 de abril de 1868.

França.

A S. M. Napoleão III, Imperador da França.

O interesse que V. M. se dignou demonstrar por um modesto industrial e pelos felizes resultados de seus trabalhos e de seus inauditos sacrifícios, faz com que me atreva a solicitar novamente a sua soberana atenção, com o pedido de que guarde o catálogo junto, o qual integra uma coleção de desenhos de diversos produtos novos de minhas oficinas. Espero que as quatro páginas últimas, nas quais aparecem os modelos dos canhões de aço fabricados por mim, para diversos governos europeus, atrairão especialmente a atenção de V. M. e desculparão o meu atrevimento. Com o mais profundo respeito e a maior admiração...

Resposta:

O Imperador, com grande interesse, viu o catálogo enviado e manda que se lhe manifestem seus agradecimentos e se lhe faça saber que S. M. faz votos pelo êxito e prosperidade de uma indústria destinada a prestar grandes serviços à humanidade.

Segundo declarações da casa Krupp, em 1912, até a morte de Alfredo Krupp, em 1887, foram fundidos em Essen 24.576 canhões, dos quais só 10.666 ficaram na Alemanha; 13.910 passaram ao estrangeiro.

Depois, até fins de 1911, a cifra anterior elevou-se a um total de 53.000 canhões, dos quais ficaram na Alemanha 26.000, sendo exportados 27.000 a 52 países estrangeiros.

Antes da grande guerra, a indústria dos armamentos da Entente achava-se totalmente nas mãos de Basil Zaharoff. As mulheres eram as suas melhores auxiliares. Entre elas, a duquesa de Villafranca de los Caballeros, princesa de Bourbon por seu nascimento e prima do rei da Espanha. Foi dono das bancas de jogo de Monte Carlo, amigo do rei e da corte da Inglaterra, *persona grata* dos poderosos, dos governos europeus e do mundo elegante. Controlava e dirigia firmas importantes de armas e munições, provocou sérios conflitos e auxiliou, como já vimos, movimentos armados como os de Adb-eí-Krim e Venizelos.

Lançava mão de tudo para fazer grandes negócios. Segundo as circunstâncias, punha-se ao lado de reacionários ou revolucionários, auxiliando-os com os seus capitais.

Impossível continuar a citar a documentação do livro de Otto Lehmann; seria preciso transcrever toda a obra *A Internacional sangrenta dos Armamentos* – para a qual chamamos a atenção dos interessados em desmascarar o jogo macabro do alto patriotismo de negócios.

O papel da imprensa em tudo isso é extraordinário. Os prostituídos do jornalismo se prestam a tudo: são os lacaios dos grandes armamentistas. Mais ainda que o corpo, vendem a consciência, vendem o pensamento e vendem o próximo.

Em 1907, as fábricas alemãs de armas e munições de Karlsruhe dirigiram às suas congêneres de Paris a seguinte carta denunciada por Liebknecht na sessão de 18 de abril de 1913, no Diário de sessões do Reichstag:

Acabamos de lhes telegrafar, rogando-lhes esperassem carta. A razão desse telegrama é que desejaríamos que um diário francês de grande circulação, se fosse possível o Figaro, publicasse um artigo neste sentido:

A administração militar francesa decidiu dar novo impulso à compra de metralhadoras para o exército, dobrando o número primeiramente fixado.

Rogamos-lhes façam o possível para conseguir a publicação de tal artigo.

Entre as firmas está a do conselheiro de arquitetura Paul von Gontard. Alguns anos depois, os dividendos da empresa subiam de 20 a 32 por cento.

Vejamos a continuação da trapaça jornalística. O Figaro não pôde publicar o artigo, tal como foi proposto. Seria escandaloso para o patriotismo francês e o ministro da Guerra poderia desmentir formalmente a um *grande e conceituado* jornal. Mas as cousas se arranjaram de outro modo. Poucos dias depois, o Figaro, o Le Matin e o E'co de Paris coincidem – *casualmente* – em publicar artigos sobre as vantagens das metralhadoras francesas e a grande superioridade que daí resultava para o exército francês. Com tais periódicos na mão, o deputado prussiano Schmidt, aliado da metalurgia alemã, interpelou o chanceler do Império perguntando-lhe o que pensava fazer o Governo para controlar a ameaça francesa. O Reichstag, assombrado e assustado ao mesmo tempo, concedeu, por grande maioria e sem discussão, os créditos necessários para o aumento de metralhadoras.

Casos como este, Otto Lehmann cita às dúzias, terminando com a proposta de um anônimo: o único meio para evitá-lo consistiria em “enforçar a todos os jornalistas”.

Bem razão tem Oswald Spengler nas suas páginas magistrais em relação à imprensa mercenária dos nossos dias angustiosos, na agonia da civilização ocidental.

A imprensa moderna é um bordel hediondo no qual tudo é lícito e o vício da prostituição aceita quanto se lhe oferece – dinheiro, honrarias, condecorações, posição ou o beija-mão servil nos banquetes oficiais e nas recepções dos magnatas.

E os jornalistas aprendem a dobrar-se em dois, “como um canivete”... até perderem totalmente a espinha dorsal, até que a consciência tome as cores do camaleão.

.....
O escândalo Shearer
.....

O CASO SHEARER DEMONSTRA QUE A INTERNACIONAL ARMAMENTISTA dispõe de poderosos agentes nos mais altos postos políticos.

Por ocasião da Conferência Naval em Genebra (27 de julho de 1927), antes mesmo, as grandes Companhias de Construções marítimas dos Estados Unidos puseram-se todas de acordo para impedir a limitação dos armamentos. Para isso, precisavam, na Conferência, de um representante do governo cuja autoridade se opusesse terminantemente à redução dos armamentos.

Mr. Shearer aceitou a representação desse papel. Foi nomeado perito naval da delegação norte-americana na Conferência de Genebra. Foi patriota, enérgico, intransigente. Elogiadíssimo — pelo interesse em torno dos interesses de seu país.

Mr. Shearer estava também a serviço dos grandes industriais de armamentos dos Estados Unidos. E. G. Grace, presidente da Bethlehem Steel Shipbuilding, era um dos seus patrões.

Os industriais afirmaram-lhe haver oferecido 25 mil dólares; Shearer reclama a oferta de... 250 mil dólares. Recusada a quantia, Shearer resolveu revelar o papel representado por ele na Conferência de Genebra.

Shearer confessou mais: não estava agindo só. Tinha cúmplices de grande autoridade nos meios políticos americanos.

Chegou a possuir o famoso Livro Azul, cuja posse só é autorizada aos altos funcionários da Marinha. É a estatística sobre o estado das frotas mundiais. Esse documento-lhe foi facilitado por um almirante — a fim de defender a causa dos industriais de armamentos.

É assim que Shearer e Kellog representam bem a farsa política do país da estátua da Liberdade...

.....
Depois da guerra
.....

A INDÚSTRIA DE ARMAMENTOS, APÓS A GUERRA, NÃO SE LIMITA às armas e munições.

Hoje faz parte integrante da indústria de armamentos — material das estradas de ferro, indústrias químicas, óleos, gasolina, petróleo, fá-

bricas de celulose, de adubos, de matérias corantes, minas de carvão, toda a indústria pesada de aço e ferro, a indústria ótica, construções de aeronaves, estaleiros navais, navios mercantes, tudo quanto se refere à indústria dos transportes, laboratórios de pesquisas no domínio da física, da bacteriologia, etc., etc.

O afã com que toda gente trabalha para resolver o problema da gasolina, procurando-lhe um sucedâneo, é a prova de que exércitos e fuzis e metralhadoras passaram a anacronismos em relação às guerras modernas. As nações mais aparelhadas para a luta armada não são as que possuem mais couraçados ou mais soldados ou mais canhões: são as que têm gasolina.

Todas as indústrias mais inocentes são transformadas hoje em armas de guerra, no momento desejado, inclusive adubos, inclusive as fábricas de tintas. Tiram-se gases de todas as indústrias. Impossível, pois, o desarmamento geral. Todo o segredo das guerras modernas está no petróleo e na gasolina, se pusermos de parte o perigo mortal da eletricidade nos “raios invisíveis” e nos “raios da morte”.

Cada dia inventam-se novas armas de guerra. Não há vantagem na fabricação de grandes *stoks*. A técnica moderna está em saber aproveitar tudo, no momento preciso, e transformar toda a indústria em indústria de material bélico.

É inútil pensar no desarmamento. Inútil mesmo o desarmamento total. “A guerra chegou a ser tão técnica, tão mecânica que toda grande empresa industrial é *um arsenal em potência*. A fábrica que produz máquinas de imprensa ou hélices pode, em qualquer momento, produzir granadas”.

Seria necessário “destruir a indústria em sua totalidade”.

Mesmo isso, absolutamente inútil.

A conclusão é a do general inglês J. H. Morgan, em um livro publicado em 1924: “Há três cousas que é impossível destruir: o homem, a indústria e a ciência”.

Assim, lógica é a conclusão: “A guerra só desaparecerá quando deixar de ser um negócio”.

E, cada vez se intensifica mais a produção de material bélico e, longe dos grandes armamentistas se afastarem da imprensa, tal como propôs

alguém da Sociedade das Nações, pelo contrário, firma-se mais o laço de ferro entre os Consórcios da Internacional de Armamentos e os consórcios dos grandes Diários Associados.

As pequenas indústrias, os pequenos jornais não se aguentam: são absorvidos pelos *trusts* dos grandes industriais.

Também a imprensa faz parte hoje do material bélico da Internacional Armamentista, do mesmo modo que as agências telegráficas.

O meio de combater a guerra não pode ser o preconizado por Otto Lehmann ou outros também sinceros, resumidos nestes princípios:

1° Que o material de guerra não constitua fonte de benefícios particulares;

2° Que o material de guerra não seja objeto de exportação;

3° As fábricas particulares, de munições, serão obrigadas a publicar regularmente as contas em que se reflete a marcha do negócio, as quais serão objeto de comprovação;

4° Aos possuidores de ações de fábricas particulares de munições, é proibido interessar-se em empresas análogas, *de outros países*;

5° Tanto a essas pessoas como às fábricas particulares de munições e seus conselheiros e diretores, é proibido adquirir a propriedade de periódicos, dirigir-los ou exercer influência sobre eles.

O meio de combater a guerra não se resume em colocá-la fora da lei, nem na “defesa nacional”... dos pacifistas da Sociedade das Nações, nem no desarmamento.

O meio único, eficaz, é individual; é a objeção de consciência, é a deserção heroica, é a proteção aos objetores, é a assistência aos desertores. É não contribuir, de nenhum modo, para a loucura coletiva do massacre do gênero humano.

.....
Acorrentar Prometeu
.....

SOB ESSE TÍTULO, JOSEPH CAILLAUX, HOMEM DE ESTADO, BURGUEZ E reacionário, escreve um artigo bem documentado contra as próxi-

mas guerras. Caillaux não é dos nossos, a sua conclusão, porém, embora utópica, é a de uma consciência iluminada por uma centelha de revolta contra o patriotismo de negócios, ou melhor — contra o Everest da ciência desumana.

Chega à conclusão de que não há meios para evitar a intoxicação pela guerra dos gases. Cita:

Já peritos, pertencendo a quinze países, convocados pela Cruz Vermelha, reuniram-se em duas sessões: uma em Bruxelas, outra em Roma. Desgraçadamente verificavam que havia extrema dificuldade em proteger eficazmente as populações civis em casos de ataque aéreo-químico.

As máscaras já foram postas à margem, por insuficiência de preservação, estamos fartos de o saber. Demais, a técnica moderna, aperfeiçoadíssima, tudo resolverá com o torpedo aéreo, aproveitando a ideia dos fogos de artifício... Não há saída.

A conclusão de Caillaux é a seguinte: “Se o homem quer viver, é preciso acorrentar o novo Prometeu: a ciência”.

Humanamente impossível. A febre dos laboratórios, das pesquisas, dos descobrimentos, das invenções — para fins industriais — aumenta, progressivamente, todos os dias.

As indústrias, a era da máquina não pode desaparecer no regime capitalista.

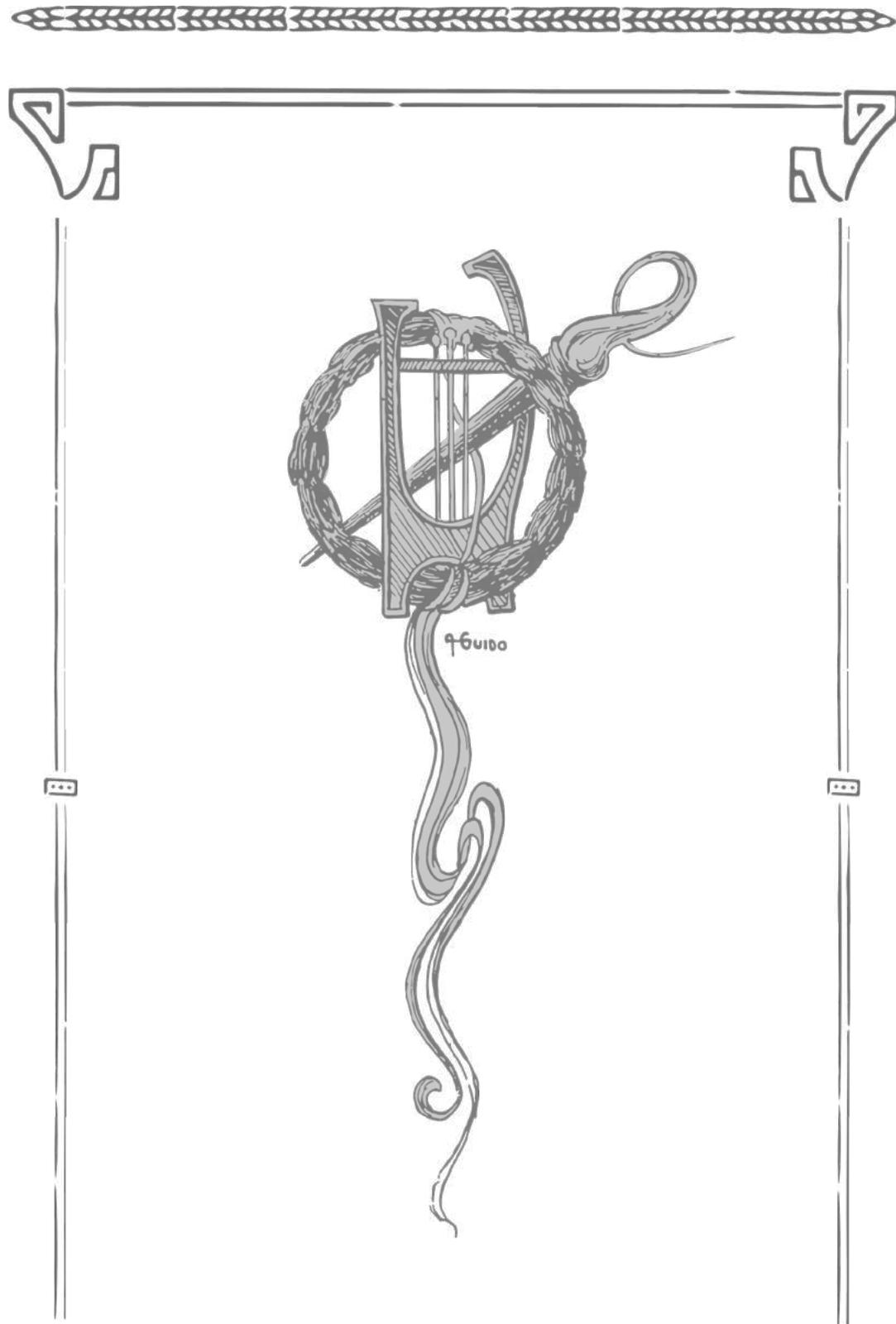
A cupidez do homem coloca-o a serviço de tudo o que há de mais abominável – em nome da luta pela vida – pró-pátria, pró-progresso material, que todos denominam civilização.

Aí estão as três cousas impossíveis de exterminar: o homem, a indústria, a ciência. Só exterminando a todo o gênero humano...

Assim, impossível encadear Prometeu.

A solução, repito, é a objeção de consciência, é a deserção, a não violência heroica, a suprema resistência, o *Não matarás*, a mentalidade nova para o protesto consciente contra a perversidade humana organizada, contra a imbecilidade social.

.....



Ibsen e a Academia de Letras

.....

“Rio, 26-4-928. (A. B.) — Realiza-se hoje, às 17 horas, a sessão publica da Academia Brasileira de Letras, comemorativa do centenário de Henrik Ibsen.

Ocuparão a tribuna os Srs. Roquette Pinto, Coelho Netto, Antônio Austregésilo e Affonso Celso, os quais explanarão, respectivamente, as seguintes teses: ‘A filosofia de Ibsen’, ‘Solness, o Construtor’ e ‘Considerações em torno da psicopatologia na obra de Ibsen’.”

Dos jornais

CADA FACE DO PROBLEMA DE IBSEN CIRCULA EM TORNO DO SEU profundo individualismo, sintetizado nesta frase: “O homem mais forte do mundo é o mais solitário”.

Ibsen foi contrário, portanto, a todo e qualquer rebanho humano, e mui principalmente ao que se reúne sob a chapeta de Academia de Letras.

Perseguido pela literatura oficial, isto é, pela literatura acadêmica e política, a qual não podia suportar a sua independência, a sua individualidade, o seu gênio, Ibsen combateu, corajosamente, a sociedade – sempre a mesma limitação aniquiladora das energias individuais; foi contra partidos, seitas, nacionalismos, pátria, bandeiras, contra toda essa moral de rebanhos, defensora da sagrada instituição da família – protegida pelos literatos e acadêmicos – contra políticos e moralistas, contra os vendidos à organização social de privilégios e contra os domesticados às convenções mundanas.

Morto, o gênio norueguês é aplaudido e comemorado e homenageado pelos governos, políticos e pelos acadêmicos!

Homens em rebanho e disfarçados em uniformes — maculam a filosofia e ultrajam a memória de Ibsen.

É ignóbil a desfaçatez com que a literatura oficial se apodera dos maiores gênios da humanidade para moldá-los ao vazio das suas expressões retumbantes, sonoras, sentimentais ou “científicas”...

A Sociedade e o Estado são sempre teatrais.

Cada um dos quatro acadêmicos brasileiros, visto, isoladamente, como intelectual, tem grandes qualidades.

Quanto ao mais, não os conheço.

Roquette Pinto é vasta notabilidade no seu ramo científico, e o seu estilo é admirável de beleza, de lirismo, de sensibilidade estética.

Mas unido ao rebanho acadêmico, incensado pela sociedade elegante, “moço bonito”, é capaz de acabar fechando o laboratório para abrir o oratório... Já é patriota, nacionalista, embora os seus voos infinitamente relativos... pela antropologia tão limitada e as suas especulações científicas.

Muito podem as honrarias e o ambiente.

Austregésilo, à parte aquela perversidade inominável de Antônio Torres, chamando-o de “estrela” da *Companhia de Letras*, é, dizem, grande neurologista de “chapa” literária...

Coelho Netto é magistral em algumas de suas páginas, como, por exemplo, em alguns dos seus contos do *Jardim das Oliveiras*, em que a sua piedade humana vê os privilégios bárbaros desta sociedade de exploradores. Mas escreveu poemas em honra da sagrada eucaristia... ou qualquer cousa semelhante.

E chega a ser vulgaríssimo.

Affonso Celso — monarquista, moraliteísta, católico-romano — elogiando Ibsen!

Cientistas acadêmicos e nacionalistas dissertando em torno da filosofia libertária de Ibsen, sufocando o gênio ibseniano, dentro da ênfase doutrinária de uma psicopatologia qualquer!

Como é fácil chamar de louco ou de doente ao homem livre, à consciência incorruptível que se não vende, que se não domestica, que não

verga ante as seduções (tão pouco sedutoras para os gênios) da “imortalidade” e da glória efêmera e exibicionista de um uniforme grotesco — para o gozo de um instante de mundanismo.

Qual desses literatos, cientistas e acadêmicos seria capaz de dizer à sua esposa aquela frase de Wangel: “És livre, faz o que quiseres e é tua, unicamente, a responsabilidade de teus gestos”?

Qual deles teria a atitude nobre desse Wangel de *A dama do mar*, que não tenta prender sua mulher, nem mesmo pela persuasão, quando ela vai seguir outro amor, convencido de que todos os seres são livres e ninguém tem o direito de cercear a liberdade de outrem?

Porque Ibsen não faz literatura: indaga, estuda problemas, aliás, sem pretender resolvê-los, porque cada indivíduo tem o seu problema e a sua esfinge e há de procurar a solução que lhe convém, particularmente, individualmente.

“Sê tu mesmo e em toda a plenitude das tuas forças” — é a filosofia ibseniana.

Qual desses acadêmicos aceita a conclusão de Ibsen em *A casa de bonecas*?

É tese absolutamente “escabrosa” e imoral para a moral cômoda dos literatos acadêmicos, para a literatura oficial e para os médicos, *necessariamente pais de família*, a de Nora, abandonando o lar, os filhos, o marido, simplesmente porque não pode mais amar a esse marido vulgar, como todos os maridos que pontificam a sua proteção aviltante, e porque Nora sentiu que toda criatura tem o direito de buscar a sua realização interior, de reivindicar a liberdade individual, que todo ser tem o direito a ser respeitado nos seus sonhos, nos seus ideais e até nos seus gestos espontâneos de bondade, castigados pela lei inexorável dos homens.

E, principalmente, por que enganar aos fracos e aos ignorantes? Por que cultivar a ignorância e a inconsciência feminina?

Nora, de Ibsen, é um protesto contra a educação, medieval ainda hoje, e que faz da mulher um parasita social ou instrumento de trabalho (segundo a classe a que pertence), *bibelot*, boneca, lulu nº 1, cousas tão queridas da literatura e dos acadêmicos...

Nora se desembaraça da hipocrisia do lar e da família, convencendo-se de que o casamento é um negócio que satisfaz à “sagrada instituição” e

à sociedade: a verdadeira união é baseada no amor consciente da liberdade e na consciência livre e esclarecida do homem tanto quanto da mulher.

Helmer é o tipo do marido: sensato, considerado; educa, protege, acusa e julga, perdoa ou condena, aplica a pena merecida.

Nora acorda e despedaça, altivamente, os grilhões que a prendem a essa família de mentira.

Como é que essa gente, presa às convenções sociais dos rebanhos, incapaz de dar mão forte, publicamente, à maternidade livre e consciente, à mulher verdadeiramente emancipada – tal como a sonhava Ibsen – como podem os homens da moral social e que educam suas filhinhas nos Sion e nos *Sacré-Coeur* — elogiar a obra máscula e humana do gênio ibseniano?

Comédia literária!

O pato selvagem, A casa de bonecas, A dama do mar – são problemas focalizando a emancipação sexual da mulher, defendendo a sua individualidade.

É lá tese para uma academia, para acadêmicos elegantes?

Se as academias e os homens políticos elogiam a Ibsen, que resta para nós outros, os indesejáveis da literatura e do jornalismo oficial; nós outros que não temos um jornal para dizer dos nossos sonhos; nós outros, sabotados pelos editores e pela imprensa oficial nas mãos dos acadêmicos e dos mercantilizadores da pena; nós outros da corrente de Ibsen e apontados com o dedo como vozes indesejáveis; nós que, voluntariamente, nos colocamos, como Ibsen e tantos outros, fora da lei, da moral e da sociedade – para a defesa sagrada das nossas verdades, dos ideais de amor e liberdade, para a defesa dos sonhos do individualismo livre, da “vontade de harmonia”?

Brand é o problema religioso, é o problema do apostolado: ai daqueles que pretendem um ideal de regeneração social!

Ai dos que têm a ilusão de edificar a sociedade futura apelando para o rebanho humano!

Brand é o protesto contra a tirania das massas, contra a ingenuidade do apostolado.

O povo vive de “mentiras vitais” e, quem tentar persuadi-lo de que as recompensas só vêm da vida interior – é sacrificado, impiedosamente, inutilmente, por essa mesma multidão, ululante de entusiasmo, que vai

atrás do edificador de igrejas, enquanto não o ouve dizer que “toda Igreja é uma mentira”.

“Inimigo do povo”, da moral, da sociedade, da religião, é todo aquele que se eleva acima dos preconceitos, dos interesses, das convenções, do exibicionismo ou do fausto acadêmico, é todo aquele que tem a coragem de proclamar bem alto as suas verdades contra as “verdades mortas” dos rebanhos ou dos interesses inconfessáveis.

“Espectros” é outro aspecto do problema ibseniano. Que beleza, que admirável lição sintetizada na frase de Oswald à sua mãe, protestando contra a degenerescência pelo vício, contra a fatalidade hereditária impressa a ferro em brasa na sua existência de sacrificado: “E que espécie de vida me deste! Não t’a pedi. Devolvo-ta”.

É o acumular de taras e hipocrisias na ociosidade parasitária e nos vícios dos ricos piedosos e caridosos.

Essa tese pode lá ser defendida em academias, por literatos *raffinés* que, se chegam a ser sinceros, têm a “sinceridade do eco”?

Peer Gynt é o ridículo do individualismo egoísta.

Hedda Gabler é a vontade de domínio, o individualismo autoritário.

Ninguém tem o direito de impor a sua vontade a quem quer que seja ou de procurar influenciar sobre um destino: as consequências não se fazem esperar. É a desgraça do que quer dominar e do que reage ou aceita, docilmente, esse domínio.

Cada qual só pode influenciar por sobre a sua própria natureza, mas exigir dos outros é mais fácil do que exigir de nós mesmos.

Como a gente aprende tarde tudo isso!

Como é preciso reagir contra o que nos ensinaram, para perceber essas verdades inscritas nos pórticos da nossa consciência!

Werle, em *O pato selvagem*, é ainda o apostolado, o problema da ingenuidade do reformador: todos os que se não aproximaram ou não realizaram o individualismo estoico têm necessidade das “mentiras vitais”, desde as mais baixas e mais interesseiras até as que se escondem por sob a capa auriverde das bandeiras, das pátrias, dos nacionalismos patrióticos e guerreiros ou das revoluções saneadoras... ou por ingenuidade, ou por incoerência, ou por interesse, ou por fraqueza, ou pela incapacidade de trazer sempre os olhos abertos, ou pela vontade de domínio.

Mesmo o individualismo pode ser a máscara do egoísmo, da sordidez, de baixezas ou até do delírio de poder de um Nietzsche dançarino, “a última moda da loucura”.

No “reino do grande mistério” só penetra aquele que, fora da lei, do preconceito de família, de sociedade, de religiões, fugindo à tirania que quer dominar ou que quer persuadir, fugindo aos deveres sociais impostos pelo rebanho com a sua domesticidade e as suas ilusões, — procura, em si mesmo, uma energia interior que é fonte do caráter incorruptível e da pureza e coragem de ir contra a maré — para se tornar, cada dia mais, o Humano livre, o Indivíduo clarividente.

Ibsen sufoca dentro de academias.

Ibsen só pode respirar ao ar livre, em Panteon aberto.

Se Ibsen saísse agora da sepultura e se visse fechado em uma sessão acadêmica, talvez gritasse, amargurado: — “Comediantes! Se eu fosse vivo, nenhum de vós me reconheceria!”.

Consola-nos ter em mãos o número especial de *Le Semeur*, dedicado a Ibsen e a “plaquete” respectiva, reproduzindo o magistral ensaio em torno da filosofia ibseniana, feito por outro Homem Livre — Han Ryner — e estudos de indivíduos como Henry Bauer, Laurent Taillade, Gerard de Lacaze Duthiers e outros e muitos outros de igual valor, alguns dos quais reconheceram a Ibsen quando os acadêmicos o apedrejaram.

Le Semeur apaga, assim, a triste lembrança das homenagens prestadas ao gênio escandinavo — pelos governos, pelos políticos, militares, moraliteístas e acadêmicos.

.....

Domesticando

.....

OS JORNAIS DE SÃO PAULO TROUXERAM LONGAS NOTÍCIAS A RESPEITO do “homem do mato”, capturado com dificuldade pelas autoridades de São José dos Campos, “a fim de ser domesticado”... E foi a piedade cristã do vigário de Buquira.

“Condoído da sua sorte”, pediu ao delegado de polícia de São José dos Campos que providenciasse para a “domesticação do selvícola”.

Durante 12 anos, João Pedroso viveu absolutamente livre do convívio humano, temendo menos as feras e os répteis e os mosquitos que a cupidez e o egoísmo brutal e a concorrência barbara dos civilizados.

João Pedroso deveria ter-se internado pela “selva escura” mais ou menos aos trinta anos de idade, “em meio do caminho”...

Que teria levado essa alma simples a procurar na solidão, no isolamento, no seio da natureza, em plena vida livre o que me não foi possível encontrar na sociedade?

E com que direito a sociedade intervém em uma dessas definitivas decisões do indivíduo, para obrigá-lo a “domesticar-se”, para “civilizá-lo” novamente, para trazê-lo ao convívio dos homens?

E isso em nome do Cristo, individualista livre que também teve que fugir para o deserto, para recuperar forças — a fim de entregar a face ao beijo de Judas e à bofetada social.

Nesses doze anos, que estupenda evolução operou-se nas criptas profundas desse solitário das matas!

Pobre João Pedroso! *Domesticado* pela piedade cristã, *civilizado* pelo progresso material, obrigado novamente ao convívio da sociedade, atuando os homens de “odor cruel” e o ruído pavoroso das suas máquinas e o tilintar azinhavrado das suas moedas e das suas façanhas, de cafténs da consciência... bonita domesticidade, linda catequese, admirável piedade humana!

Nem o direito de fugir, de isolar-se para uma purificação interior, nem ao menos o consolo de se sentir livre, no convívio panteísta da natureza!

É um símbolo a capturação de João Pedroso.

Todos nós, aliás, somos capturados ao primeiro vagido. Tão bem o descreve Rousseau!

A educação, desde o batismo e o jardim da infância até a universidade, as academias científicas ou literárias, a nação, a pátria, a sociedade em suma, com todas as suas indispensáveis ramificações – religião, família, Estado – apodera-se da criatura humana, captura-a no berço e a leva ao túmulo – *domesticando-a, civilizando-a*, “condoída” pela sua ignorância, penalizada da sua cegueira, numa piedade verdadeiramente cristã...

É a parábola ryneriana, a parábola de...

.....

“O povo cego”

.....

E ME NÃO POSSO FURTAR AO DESEJO DE A TRADUZIR PARA OS MEUS leitores:

Nesse país a luz é mais doce que na própria Grécia. O clima ali é tão igual que ninguém tem necessidade nem de vestimentas nem de casas. As bagas silvestres aí brotam fartamente e mais saborosas que os mais bem cultivados dos nossos frutos.

Uma planta orna, por si mesma, a margem de todos os caminhos, dez vezes maior que o nosso trigo e, em vez de espigas, dá pães deliciosos.

Mas os grandes e os padres são de natural invejoso: os bens que não constituem privilégios e superioridades para eles perdem todo preço.

Organizaram a cidade de maneira a gozarem sozinhos, livremente, das vantagens do país.

Proíbem os outros homens de colher os pães e as frutas e deixam apodrecer enorme quantidade de nutrição. Distribuem víveres insuficientes aos pobres. Para eles, descobriram a arte de “deitar cargas ao mar” e de comer imediatamente depois. Aliás, são desgraçados, sempre

entorpecidos e dolorosos de indigestão, sempre inquietos com a ideia de que, sem dúvida, em algum canto mal policiado do imenso país, lhes roubem um pouco do que, afirmam eles, lhes pertence.

Encontraram, entretanto, há alguns séculos, um meio de se tranquilizar em parte.

Logo que nasce um filho do povo, as suas pálpebras são fechadas com uma pasta que sabem preparar os padres e certos servidores dos ricos, denominados sábios. Assim, os grandes, os padres e os sábios, só eles gozam da luz.

Muitas vezes fustigam os outros homens, os quais, reconhecendo a sua inferioridade, curvam a cabeça. Mas, os pobres são, entre si, de espantosa brutalidade.

O ouro parece inútil em tal país. Entretanto é muitíssimo apreciado. Algumas vezes, as mãos tateantes e investigadoras de um cego encontram um tesouro. Então, os magistrados se reúnem. Examinam algumas das circunstâncias que precederam ou acompanharam a descoberta. Essas circunstâncias parecem fúteis e indiferentes a quem quer que seja que não tenha estudado as suas leis.

Os magistrados, porém, descubrem nelas o que denominam justiça e proclamam que o inventor do tesouro deve ser condenado à morte ou que é preciso trazê-lo para a classe dos videntes. Então, com uma água da qual os padres guardam o segredo, descolam as suas pálpebras.

Entretanto, os grandes, os padres e os sábios ensinam ao povo que o país é horrível de se ver e que, sem a sua sábia administração, a calamidade pública, a miséria seria aí contínuo flagelo.

Desolam-se, em altas vozes, pelo fato de ser obrigados a conservar os olhos para conduzir, através dos horrores da região, a seus irmãos mais felizes.

O povo canta com eles o seu devotamento e a doçura de viver com os olhos fechados, sem o trabalho de se conduzir.

Aliás, a morte, afirmam, abre os olhos dos pobres em uma bela região, amável como um beijo que nunca mais terá fim.

Os ricos, os padres e os sábios têm, entre todas as suas inquietações, terrível angústia.

Algumas vezes, com efeito, um homem do povo sente seus olhos se abrirem.

Dá-se o acidente de dois modos. Às vezes, durante todo um dia, um miserável escapa às ciosas vigilâncias e, através das suas pálpebras fechadas, procura ver um mesmo objeto.

As pálpebras, pouco a pouco, parece adelgaçarem-se transparentes e o objeto lentamente se torna distinto. À hora em que o crepúsculo incendia o céu, o objeto, pacientemente observado, toma, enfim, linhas precisas e os olhos se abrem. O homem que goza, de repente, à vista do conjunto das cousas, agita-se em uma felicidade muito violenta e grita maravilhado.

Outra vez, também, um pobre diz:

– Quanto a mim, aceito a minha condição, uma vez que tenho a força de a conduzir. Mas por que os deuses dão fardos tão pesados a tantos seres fracos que ouço gemer e tombar?

Se essa piedade é assaz forte para fazer chorar, eis que o misericordioso sente suas pálpebras se levantarem livres e vê, trêmulo, em uma emoção, misto de amor e piedade desolada, vê as cousas e os seres agitarem-se em derredor.

Ora, se os novos videntes se calam diante do povo, ou, se consentem em louvar a condição dos cegos, são suportados. Muitas vezes mesmo, são convidados a entrar para um colégio de padres ou de sábios. Se um deles pratica a imprudência de louvar publicamente a luz, a sua boca é fechada com uma mordança e o arrastam para o exílio.

Mas se atrai o ódio da sua pátria e da organização social até querer explicar por que meios os olhos se podem abrir, então os grandes, os padres e os sábios dominam a sua voz com os seus gritos.

Acusam-no de enganar o povo e têm o consolo de ver a multidão, em um impulso magnificamente unânime, atirar-se por sobre o mentiroso e o matar.

.....

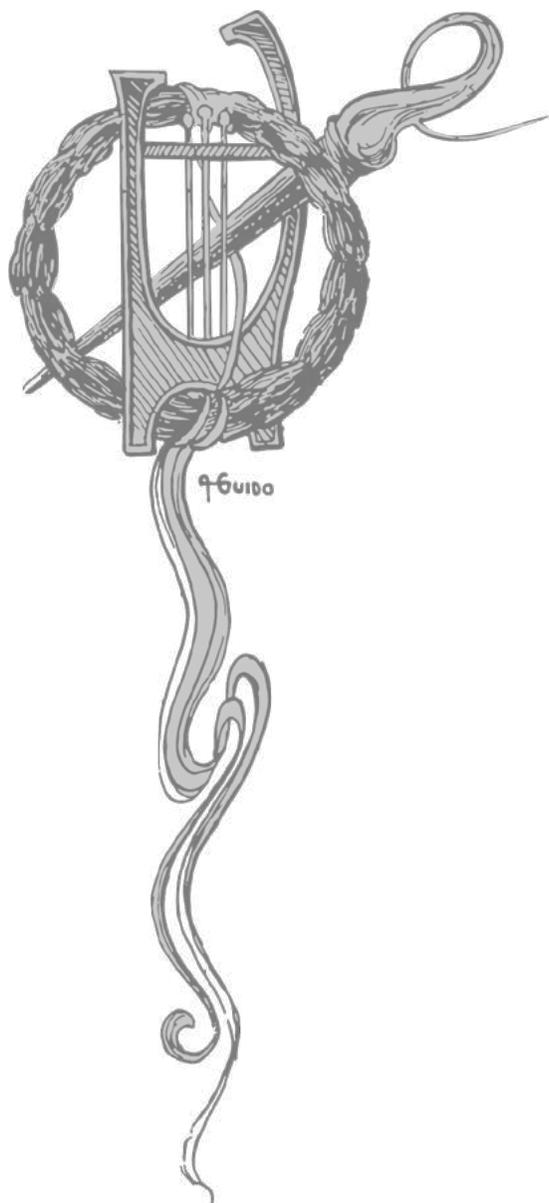
Pobre João Pedroso!

Coragem, ó meu irmão.

Aqui, na Terra, dentro desta organização social cheia da piedade cristã tão admiravelmente descrita na magistral parábola de Han Ryner, não há florestas impenetráveis aos olhos da caridade... Para onde

quer que fujamos, ainda que nos internemos nos sertões ou nas matas silenciosas das vozes humanas e rumorejantes dos duendes das lendas, por toda parte a piedade social nos irá buscar para a “domesticação”, ou para civilizar-nos ou para nos amordaçar, “condoída” da nossa sorte...

A vida de João Pedroso é um símbolo.



Os Trinta Dinheiros



AS IRMÃS DE CARIDADE DO SION, NO RIO DE JANEIRO, RECUSARAM aceitar no respectivo Colégio, nas Laranjeiras, a linda filhinha do casal Procópio Ferreira, pelo fato de ser a filha de um ator.

E declararam que não recebem nem filhas de atores nem crianças de cor, “ainda mesmo que pertençam à sociedade”.



Os Judas de hoje não se enforcam. Acumulam capitais e o seu representante máximo intitula-se Papa-Rei.

Santa humildade cristã!...

Os Judas de hoje pertencem à “alta” sociedade burguesa, são acionistas de *trusts* e de bancos, abrem os salões às embaixadas diplomáticas, batizam as armas de guerra, vestem púrpuras e ostentam nos dedos joias cintilantes e abençoam o mundo, das janelas suntuosas dos seus palácios magníficos, e acumulam galerias de arte e possuem os mais ricos museus da Terra e compram os primeiros ministros e vendem-se a tiranos e reivindicam o poder temporal.

Santa pobreza do Rabi da Galileia!

Santa simplicidade cristã!



Mercadores do templo...

Que infinito e que eternidade entre os princípios cristãos dessas “esposas de Cristo” e a bondade imensa de Jesus – simples, pobre e humilde de coração.

“Deixai vir a mim os pequeninos...”

Os pequeninos de que fala Cristo decerto não são as filhas do rei da Itália ou de Mussolini, de Matarazzo ou do rei Bóris, de Carol ou de Alberto da Bélgica, de Poincaré ou de Clemenceau, de Krupp ou do general Percin, as filhas da alta burguesia do açambarcamento das riquezas ou do poder.

As “filhas do Senhor”, as “esposas místicas de Cristo” nunca ouviram falar, nunca perceberam a razão de ser do manso e meigo Rabi de Galileia, nascido na manjedoura, filho natural de Maria, filho do Amor, protegidos pela alma imensa e pura e amorosa de um velho carpinteiro contra o puritanismo farisaico dos sacerdotes e da moral social, que os lapidariam a ambos – não fora o gesto nobre e heroico de José, tão alto, tão vasto que ainda não conseguiu ser interpretado pelos sábios da Escritura...

As “filhas do Senhor” só conseguiram aprender de cor e recitar a palavra de uma revelação clerical.

E, de Cristo, nasceu o cristianismo tartufo. E, de Jesus, fizeram o jesuitismo da Inquisição e das fogueiras, do confessionário e dos autos de fé, de Mussolini e de Tacchi Venturi, do óleo de rícino e do mangando...

Santa sabedoria cristã...

E, da humildade mansa do Cristo, nasceu o Vaticano.

Como todas as cousas belas se prostituem!

Como todos os gestos nobres se vulgarizam em contato com a perversidade humana socialmente, legalmente, moralmente organizada!

Santa covardia do rebanho social!

Cristo nunca foi cristão.

*
**

A pequena Bibi, filha do ator Procópio Ferreira, não tinha sete anos de idade e iria ensinar cousas feias às filhas dos ministros e senadores e deputados e generais e altos funcionários desta República de castos e puritanos, desta democracia carnavalesca de legislação “gorda” e de capacidade minguada, de “ventre imenso e cabeça insignificante”... a pequenina Bibi é quem iria perverter a prole feminina dessa gente da “alta” e da “boa” sociedade, iria transmitir suas maldades congênitas aos rebentos degenerados dos Césares do ouro e dos magnatas do poder, e desmoralizar de vez o Sacro Colégio francês das “Servas do Senhor”.

Santa ingenuidade cristã!

*
**

Quando os atores do teatro popular se fazem *nouveau-riches*, frequentadores da sociedade chamada a “boa” ou “alta”, e adquirem e cultivam o preconceito idiota de uma posição social e falam da sua “honra ofendida”, deixam de ser artistas, tornam-se burgueses ortodoxos e merecem que a moral teológica e a honra social lhes deem no rosto a bofetada do tartufismo.

Dignos uns dos outros. Por isso, o ator Procópio Ferreira considerou-se “desmoralizado” e ofendido nos seus melindres.

Um artista não faz questão da “honra” – o ídolo mais voraz e mais feroz da nossa civilização.

Um artista não entrega a educação de sua filha a esse ambiente fechado e sombrio e duro e egoísta e estreito e perverso e cadavérico dos colégios católicos das “filhas do Senhor”.

As filhas do verdadeiro artista educam-se em um ambiente de Liberdade e Amor e altruísmo, em contato com a natureza e com o coração generoso de outros artistas, nos museus e nas galerias de arte, ao lado da pobreza, da simplicidade, em meio ao desconforto dos sonhadores e idealistas sem pátria, sem preconceitos, sem hábitos de luxo e de parasitismo, nômades, boêmios, o coração aberto para todas as verdades, para todas as dores do mundo, para todos os miseráveis, para todos os deserdados, para os humildes e para os ingênuos.

O verdadeiro artista sabe que o tartufismo, a hipocrisia são as virtudes máximas da religião católica romana.

Fingir, fingir, fingir e aprender a bem colocar a lendária folha de parra do pudor cristão, de que fala a adorável ironia de Anatole, eis o escopo da educação dos conventos e das casas de caridade católicas romanas.

Cristo, inimigo da sistematização de princípios, inimigo dos Césares do poder e Reis do ouro — porque era profundamente humano e amoroso, Cristo é a bandeira de que se servem os mais astutos, os mais hábeis organizadores da mais perversa, da mais maquiavélica de todas as religiões.

Quando Cristo chamava a si as crianças, os explorados e os fracos: “Deixai vir a mim os pequeninos”, nunca indagou se entre os pequeninos

havia filhos de assassinos, de bandidos, de padres, ministros, capitalistas, diplomatas, reis ou militares...

Cristianismo – a negação de Cristo, pobre, manso e humilde de coração.

As irmãs de caridade desconhecem a Cristo. Conhecem apenas o cristianismo clerical.

*

**

Dói-me o coração quando penso nesses inúmeros e grandes colégios religiosos das irmãs de caridade e freiras e santos padres espalhados por todo o orbe a poluir as almas das crianças.

Que o diga Mirbeau.

Que o diga Flaubert e todos os caracteres incorruptíveis que passaram pela vacinação católica romana.

Tudo ali é estagnação, é anacrônico, é teratológico porque é contra as leis naturais da evolução das nossas forças latentes.

É uma adaptação monstruosa para sufocar o *eu* interior e despertar virtudes cristãs como a hipocrisia, a humildade falsa do orgulho e da vaidade, a deslealdade, a astúcia maquiavélica, o falso pudor e a elasticidade da consciência, apta a se adaptar a todas as torpezas — para maior glória de Deus e da Igreja.

É o estímulo à delação, à fraude, à mentira disfarçada na sua lógica de sofismas.

Que de perversidades condensadas em uma hábil organização para sufocar a alma da criança!

Que de esforços admiráveis para emparedar a criatura dentro de si mesma, adormecer a sua razão, sufocar a liberdade interior, despertar a natureza inferior dos seres humanos!

Durante quatro anos, frequentei também um colégio de Irmãs de Caridade — dos 06 aos 10 anos, e bastou esse tempo para eu conhecer de perto o que são as escolas desse gênero.

As diferenças de critério para “julgar” e “castigar” os atos inocentes das meninas ricas e das pobres, das brancas e das de cor, tudo olhado com a severidade do pecado e do inferno – esse papão de olhos esbugalhados noite e dia em cima da nossa infância envenenada pelo medo – a consideração especial em torno das alunas de famílias ricas e filhas de políticos,

a exploração das meninas de cor a serviço das outras – é inacreditável como dentro do século do rádio e da relatividade, de Mme. Curie e de Einstein, de Romain Roland e de Han Ryner, ainda seja esta educação medieval a que se ministra às crianças e à juventude!

A palavra de Rousseau, de Voltaire, de Condorcet, de Darwin, de Reclus, de Anatole, de Mirbeau, de Maupassant, de Tolstói, de Ibsen, de tantos e tantos outros é como se fosse letra morta: a Igreja, monopolizadora da educação, e o Estado, seu cúmplice, e o Capital, grande acionista dessa extraordinária Companhia Anônima Ilimitada, todos se entendem maravilhosamente para massacrar a liberdade de consciência e cultivar até o infinito a imbecilidade e o acarneamento humano.

Civilização sacerdotal de vampiros e *profiteurs* da fé e da domesticidade social.

E os grandes açambarcadores, os Césares do ouro e do poder, magnatas do dominismo e marechais e generais e comandantes, todos os assassinos condecorados e gloriosos, os fazedores de cadáveres, cientificamente, à luz das matemáticas, da química, da física, da mecânica, aplicando todos os conhecimentos humanos a serviço da indústria guerreira, os reis do aço e chefes de Estado, monarcas ou democratas republicanos, livres-pensadores da fachada e maçons, ateus e anticlericais, todos, absolutamente todos *educam* suas filhas, seus filhos nesses colégios religiosos da “alta” e da “boa” sociedade.

Clero e Capital, Governo e Militarismo dão-se as mãos em uma aliança incondicional através do “freio” religioso posto na mulher e através da educação da infância, na qual a sabedoria sacerdotal põe toda a sua ciência maquiavélica, amoldando, cinzelando, burilando e imprimindo na alma da criança e da juventude o selo infame que azinhavra as consciências, amordaça a mente, envenena os sentimentos de prejuízos e convenções e ídolos que constituem o maior e mais sério empecilho à evolução humana.

Dessa sombria atmosfera dos portais negros da era medieval, dessa escuridão pavorosa do fanatismo religioso e da hipocrisia religiosa convencional, elegante, do sectarismo ortodoxo, dos dogmas do romanismo e da confissão que tudo absolve e das indulgências e graças que tudo preveem e tudo arranjam a contento dos ricos e poderosos, dessa argamassa demoníaca, não admira que saiam as “virtuosíssimas” senhoras

com editores responsáveis e que vivem de acordo com a astúcia e a consciência forjada pela educação de tartufismo, e os respeitáveis cavalheiros das negociatas e *escroqueries*, Cavalheiros da Legião de Honra, nobres e diplomatas e cônsules e militares e banqueiros e juizes das consciências alheias, altos dignitários do tartufismo oficial e prostitutas de alto bordo.

Obra admirável da “boa” educação!

E tudo, para maior glória de Deus e da Igreja!...

.....

“O Dragão e as Virgens”

.....

NÃO É CRÍTICA: É DÍVIDA DE GRATIDÃO.
Em um gesto oposto a qualquer gesto de elegância mundana, numa atitude pouco feminina – eu venho beijar as mãos generosas de Afonso Schmidt, pelas lágrimas doces de piedade que me fez chorar ante a leitura desse livro admirável, se a gente o lê com a alma, sentindo a dor de viver dentro de uma organização social baseada no privilégio e na brutalidade.

A começar pelo prefácio, do autor aliás, essa novela de uma consciência livre e de tese social é carícia espiritualizada pela amargura de sofrer a angústia de outras almas, recende a perfume delicado, é toda a beleza interior de uma criatura a extravasar a sua imensa bondade como bênção de ternura por sobre a dolorosa procissão dos tristes e dos explorados.

É uma palavra de Amor e uma lágrima de luz de quem sorriu docemente junto à mulher torturada e sentiu toda a sua tragédia silenciosa, presa inerme da civilização que mercadeja com a carne feminina e expõe à venda os sentimentos mais delicados do coração humano, como retalha as vísceras dos animais nos açougues ou fabrica o álcool para incendiar os filhos nos ventres maternos.

Afonso Schmidt fala aos oprimidos, aos anônimos acicatados pelo rude mourejar de cada dia, acuados pelo progresso industrial, perseguidos, ludibriados na torpeza de uma sociedade de vampiros, cujas garras e cujas ventosas praticam o exercício quotidiano de amortecer a sensibilidade humana no estrangular ilota de todos os verdadeiros forjadores do progresso material — para a voluptuosidade dos ociosos, e no crucificar de todas as mais altas manifestações da beleza sonhada pelo espírito humano.

Afonso Schmidt é único nesse gênero literário no Brasil e, por isso mesmo, mais admirado no estrangeiro do que na nossa terra, onde as letras pátrias de papagaios e verde-amarelismo empolgam pela estreiteza do cenário.

Afonso Schmidt é anacionalista e o seu problema é o problema humano.

A sua arte não é essa pseudoarte de joeirar expressões sonoras com a paciência de um chinês. A sua arte (que lindo o seu prefácio!) é forjada na rudez do salário para o pão de cada dia, com que os exploradores e os poderosos amordaçam o homem e compram a mulher do povo, sangrando-lhes as mãos e o coração para tripudiarem por sobre a sua dor inominável.

Afonso Schmidt sente que “estamos numa época em que todos sabem o que é preciso dizer. Quem silencia, trai; desaparece. Já não há mais o inútil, há apenas o prejudicial; é tudo o que perverte, toma espaço, absorve energias indevidas”.

Os seus livros, entre eles – *Brutalidade, Janelas abertas, Mocidade*, sua prosa ou os seus versos, tudo quanto esse moço escreve, vai nos até a alma no perfume do seu imenso espírito de solidariedade para com os que emergem desse incêndio voraz denominado civilização ou progresso, para com os que sustentam o sacrifício inaudito de carregar – novos Atlas-Briaréu – o peso morto do mundo que se aproveita do trabalho alheio.

*
**

Este livro toca mesmo na ferida social que mais dolorosamente sangra: é a história da prostituição “necessária” para saciar o apetite sensual do homem que reservou para si todos os direitos de animal na escala zoológica e criou, também para si, os direitos de bruto *raffiné* na aquisição de vícios e hábitos que o colocam abaixo do irracional chamado, porém, roubou à mulher o direito mesmo de viver a plenitude das suas forças e das suas necessidades, o direito de ser dona do seu próprio corpo e senhora dos seus instintos (parece incrível que um animal possa governar ou exercer pressão sobre o instinto de outro animal!), roubou à mulher uma parte imensa da sua vida de criatura que evoluciona pelas mesmas leis biológicas de todos os seres da nossa escala de evolução.

Mas se o homem, se a sociedade, habilmente e perversamente organizada para a exploração do fraco, tirou da mulher essa parcela importantíssima de vida, por outro lado inventou, através do Dragão – o Deus Dinheiro – o meio de tragar as virgens, as predestinadas filhas do povo, devoradas nos lupanares e nos bordéis dessa “necessidade” inelutável – para a salvaguarda da pureza problemática de outras mulheres, engolidas umas no casamento legal (outra forma de prostituição), outras acorrentadas ao altar do sacrifício ao Moloc da Honra, pelo relicário da pureza da Família, de que são depositárias, feitas sacerdotisas, vestais “protegidas” pelo carinho da sacratíssima instituição, transformado em ridículo, em zombaria, em sátiras e ironias mordazes, quando a virgem dobra o Cabo da Boa Esperança... e se torna virgem louca...

E esse livro, cheio de bondade, diz essas cousas tristes por entre o sorriso doce de ternura dolorosa, em expressões que são como um cântico lírico de luar afagando as dores do mundo perverso que organizou tão mal a vida tão bela.

Magistral a sua descrição de tudo quanto embeleza artificialmente o erotismo: é o cinema que apresenta a nudez dos “interiores” e a vida fictícia dos *cabarets* – onde há alegrias ruidosas porque não há alegria e porque só há a busca incessante dos clientes e a concorrência esmagadora da questão econômica; onde a fanfarra de alarido e sons e cores e vícios procuram abafar a amargura de um viver doloroso; são as casas de modas, onde as caixeiros afogam-se em uma carícia de rendas e sedas e adornos de toda espécie, em um delírio de cores e perfumes capitosos e frascos esguios como a ansiedade do imprevisto, alimentando a curiosidade e a emoção em uma atmosfera de luxo e vício, empurradas violentamente para a prostituição – o único meio talvez capaz de as adornar de veludos e peles e joias, de tudo isso que passa pelas suas mãos vazias.

Porque, na vida artificial das cidades, é a sedução, o sensualismo absorvente, o fogo do erotismo, a labareda afrodisíaca a correr pelas veias da moça pobre, já descrente do casamento – um balcão, um luxo a que se podem dar as ricas, as que se vendem através do dote ou da posição social.

As outras, as exploradas no trabalho ou as filhas dos funcionários da pequena burguesia, têm, pela frente, quando falha o casamento (e cada vez vai falhando mais), a tristeza da soledade e da vida mutilada no flagelo da “solteirona” ou a estrada larga da prostituição.

Todos fingem não ver o drama silencioso da “solteirona”, o olhar vago, indefinido, esperando sempre, com a mesma ansiedade dorida, o inesperado, o milagre da felicidade que lhe vai sendo usurpada, cada dia representando um século no seu calendário, enquanto os anos voam, indiferentes, amortalhando as ilusões mais caras.

E se vão estiolando na *consumption*... E, à medida que os dias se alongam, o ridículo se vai instalando sorrateiro até morar definitivamente ao seu lado, nos seus vestidos, nos seus cabelos, no seu andar, fazendo parte integrante da sua pessoa a ocupar um lugar demais no cenário da vida social, que lhe não quer ceder a parte a que tem direito dentro mesmo da escala zoológica.

A família e a sociedade não merecem tal sacrifício e de que vale a “himenolatria” para a mulher, o preconceito da virgindade, se todos se riem da “solteirona”, da sua atitude de humilhação, das suas roupas insexuadas, da sua melancolia de nostálgica de um sonho sonhado em alturas inacessíveis?

É o aspecto mais doloroso dessa via sacra da mulher por entre chacotas intermináveis, começadas no “seio carinhoso da família” e perdendo-se por todos os recantos da sociedade cristã.

É o único prêmio merecido pelas vestais do relicário da honra da santíssima instituição.

E tudo isso, toda a ronda dolorosa das tristes e das exploradas vem da sociedade moraliteísta, dos privilégios, da civilização nascida “no dia em que houve a partilha da terra, cabendo a uns o pão e a outros a fome”.

Para os poderosos, os ricos – o luxo, a ostentação vaidosa, a ociosidade farta empurrando, astuciosamente, o proletário para a engrenagem voraz do progresso, gozado apenas pelos donos da humanidade escravizada ao salário.

Os pobres? O proletariado? Responde Schmidt:

Depois de ter fabricado a arma que o fuzila e a prisão que o encarcera, olhou para as mãos e viu que estavam vazias. Protestou e prenderam-no. Tirou um desforro e fuzilaram-no. A história do povo, individualizada, é um desses contos do vigário que aparecem nos jornais. Seria para rir, se não custasse oceanos de lágrimas.

Este livro faz doer o coração: é a tortura de todas as mocinhas pobres que levam chapéus e vestidos modelos às casas das Salomé, das Magdala, veem o *champagne* espoucar doirado por sobre toalhas de rendas e risadas sonoras de cristais e por entre os olhares lúbricos dos moços ébrios, dos senhores bem vestidos e das mulheres cobertas de joias, quase nuas e, depois, voltam para o tugúrio triste, irritante na sua ironia honesta, voltam para sentar-se à mesa quase despida, a comer, silenciosamente, no seio da miséria, do desconforto, do desalento, da desesperança de apertar no coração a felicidade sonhada como nos contos de fadas.

É a história do Dragão fabuloso, o Moloc da prostituição “necessária” a devorar as filhas dos proletários, interminavelmente, sempre insatisfeito na sua voracidade assombrosa de polvo descomunal a deitar, por todos os lados, os milhões de tentáculos a se multiplicarem em proporções gigantescas à medida que cresce o progresso material e a luta pela subsistência.

*
**

Habituada a ler meditando, a pensar profundamente o que leio, a ler com o cérebro, com a razão, a ler friamente – nunca para me divertir e sempre para aprender, para penetrar os problemas humanos – este livro me fez chorar, porque é a dolorosa escalada através da torpeza de uma civilização assentada por sobre o vampirismo puritano dos moraliteístas; porque é a angústia da fatalidade criada pelo egoísmo sórdido do interesse econômico e bestial; é a descrição do macular de tudo quanto deveria ser só beleza e liberdade e harmonia, no pantanal das ambições e das paixões baixas de toda uma sociedade que tem o odor metálico do azinhavre e o “odor cruel” dos instintos sanguinários.

Esse neossadismo fez da sociedade inteira um imenso prostíbulo onde toda mulher não tem remédio senão aceitar a imposição do senhor do cofre-forte, do banqueiro, do funcionário, do militar ou do diretor da repartição onde trabalha, do gerente ou do capataz, do caixeiro-chefe, do filho do fazendeiro ou do político a quem vai pedir o meio de ganhar a vida, “honestamente”... pelo seu trabalho.

Nos bancos, nos escritórios comerciais, nas casas de modas, nas confeitarias, por toda parte, a mulher é assediada, é perseguida, é acuada

como se obedecesse a uma lei fatal, até cair em uma das armadilhas, das muitas que em cada canto estão preparadas para apanhá-la, ou de surpresa ou pela fome ou pela sedução do luxo.

É inútil tentar fugir.

Impossível. O homem, apavorado ante a gula do Dragão, estendeu todas as redes, iscou todas as armadilhas, preparou todas as tocaias, dissimulou todos os fojos. Por fim, com o aperfeiçoamento dos sistemas, ergueu muralhas econômicas onde encurrala as vítimas, limitando o seu caminho entre a estufa venenosa e a rótula sombria. Criou o veludo e a seda, urdiu a moda, envenenou e coloriu os álcoois, criou a vertigem dos veículos, trastejou palácios com divãs de serralho, inventou a sedução das joias, das flores ricas, das peles exóticas, colocou tudo isso muito alto e, sagazmente, como velho demônio, inventou uma classe de mulheres às quais deu o privilégio de viver nessas estufas, com a tentação de todos os minutos: – Se eu quiser, tudo isso pode ser meu! – As criadas, as modistas, as chapeleiras, as floristas, as manicuras... A todas, deu um ambiente de riqueza e só negou uma cousa: a riqueza.

São as mulheres criadas expressamente para o Dragão; às vezes, nem a morte consegue torcer o seu destino.

Cerca-as uma conspirata de todas as horas. A sociedade inteira trabalha para a perdição de muitas mulheres. As meninas mais puras executam uma tarefa marcada. As senhoras de mais respeito, inconscientemente, realizam obra de alcovitice. A lama espirrada pelos automóveis e o sorriso aristocrático ofendem, desvairam, enlouquecem.

Seria preciso transcrever todo o livro, cheio de piedade.

E, para compensar o número relativamente insignificante de mulheres que alcançam o alto mundanismo das hetairas a governar o mundo através dos banqueiros, senadores, coronéis da política e da indústria – as milhares de prostitutas da calçada, das rótulas se estorcem no paroxismo dos sofrimentos que gangrenam o corpo e amortalam a sensibilidade.

Prostitutas! E por acaso não são também prostituídos todos esses coronéis e todos os moços bonitos e todos os homens que compram o prazer a troco da dor? Por acaso, dentro dessa civilização de vampirismo, haverá alguém que não se preste, que não tenha responsabilidade na organização social que compra e vende tudo, inclusive o amor, a consciência e o cérebro?

Quem terá mais culpa: a que vende ou o que compra?

Todos prostituídos, todos cúmplices do Dragão voraz.

E esse livro é escrito em estilo sem asperezas, suave no descrever as torpezas dos civilizados, doce como é sem violência esse sacrifício inaudito de milhões de mulheres expostas à compra nos mercados de escravas de todas as raças, nos balcões ou nos alcouces dos defensores da “honestidade” e da “virtude” burguesa-capitalista. E é essa moral que a “gente honesta” defende, que os “bons costumes” aí estão para manter, que a escola oficial e o catecismo assim ensinam para maior glória de Deus e da Igreja, da Pátria e da Família...

São os “cavalheiros sérios e graves que alimentam a prostituição por instinto, certos de que a moral da sua época é como o ‘broucoiaque’ da superstição grega, cadáver que vive a poder do sangue chupado aos vivos”.

Moral que decreta “necessária” a venda do que se convencionou chamar “amor”, esquitejados todos os sonhos mais doces da mulher, que os acariciou certa de poder ocupar o seu lugar ao sol, pendurados os ideais mais acalentados, nos harpeus dos magarefes da indústria e da política.

Não há mais para onde descer a brutalidade selvagem dos que se dizem civilizados.

E é imoral falar-se em substituir esses costumes ferozes por qualquer sistema de vida social mais natural e, conseqüentemente, mais humano, mais livre.

Todavia, queiram ou não, achem ou não imoral, só a liberdade no amor redimirá a mulher do muito que tem feito sofrer à mulher.

Só a liberdade do amor trará ao gênero humano um pouco de paz, a fim de poder transpor a escalada da evolução para uma finalidade social mais digna de quem tão facilmente se julga o *homo sapiens*.

*

**

Em dois únicos pontos, aliás bem fora da tese social dessa novela encantadora e séria, não posso concordar com o meu nobre e querido Schmidt.

Não diga mais, Schmidt, que os homens da Atlântida deveriam ser como os perversos que não sabem encontrar outra profissão a não ser a de assassinar animais nos matadouros, para os que se nutrem de cadáveres, trazendo as vestes a escorrer sangue e o rosto e as mãos fumegantes e enlameadas na dor das vítimas indefesas.

A Atlântida é um lindo sonho da civilização do Amor e da Liberdade, perdido na noite dos tempos.

Que nostalgia eu tive da Atlântida, meu generoso Schmidt, quando li *Les Pacifiques*, do nosso grande e querido Han Ryner, culto e genial ao transportar-se à civilização decantada por Platão em o *Timeu* e estudada, pelos orientistas e investigadores, como muitíssimo superior a tudo quanto se possa imaginar hoje, ultrapassando todos os limites da nossa barbaridade de civilizados militaristas, guerreiros de guerras movidas pela cupidez e alimentadas a álcool, a éter, a gases asfixiantes, civilizados canibalescos e vampiros a se enriquecer à custa dos campos de batalha, civilização de hienas a alimentar-se de cadáveres de homens e de animais.

Não. Se houve uma Atlântida, o pouco de bondade que ilumina o nosso altruísmo, a dedicação dos que se sacrificam por um ideal, o nosso anseio de subir até o Eu profundo, certo herdamos desses antepassados gloriosos de Sabedoria e Amor.

Não caluniemos aos que nos legaram a lâmpada espiritual que nos aquece docemente em uma esperança querida e que não morre nunca...

Foi aqui mesmo, foi dentro mesmo do nosso ciclo de evolução que maculamos a vida ao criar o dinheiro e ao captar a água pura das fontes para envenenar o coração, através do salário; e o corpo, no fabrico de drogas; e para aniquilar a inteligência humana. Fomos nós mesmos que fizemos armas e foram os homens desta civilização que inventaram a polícia para provocar desordens e os “bons costumes” para por no “tronco” das rótulas as mulheres “perdidas”, e foram os próprios homens que as “perderam” e as reduziram a escravas de harém.

Respeitemos a Atlântida como um lindo sonho inatingível.

.....
As “ideias-forças”
.....

O SEGUNDO PONTO DA MINHA DIVERGÊNCIA DESSE GRANDE ESCRITOR brasileiro é o que se refere a Bataille.

O teatro de Bataille é “um raio sem direção” – disse Schmidt.

O conceito de Afonso Schmidt, a propósito da magnífica obra de Bataille, não se harmoniza com a minha imensa admiração pelo teatro genial desse artista precursor, criador da beleza, disseminador de energia e serenidade.

Vejamos, por exemplo, *Les Flambeaux*.

Bataille, nesse trabalho nobre, largo, filosófico, sincero, de poderosa envergadura mental, aborda o problema ético da luta entre os instintos inferiores e as possibilidades latentes dos humanos, o conflito dantesco entre a sensibilidade da matéria e a sensibilidade da intuição, a lendária pendência do homem consigo mesmo, a matéria e a razão sensível, Caliban e Ariel, batalha permanente entre a ideia e a ação, o embate entre o que somos capazes de sonhar nas alturas e a baixaza das realizações mesquinhas a que nos leva a herança dos reinos inferiores.

É a oposição entre os prejuízos, preconceitos, mentiras, convencionalismos sociais e a grandeza ampla dos nossos sonhos de liberdade individual, e as possibilidades heroicas do nosso constante vir a ser – para uma harmonia mais alta.

São as “ideias-forças” propulsoras dos grandes acontecimentos éticos, as flâmulas inspiradoras dos gênios. Ideias independentes de todos os erros e crimes de lesa-humanidade. Ideias que pairam alto, ideias motoras, ideias projetadas dentro de nós mesmos, emanadas de toda parte, em todas as épocas, ideias entidades a nos fazer pairar acima da vulgaridade, num sonho colhido em alturas incomensuráveis.

Depois de alcançar tanta luz, o homem resvala, envolvido no fogo-fátuo sedutor do sensualismo, apanhado nas malhas resistentes da influência ancestral, enovelado nos erros seculares dos sentimentos co-

lectivos e procede com a mesma vileza e dentro dos mesmos motivos da imbecilidade humana.

De novo, o remorso de descer tão baixo e o esforço heroico de subir mais alto.

E Bataille estuda essa luta interior, criando tipos de profunda psicologia, entre cenas de tal nobreza, de tal ternura, de tal sensibilidade, de tal grandeza ética e de tal torpeza na vulgaridade do instinto de dominismo social – que faz pensar na inutilidade do apelo ao rebanho humano... e na evolução do indivíduo, na evolução apenas da unidade individual.

É penetrante, grave no seu recolhimento ao estudar o magno problema humano no heroísmo de subir, mais e mais, acima dos tormentos inventados pelo constrangimento social na sua faina de decretar costumes emoldurando todas as criaturas no diapasão dos preconceitos e da selvajaria degradante.

Bataille nos aponta os estragos, as tormentas, as amarguras, as angústias derivadas do instinto de propriedade que encadeia duas criaturas na geena da escravidão de si mesmas.

É o problema do amor.

E, principalmente, a ideia de que, através de um beijo, duas criaturas não se podem inutilizar no exclusivismo do instinto de propriedade e nem diminuem na sua consciência.

O amor e a consciência pairam mais alto, e o encontro casual pode revelar um minuto de beleza que ninguém deveria renegar, porém pode não ser amor e cada criatura deve ser livre de viver as suas horas, todas as suas emoções.

Ideia defendida corajosamente por Bataille, contra o preconceito da monogamia criminosa que faz com que até os homens de gênio se nivelem à bestialidade feroz dos que se batem e se mutilam e se estraçalham em nome do Amor.

Para a sabedoria de Bouguet, o gesto físico nada representa.

Para o instinto de dominismo, de autoritarismo, de propriedade de Blondel, o gesto físico é tudo.

Ambos cientistas, ambos investigadores do mais alto problema de humanitarismo.

E ambos descem à vileza de se bater em duelo, esquecendo a sua pura amizade e a colaboração mútua, por causa de um gesto físico, recordando a atitude bestial dos primórdios da evolução humana.

Equilibrar as forças da vida – é o sonho de Bouguet, o seu grito lancinante, apelando para a amizade, para a ternura de Blondel.

Pôr de acordo a vida e o pensamento, que cousa difícil!

Elevar-se acima da mediocridade de toda a gente, acima dos prejuízos e da rotina — para pensar nobremente; acima do atavismo selvagem, deixar de ser a besta gregária, para sentir uma individualidade no fundo do ser independente e livre e esquecer todas as “mentiras vitais” da sociedade para ser apenas o criador de beleza interior, o acumulador de riquezas, despertando possibilidades latentes; viver ideias nobres, subir em vez de descer por entre as abjeções e os desvarios do mundo social, chegar ao pé dos abismos fatais das convenções criminosas do mundanismo e virar o rosto para a luz interior – que bela realização!

E a mais idiota das convenções – o sangue reparador da honra, da vida, a mais perversa das convenções sociais – quantos crimes de lesa-felicidade humana perpetra a cada instante em nome do Amor!

*
**

É no segundo ato de *Les Flambeaux* que Henry Bataille, na cena VI, resume a ideia da peça no diálogo entre Hernert e Bouguet.

...de estrela em estrela, todo o pensamento humano ...
como se, desagregado, porém, jamais perdido, vivesse
realmente acima de nós e formasse esse grande nimbo uni-
versal que nos arrebatava para fins de luz ou de serenidade...
Dessa contemplação profunda, veio a paz.
Não chorei mais. Desde então, encaminhei-me como vós,
como tantos outros, para infinitos mais numerosos...

Não havia mais carne: minha dor perdia-se no espírito
universal!

.....
A alma suprema consolou minh'alma de homem.
.....

São as flâmulas, as “ideias-forças”, na sua órbita imensa em busca da Harmonia Infinita que é o Amor, bem acima de todos os resíduos deixados pela alma humana na sua escalada para um “devenir” sempre e cada vez mais alto.

Não, meu caro Schmidt, o teatro de Bataille não é “um raio sem direção”.

Pelo contrário, se o teatro de Bataille viesse substituir *Ra-ta-plan* ou *Ba-ta-clan* dos nossos palcos de pantominas e cretinices e pernas à mostra sob o nome pomposo de “nu artístico” – é que o nosso público estaria à altura do verdadeiro teatro. Mas Bataille não pode ser assimilado pelo público que quer rir até as orelhas para não pensar, esse público que frequenta as “variedades” para tomar aperitivos...

Pelo contrário, todo o admirável trabalho de Bataille é imaginado dentro de um plano extraordinariamente concebido, estudado sob os aspectos mais profundamente humanos, que Bataille não faz psicologia barata de cordel ou de costureirinhas, psicologia a Paul Bourget, defensor do passado.

Les Flambeaux é uma amostra desse raio atirado em direção bem determinada. Ainda no diálogo entre os dois sábios amigos, entre Bouguet e Hernert, os dois cérebros e os dois corações que percorrem a escala do amor em sentido inverso, um começando pelo amor físico, passando ao sentimental e, em seguida, ao cerebral; e o outro iniciando-se no amor mental, através de um ser superior, a companheira das suas investigações, e acabando por descer ao amor sensual já no virar da encosta da vida; em belo e profundo diálogo, poderíamos acompanhar a direção desse raio genial, afirmando que, acima de tudo, acima da própria fatalidade, acima mesmo do Amor, do sofrimento, até acima da vida, no sentido limitado que a vemos – “há a majestosa liberdade do pensamento” e “desde que se está inclinado sobre todas as possibilidades imensas do espírito, vê-se que a ideia precede ao ato. Então, que vem a ser o terror, o amor, a dor? Resíduos, despojos da alma em marcha ou do pensamento universal...”.

Não é o momento oportuno para comentar o sentido profundo desse pequenino trecho de uma grande mentalidade. Mas se os teatros se movimentassem na direção desse raio consciente, se as plateias desta

sociedade, em plena decomposição, estivessem à altura desse raio de luz, certo seria um meio, o teatro, de nos afastar da rotina, dos prejuízos seculares fossilizados em nós como os menirs ainda hoje encastoados à terra, onde a pré-história os enterrou.

*
**

Mas essas duas pequeninas divergências nada têm que ver com o meu entusiasmo por esse livro, que eu desejaria na mão de toda gente.³

Que vontade eu tenho de citar páginas e páginas de *O dragão e as virgens*, em que se reflete a dor, a angústia, o grito lancinante das que vão, mudas, tristes, silenciosas, subindo a encosta – para servir de pasto ao Dragão sempre insatisfeito, ao deus hediondo da religião, ao Moloc da moral e dos “bons costumes”.

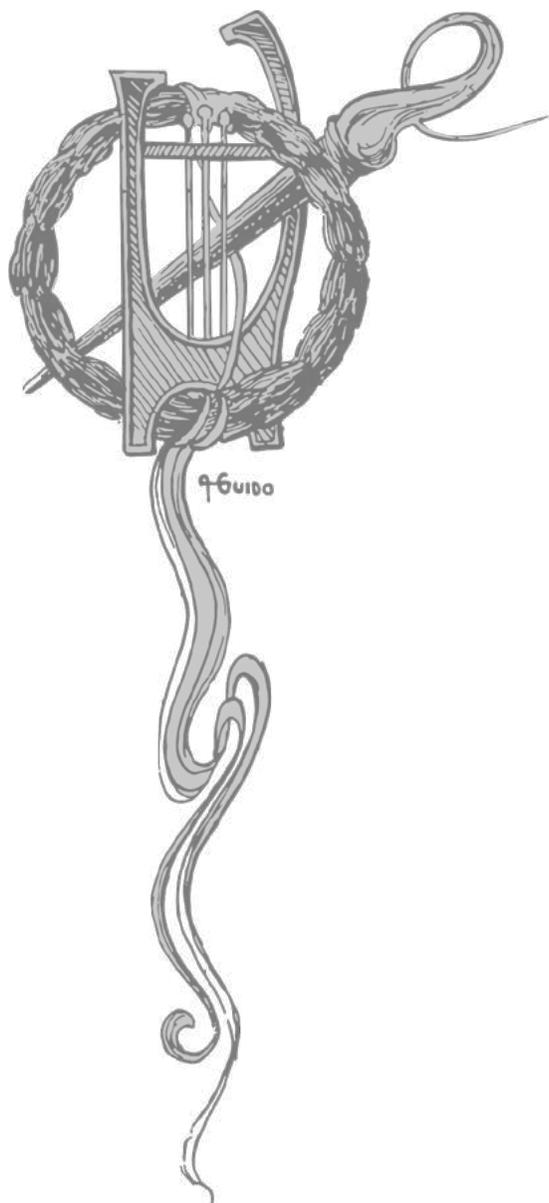
Esse livro é delicado como é delicado o sofrimento das sacrificadas: é um beijo na dor imensa, na dor perfurante de quem se dá em holocausto, sem um protesto, sem violência, consciente ou inconscientemente, talvez sem mesmo saber que a felicidade ou o bem-estar ou a segurança de algumas ou de milhões de mulheres contra a luta econômica – é fruto do martírio inominável das insatisfeitas, das que são devoradas irremediavelmente pelo Dragão, martírio de animais de tiro na sua profissão indesejável de nunca receber senão pedradas que a moral lhes atira, e dar sem tréguas, sem mesmo pretender ouvir a delicadeza do agradecimento.

Quantos tipos de “Pureza”, de alma cândida se arrastam por aí afora, engolindo as lágrimas através do sorriso doce de quem derrama no coração de cada transeunte o perfume macio e leve de uma carícia – sem receber em retribuição nem ao menos o gesto humano de um aperto de mão fraternal.

E quanta “Pureza” morre por aí, nos bordéis e nos lupanares...

E quanta Messalina “virtuosíssima”, piedosa e casta, no seio da sacratíssima instituição da família legal e moraliteísta...

[3]. Acabo de saber que *O dragão e as virgens*, quase toda a edição, na mão de um intelectual-comerciante, foi vendida a 100 réis o quilo, para as fábricas de papel de São Paulo!... Assim, esse livro magistral continua inédito. Parece incrível! Que teria ganho com isso esse comerciante, senão continuar a campanha de silêncio em torno de uma mentalidade livre? Talvez nem saiba disso Afonso Schmidt. Eu mesma, se o tivesse sabido a tempo, o evitaria, arrematando-lhe toda a edição (tal o preço!...) para distribuí-la no estrangeiro, já que nesta terra o destino de certos livros de valor é voltar às fábricas de papel... se chegam a ser impressos.



Evoé!



*“Le corps humain mérite d’autres
apothéoses que celles de la prostitution.”*

Edouard Rothen

PONDO DE PARTE OS GRITOS DAS BACANTES ARREPELADAS, EM honra do Dionísio popular, não do Dionísio-Apolíneo; deixando, mais distante ainda, a significação astronômica do Carnaval em data prefixada; esquecendo a sua origem iniciática, simbolizada nos rituais dos antigos mistérios; sem remontarmos às festas dos druidas gauleses, sob a majestade dos carvalhos seculares, na época da colheita do visgo; ou às saturnais, às festas do boi Apis, às bacanais, às lupercais, e, na Idade Média, às festas do “Asno”, dos “Loucos” e dos “Inocentes” – festas e divertimentos cristãos, não menos licenciosos que as lascivas do paganismo decadente, *joyeusetés cléricales* realizadas não só nas igrejas como nos conventos de ambos os sexos...; deixando todas essas manifestações de alegria ruidosa e desordenada, ou restos substituídos de símbolos de danças religiosas ou conhecimentos astronômicos nos altos rituais iniciáticos dos egípcios ou dos caldeus e que, por sua vez também significavam reminiscências da maravilhosa civilização de que falam os apologistas da Atlântida; sem procurar penetrar o sentido profundo, astronômico, científico da origem da mascarada carnavalesca, perdida na noite dos tempos – trataremos do nosso carnaval, do carnaval de hoje, do carnaval carioca, sob o ponto de vista higiênico: higiene do corpo, higiene individual e social.

Se fizéssemos, no Brasil, uma estatística da mortalidade infantil, da mortalidade da juventude, da idade madura e (por que não?) também da mortalidade dos velhos (são os mais influídos no Rio de Janeiro...), esta-

tística detalhada, cuidadosa, três meses antes e três meses consecutivos depois do Carnaval, certamente as cifras dos sacrificados aumentariam num crescendo proporcional à lubricidade carnavalesca, tanto quanto aumenta a cifra das novas levas de prostitutas.

As crianças! Afora o martírio dos “disfarces”; afora o suor sob as máscaras portadoras de infecções e imundícies, ou das “fantasias” para os bebês que nada podem apreciar ainda e que são sacrificados ao prazer criminoso dos adultos inconscientes, martirologio admiravelmente descrito por Mme. de Girardin em “Les petits martyrs du Carnaval”, em Letres parisiennes; afora os inconvenientes do mal-estar provocado pelas vestes justas, feitas às pressas, beliscando aqui e ali, engomadas, cheias de lantejoulas, alfinetes espetados à última hora, guizos de carregação, prontos para lhes arranhar as carnes tenras; afora esses e outros pequeninos inconvenientes para os que buscam divertir-se e procuram a cumplicidade até mesmo das crianças para os seus desvarios – imagine-mos os resfriados, as pneumonias, as gripes, todas as moléstias das vias respiratórias: vestes decotadas, os braços nus, a cabecinha resguardada apenas pelos caracóis que custaram, talvez, uma noite agitada, sob o aperto dos papetes amarrados convenientemente...

E o lança-perfume nos olhos, determinando sérias moléstias do aparelho visual?

E as inflamações nos ouvidos, pelo mesmo motivo?

Imagine-mos as bronquites com todas as suas conseqüências para a vida inteira, as noites mal dormidas, o sistema nervoso agitado, a fadiga, o estômago sacrificado por uma alimentação de último momento: pastéis comprados em qualquer confeitaria ou tabuleiro de rua, “bombons” adquiridos às pressas à porta dos botequins improvisados, sob uma nuvem de poeira alevantada em um punhado de confete!

Imagine-mos a insensatez dos pais jovens que buscam divertir-se, custe o que custar, e que conduzem criancinhas de peito até as calçadas e as arrastam, no torvelinho louco do seu desequilíbrio, às batalhas de confete e lança-perfumes e ao rodopio das correrias desvairadas, aos assaltos desenfreados da bacanal carnavalesca.

Imagine-mos o que vai de reação formidável pelo organismo dessas crianças, defendendo-se da impureza do ar empoeirado, cheio de éter, de partículas úmidas dos salpicos de saliva, espirrados no meio dos gritos,

dos cânticos, do vozerio atordoador, misturando, cada qual, o seu hálito com o hálito irrespirável de toda gente, de toda uma população cheirando desagradavelmente, embriagada de álcool, de éter, de baixeiras, de más intenções, da luxúria despertada, cultivada na licença dos três dias do ano em que toda gente tem o direito de arrancar a verdadeira máscara, a máscara da hipocrisia social.

Imagine-mos a atmosfera sensual, a irradiação de todas as forças do “eu” inferior, a lascívia dos faunos e das *kundri* tentadoras envolvendo, alimentando, excitando, aureolando as crianças que choram maltratadas ou que também se divertem, inconscientemente, ao lado dos pais – tão inconscientes quanto os pequeninos, e alucinados no delírio das multidões envolventes, sob o impulso irresistível dos instintos adormecidos de feras acorrentadas.

É o lado orgânico e o lado ético: é a degenerescência do corpo e o desvirginar da alma.

Aonde os higienistas?

É a tuberculose voluteando no ar, por entre os punhados de confete e os salpicos de salivas; é a sífilis transmitida direta ou indiretamente, em um momento propício ao descuido dos mais cautelosos; é o vício inoculado sorratamente; é o álcool, a avariose e a tuberculose – os três grandes males sociais; evitáveis, portanto; é a degenerescência orgânica, o crime, a miséria a espreitar por entre os rolos da serpentina tentadora, por entre o pó dourado e o confete esparzido pelas mãos nervosas dos namorados excitados e dos conquistadores sensuais.

Que é o Carnaval senão a busca de aventuras galantes, o anseio de liberdade, a procura do prazer sexual, de novas experiências amorosas?

E a prova é que namorados e casados, não podendo satisfazer-se integralmente em toda liberdade dos sentidos e dos desejos – voltam arrufados, desiludidos, enciumados, coléricos, insatisfeitos...

Após o Carnaval, há rompimentos e tragédias de toda sorte, e maridos e mulheres maldizem a excitação – porque só conseguiram excitar-se sem chegar à suprema alegria da liberdade integral.

Porque não são três dias que ensinam a ser livre: a concepção da liberdade é subjetiva e quem se escraviza à moral social, mesmo de máscara e disfarces – é escravo do ambiente em que vive e servil aos seus próprios prejuízos.

Abençoada chuva que vem apagar o pó e arrefecer o ardor das “pierretes” e dos “arlequins” gulosos.

Arlequins e colombinas – a superficialidade, o sensualismo, o que é vulgar e leviano, cataventos sociais, sois vós, ó *raffinés* dos salões, do mundanismo ou dos bordéis de última hora, sois vós os assassinos morais de todos os pouquíssimos *pierrrots* do Sonho e da Beleza!

Sois vós, ó arlequins e colombinas da civilização da ociosidade e do parasitismo de uns e do sacrifício heroico da maioria, ó palhaços deste circo imenso movido pelo dólar e pelo sensualismo sifilítico, sois vós o superficialismo, o que constitui a sociedade exigente, medíocre, torpe, que mata a felicidade no coração dos indivíduos, que explora e oprime, que escraviza, servilmente, cada um dos seus membros e faz da família uma instituição para aniquilar as energias individuais; que exige a venda do corpo feminino – das mulheres e das filhas... dos outros... como muralha de resistência em favor da sagrada instituição organizada do matrimônio e da virgindade do corpo – para as suas filhas e irmãs; sois vós o que constitui esta civilização que decreta “necessária” a prostituição – como meio de defesa dos augustos princípios da moralidade pública!

*
**

E a mulher não sente, não vê como é deprimente, humilhante a nossa condição de mulher – dentro deste regime de arlequins e apaches, de “pierretes” e *souteneurs* e proxenetas, colombinas e príncipes arruinados e salteadores, toureiros e capatazes, tropeiros e fidalgos a Luís XV..

E mais ainda: é preciso atordoar as crianças a fim de que não vejam e nem procurem analisar os nossos desmandos.

É a educação da cumplicidade.

Os bailes infantis não têm outro objetivo. Não há uma finalidade artística nem a preocupação da beleza. Não é a dança de Isadora Duncan – a suprema invocação estética para a busca de si mesmo na interpretação divina da música em todo o esplendor do ritmo e da harmonia. Nada disso.

Os filhos tornam-se cúmplices dos pais. Também se embriagam com o éter dos lança-perfumes, rodopiam nos tangos sensuais e acordam, cedo, os instintos adormecidos na carne.

É necessário tudo “empanturrar” no festim das orgias, adormecer a sensibilidade, matar o senso artístico, sufocar a razão, porque assim não teremos testemunhas importunas e não ouviremos verdades desagradáveis.

Nada mais lógico, nada mais coerente.

Se um filho é um incidente ou acidente... na vida, empurremo-lo também para adiante, que nos deixe em paz com as nossas prerrogativas de brutos essencialmente gozadores e insaciáveis.

*
**

Essas ruidosas manifestações do anseio de liberdade para gozar os prazeres materiais, em determinadas épocas prefixadas no calendário, são a válvula de escapamento necessária ao equilíbrio da moral social de compressão e de servilismo aos prejuízos estabelecidos.

Mea culpa...

Também eu, na minha juventude cheia de fé e entusiasmo, ardente de lirismo e ilusões, amei o Carnaval sem nunca ter conseguido me divertir, sem nunca ter conseguido essa liberdade que eu sonhava no ambiente rotineiro e moraliteísta em que sufocavam todas as minhas mais altas aspirações.

E quando encontrei uma “sublimação” mais elevada através do pensamento e através de o confessar publicamente, então vi claro todo o desperdício de energias gastas inutilmente nos folguedos carnavalescos – atrás de uma liberação impossível, porquanto os prazeres materiais e ruidosos são impotentes para mitigar toda a nossa sede interior de liberdade, mas dessa liberdade integral, razão e causa de todos os nossos mais belos anseios de realização interior.

Desde que aprendi a pensar e fiz nascer dentro de mim a coragem ativa de pensar em voz alta, nunca mais senti a necessidade de atar a máscara social da moral carnavalesca.

*
**

E é no Carnaval que essa mesma sociedade moraliteísta, farisaica, recruta uma nova leva de mulheres moças, de carne virgem e sadia – para a voragem dos lupanares; que socializa outras fontes de prostituição para substituir a carne cansada e apodrecida dos *cabarets* e dos bordéis.

É no Carnaval que se abrem, mais fartos, os antros de venda da carne feminina e em que mais se propaga ainda a sífilis, em todas as classes sociais, direta ou indiretamente, pelo contato das ruas, dos cafés ou das alcovas e que se concebem pobres filhos da orgia, carnes carregadas de sensualismo, de vícios e de baixeiras, bestas humanas para virem perpetuar a degenerescência e as loucuras de uma civilização deprimida, exausta de erros e crimes de lesa-felicidade individual.

E a morfina?

E o éter?

A cocaína?

O caftismo?

As tragédias?

As cenas de ciúmes?

E as indignidades das alcovas e dos bordéis?

E a avidez de novas sensações alucinantes?

E a embriaguez habitual dos carnavalescos desenfreados?

E os filhos dessa bacanal?

E as danças lascivas e a excitação das *jeunes-filles*, a provocação dos ataques de histerismo e nevroses provindas da “censura” moral, e os vícios inconfessáveis de uma sociedade a estourar de hipocrisias e perversidades?

O Carnaval é a negação absoluta da higiene do corpo e da higiene da vida interior.

É a absoluta negação de tudo o que é belo e nobre no coração humano.

É a suprema negação do próprio *Eu* no acordar da besta que dorme nos abismos profundos do subconsciente.

É a revolta do ser inferior procurando abafar toda a nossa natureza superior, todas as faculdades latentes da individualidade na escalada da evolução para fins mais altos.

Não há dúvida de que o Carnaval é um gesto de revolta, mas, se é a revolta contra a opressão da moral social, não reivindica direitos mais altos; é a revolta inferior que quer a conquista banal de um momento

ruidoso da orgia de instintos que se não podem dominar senão pela brutalidade da moral de rebanhos e domesticidade e servilismo.

O Carnaval é a festa dos acarneirados da organização social de moraliteístas e proxenetas do rebanho humano.

E quanto tempo perdido, quanto atraso nessa carreira evolutiva, durante o período tumultuoso de exterioridades nocivas ao individuo e à sociedade, nesse período de delírio erótico, nessas horas de loucura e de orgias desenfreadas!

É como se uma onda negra de sensualismo baixo de vilezas obscurcesse o céu sereno das nossas alamedas interiores.

É o adormecer da razão, é a morte provisória dos nossos deuses, dos deuses que passeiam solitários por entre os parques silenciosos dos nossos sonhos.

É Caliban astucioso, mascarado como sempre, imerso na hipocrisia absorvente de umas horas que devem ser totalmente aproveitadas contra o Ariel do Sonho, do Amor e da Beleza.

A felicidade, a alegria verdadeira não pode ser procurada no ruído exterior, nas danças lascivas, na embriaguez do álcool, do éter ou dos sentidos na volúpia de ocasião, nas baixeiras das calçadas ou no redemoinho das cidades industriais, no luxo absorvente ou na ociosidade comodista dos fartos e dos aventureiros.

Tudo isso, no fim de contas, deixa um gosto amargo na boca e o vazio terrível do coração.

A felicidade, a alegria verdadeira só pode vir de nós mesmos, da nossa vida interior.

O instrumento para fazer vibrar, em nós, o prazer de viver – é o nosso corpo, não há dúvida. O corpo, dominado por uma vontade epicúrea, não sibarita, é instrumento da volúpia mais alta do prazer integral.

Mas o corpo, o sensualismo predominando por sobre a razão, é a lamina de dois gumes.

Só uma vida simples, serena, delicada, o ar puro, o banho revigorador, a saúde do corpo e o bem-estar geral, o funcionamento normal do organismo – para o máximo proveito de todos os órgãos e de todos os sentidos; só o equilíbrio físico e uma energia perseverante, bela, ativa, voltada para tudo que é nobre e digno; uma razão que saiba fechar os

olhos para sonhar e trazê-los bem abertos para dominar os impulsos inferiores – sem julgar pecado ou imoralidade o que a natureza exige das criaturas para a perfeita harmonia do corpo e da mente; só o indivíduo que sabe tirar partido do seu corpo como de uma harpa eólia para ressoar toda a beleza, toda a eurtmia de que é capaz; que saiba refrear os impulsos da besta-fera adormecida nas criptas do subconsciente, só esse indivíduo pode chegar a conhecer a verdadeira alegria, a verdadeira felicidade em toda a sua sagrada plenitude, só ele tem a chave desse “segredo aberto”...

E o Carnaval, com o seu ruído ensurdecido, com os seus guizos e pandeiros, os toques vibrantes dos clarins rubros de sensualismo provocador, a embriaguez dissoluta das cores gritantes misturadas loucamente e dos vícios amalgamados, os gritos lúbricos dos faunos de todas as idades e das bacantes seminuas e arrepeladas, sempre prontas a matar Orfeu... não faz senão adormecer o *eu* latente, caminho único por onde nos podemos elevar ao Olimpo de nós mesmos.

Horas perdidas de sono revigorador, organismos envenenados pelo álcool, pela lascívia, pela sífilis, pela avidez, pelas misérias físicas, pelos “pecados fisiológicos” e pelo declive moral, crianças degenerando-se ao contato do pó das calçadas e ao contato dos exemplos edificantes de toda essa bacanal – fonte de destruição das energias individuais – é a isso que chamam divertimento, que denominam gozo e prazer requintado.

Pobre civilização!

Não és mais do que esse confete dourado, um pouco do pó cintilante com que a espuma social exterioriza a vida fictícia dos salões da alta e da pequena burguesia de funcionários e proletariado inconsciente ou a espetaculosidade ociosa do luxo.

Não és mais, pobre civilização do dólar, que a responsabilidade da morte orgânica e da morte moral de cada célula humana arrebatada, pela própria imbecilidade cultivada, no torvelinho embriagador da eterna mascarada da vida social.

Evoé! Evoé! — é o grito de todas as épocas de decadência, amortalhando a beleza no coração adormecido dos que ainda não tiveram a força necessária para o despertar interior.

Pobre carne humana destinada a alimentar a boca escancarada dos canhões ou as mandíbulas profundas e vorazes dos prostíbulos!

“Boa Sorte – Cadeia Perpétua”



DURANTE A GUERRA, LEMBRO-ME DE HAVER RECEBIDO, POR três ou quatro vezes, uma folha de papel sob a denominação de *Cadeia da Sorte*, *Cadeia Perpétua* ou cousa parecida. Os dizeres eram mais ou menos os mesmos e as recomendações, terminantes: quem rompesse a Cadeia estaria desgraçado.

E era dever, tirar sete ou nove cópias e remetê-las imediatamente às pessoas das relações. Acontecia que a mesma cadeia vinha parar às mãos de determinada criatura duas ou três vezes.

Lembro-me ainda que os tais papéis dirigidos ao meu nome nas minhas mãos paralisavam-se.

E pessoa da minha família horrorizava-se à ideia das grandes desgraças a se despenharem por sobre o meu destino.

Pois não é que me aparece de novo a tal *Cadeia da Sorte*?

Não teria importância o acontecimento, se não fora a novidade sensacional dos nomes trazidos como elos sucessivos dessa corrente supersticiosa.

Fiquei boquiaberta! Homens de responsabilidade, engenheiros, bacharéis, médicos, professores tiveram receio de atrair a desgraça para si, pelo simples fato de não passar adiante uma folha de papel cheia de dizeres que nada dizem senão da fraqueza supersticiosa do rebanho humano.

Senão vejamos as expressões da

*Boa Sorte — Cadeia Perpétua*⁴

Tire nove cópias e remeta à nove pessoas à que V. S. deseje boa sorte. Esta cadeia foi iniciada por um Coronel do Exército Americano e tem de dar a volta ao mundo três vezes.

[4]. O Manes de Camões!... Respeito todos os acentos no a, os atentados à língua, inúmeros, descomunais.

Faça-a depois de 24 horas recebida, sendo possível, e não rompa esta cadeia, pois se romper, persegue-o seu destino e assegura a sua ruína. Conte nove dias depois de tirar as cópias e durante esse tempo receberá um benefício e senão um descontentamento.

Dados concretos

O Sr. Ruiz deve a sua fortuna o fato de ter cumprido (!) o executado com o presente exatamente. O Dr. Albary, de Vitória, obteve em vinte dias o prêmio de vinte mil pesos. O Dr. Gomes, ao justo tempo de ter cumprido (!) as prescrições desta Cadeia, obteve o grande prêmio da loteria no valor de seiscentos mil pesos. O Dr. Francisco Montes, de Oce, não levou a sério esta cadeia, e, nos nove dias depois à tê-la (!) recebido, arruinou a sua casa. O sr. saberá o que melhor lhe convém. Que Deus o auxilie e guarde.

Cadeia da Sorte

Dr. Braz Arruda ao Dr. Plínio Cardoso e este ao Dr. J. Ignácio Fonseca, e este ao Dr. Miguel Presgreave, e este á prof. Eunice Caldas, e esta ao Dr. Américo Nano, e este ao prof. Fausto Souza, e este ao prof. Victor Gramada, e este á José Fonseca, e este á Luiz Fragoso, e este à Erotildes de Campos, e este à Adolfo Silva, e este à Benedito D. Coutinho e este à Francisco Andrade e este à D. Isidora Amaral Corrêa, e esta à D. Laurinda.» Teixeira da Silva, e esta à D. Isabel Camargo, e esta ao Dr. João C. Bueno dos Reis e este ao Dr. Benedito Estevão dos Santos, e este ao Dr. Sócrates Fernandes de Oliveira, e este à Alfredo Cunha Ribas, e este à Carlos Real Evans, e este à Atilio Lessa, e este à Orlando de Barros, e este ao Dr. Bentes Lucas Cardoso, este à João B. Rocha Freire, este à Gustavo Adolfo Berger, este à D. Makafronte, esta ao Dr. José de Alcântara Pepe, este ao Dr. José Piedade, este ao Dr. Carlos Guimarães Júnior, este ao Dr. Lazaro de Camargo Almeida, este ao Dr. João Batista Parmigiani, e este à D. Ermelina Parmigiani Ferreira e esta a D. Maria Lacerda de Moura.' Ponto final...

*
**

Que me perdoe e me desculpe a amável Sra. Ermelina Parmigiani Ferreira, a quem não tenho o prazer de conhecer, mas a cadeia agora está sem elos. Do meu lado, não perpetuo a ingenuidade supersticiosa

de fazer “a volta ao mundo três vezes” em uma folha de papel incoerente a ponto de não dizer o que se propôs dizer.

Procurei, em vão, a corrente. Não achei. A primeira parte ensina o que se deve fazer e como.

A segunda parte narra a sorte dos que cumpriram fielmente, de olhos fechados, as obrigações estipuladas na primeira, e conta a desgraça do que não levou a sério a cadeia. Nomes truncados de gente não identificada, mas a credence humana é infinita, e isso é o bastante.

A terceira parte contém a lista dos nomes ou elos dessa cadeia perpétua.

Onde está a corrente? Que é que se deve dizer ou entender? Onde as palavras sacramentais?... Em que consiste a corrente?

As *Cadeias da Sorte* espalhadas durante a guerra eram muito mais coerentes.

Tinham um objetivo. Manobra dos aliados.

Contavam aparições fantásticas de guerreiros de couraça, iluminados de fé na vitória dos exércitos aliados “em defesa da civilização”!

Impressionavam pela aventura do Coronel X (sempre americano...) ao conversar com Jeanne d'Arc ou com um cavaleiro branco num cavalo preto, a dirigir as altas patentes do Quartel General Chefe dos Exércitos Aliados. Cada corrente seria um elo de simpatia para as forças americanas, francesas, inglesas, etc., contra os “bárbaros” alemães, contra os “boches”, contra os “mutiladores” das crianças belgas, contra o anti-Cristo, em suma, contra a concorrência de *made in German*...

Havia expressões retumbantes de patriotismo e confiança em Deus, no Deus dos protestantes e católicos americanos, naturalmente contra o Deus dos protestantes e católicos alemães, pois que, couraçados e aviões, submarinos e bandeiras – tudo era abençoado pelo respectivo Deus de cada nação. Mas há um Deus católico francês e um Deus católico italiano que não chegarão nunca ao acordo definitivo, assim como, durante a guerra, o Deus dos ingleses e americanos era inimigo do Deus alemão.

Segredos da diplomacia e da política clerical, e que nós outros, leigos, nunca chegaremos a bem perceber.

Finalmente, a *Cadeia da Sorte* espalhada durante a guerra tinha um fito: angariar pensamentos de simpatia e entusiasmo em torno dos feitos e da vitória dos aliados.

A que acabo de receber está já pela metade, mutilada na ideia e esfacelada na forma, porém, mesmo assim, aos pedaços, mesmo sem ter a *Cadeia*, contendo apenas uma notícia vaga dessa maneira de sugestionar, tão ao sabor da infantilidade norte-americana, mesmo assim, continua a ser transmitida pelos nomes citados.

Parece incrível!

Conheço os nomes de alguns dos signatários.

Será verdade que tenham assinado semelhante ingenuidade?

E essa gente não viu que não há *Corrente*?

Que não há nada que justifique a preocupação simplória dos nove dias e das nove pessoas e das desgraças e das sortes?

É sempre a preocupação absorvente do dinheiro como o fator único da felicidade!

Custo a crer que pessoas de certa responsabilidade mental se deixem levar por tais abusões.

Antes, se me afigura que as tais cadeias são copiadas e distribuídas por pessoa muito ingênua da família dos signatários.

Mas a sua aquiescência?

E é assim que se perpetuam todos os erros sociais. Preconceitos, prejuízos, rotina, todos os crimes de lesa-felicidade humana são transmitidos de geração em geração, inconscientemente, através da tradição das *Cadeias da boa sorte*.

Não é preciso raciocinar. O gesto de repetir é fácil.

E a *Cadeia da Sorte* dá a volta ao mundo muitas vezes, séculos e séculos, milênios e milênios, incubadora de “verdades mortas”, a arrastar cadáveres insepultos, a cultivar “mentiras vitais”, e, todos repetem, e todos divulgam, e todos transmitem, doutos e doutores, cultos e iletrados, livres pensadores de rebanho e as almas simples dos religiosamente cristãos, todos se dão as mãos para a conservação inalienável dos elos das correntes de erros e crimes de lesa-felicidade humana.

*

**

O raciocínio morreu. Que fatalidade inexorável nos impelirá a repetir os gestos vulgares de “toda gente”?

E agora, um cálculo: imaginemos a soma fantástica de selos despendidos na distribuição das *correntes*, de nove em nove, até dar a volta ao mundo três vezes.

Cada pessoa gastou, dentro do país (quando a *corrente* atravessa as fronteiras para determinados países, a taxa é maior), 1\$800, não contando o papel e o tempo. Essas nove pessoas gastaram só de selos 16\$200; as outras, já em número de oitenta e um, gastarão de selos, 145\$800; depois, já serão 729 pessoas e 1:312\$200; depois, 6.561 pessoas e 11:809\$800; depois, 59.049 pessoas e 106:288\$200.

Isso é apenas a amostra. Imaginemos a que milhões nos conduzirá o cálculo. E a energia? E o papel? E o número de pessoas ocupadas nos Correios?

É dinheiro para os cofres do Estado.

E, em que é aplicada a soma de toda a imbecilidade humana acarneirada, a despejar esforços ingentes e proventos nas arcas do Estado, senão nos couraçados e aviões, exércitos e polícia, gases asfixiantes e metralhadoras – para arremessar os homens, uns contra os outros, no massacre coletivo das guerras?

Cada uma das tais *correntes* é um elo para os grandes armamentistas entupirem os seus cofres fortes à custa da carnificina estúpida dos campos de batalha, à custa de toda a imbecilidade social patriótica a servir de bucha para as competições econômicas, as quais culminam no banditismo das guerras.

Até onde irá a cegueira de todo o gênero humano?

Cadeia perpétua... Boa sorte...

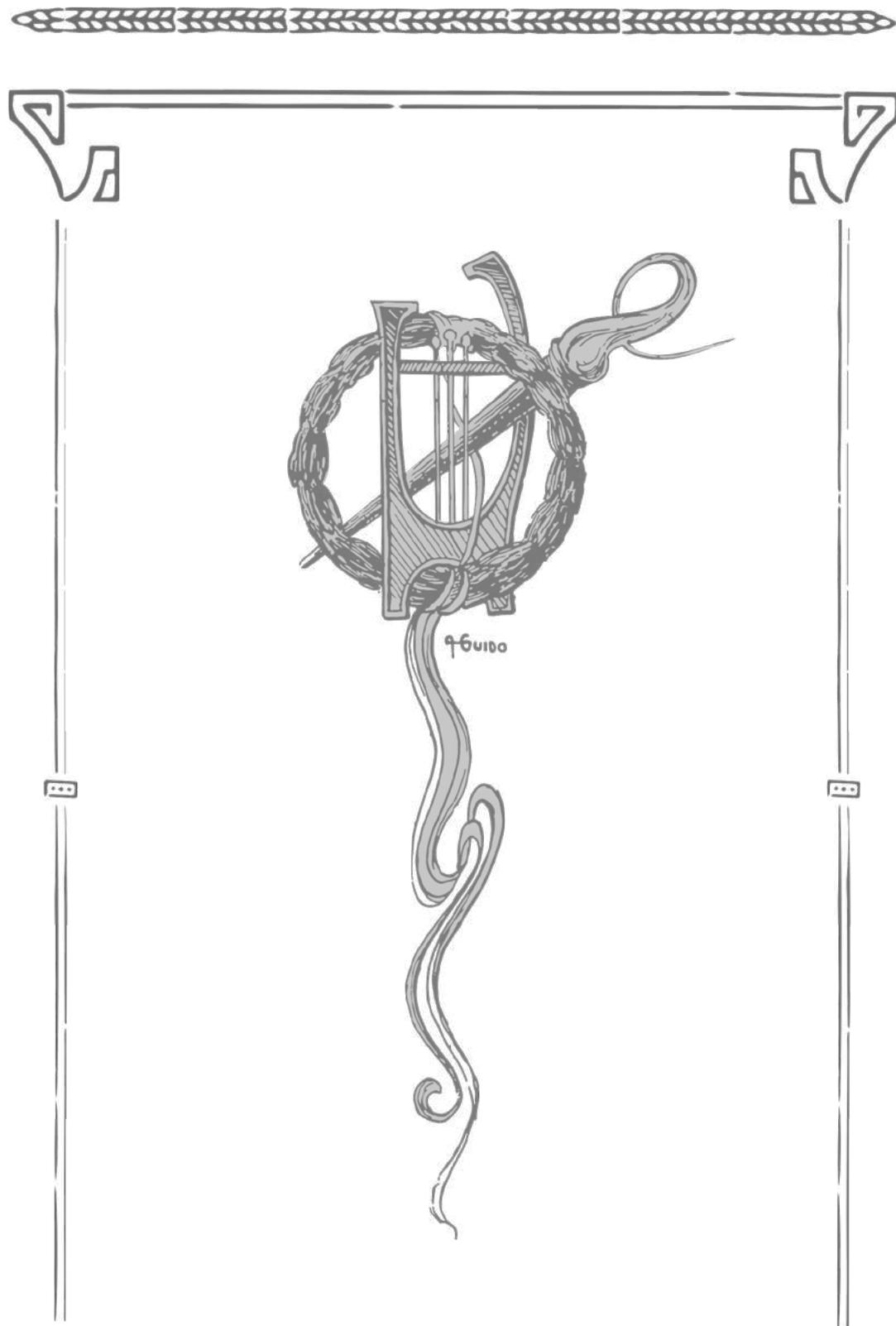
Quanto simbolismo!

E é assim, perpetuando a rotina, a tradição, os erros, as superstições, a imbecilidade do rebanho social que os grandes, os magnatas, os poderosos, os padres e os sábios da parábola ryneriana chegaram a fechar as pálpebras do povo que, ainda cego, não deixa de louvar aos magarefes e aos afiadores de facas...

Boa sorte... Cadeia perpétua...

Imbecilizar os indivíduos não será a mais alta missão social?

.....



A Escola da “Nova Oportunidade”

.....

CASAM-SE, DE MANEIRA ADMIRÁVEL, DOIS ASSUNTOS APARENTEMENTE diversos na primeira e na última página de um dos números de O Combate, de agosto (1928), e que releio por acaso.

A Escola da “Nova Oportunidade” é o grande estabelecimento de New York para reeducar mutilados, dando-lhes meios de ganhar a vida sem a humilhação do recurso extremo da esmola sob a denominação de caridade pública, não pesando a ninguém, não aumentando o número do imenso polvo do parasitismo social.

A transcrição de O Combate conclui:

Em resumo, essa Escola da “Nova Oportunidade” oferece aos aleijados:

A oportunidade de aprender uma profissão.

Uma oportunidade de arranjar emprego.

A oportunidade de comprar um membro artificial por preço do custo.

Uma oportunidade para aquele que não pode sair de casa a fim de ganhar a vida.

E acima de tudo: a enorme força moral de poder dizer: “Embora eu seja aleijado, não sou um fardo para a minha família ou para a sociedade: *ganho honestamente a minha vida*”.

Cheia de gravuras significativas (o jornalismo popular moderno, como a arte dos cartazes de anúncios comerciais ou propaganda de

candidaturas presidenciais, tem que variar os *clichés* e o colorido... é o livro de leitura das crianças grandes: sem “figuras” não impressiona, não interessa muito ao público leitor...) – a outra página é a história de uns poucos militares russos, o que resta do regimento de cossacos do Don.

Não é preciso recordar a vida dos cossacos agrupados em *voiskos*, sob o comando de um chefe – *ataman*, *atman* ou *hetman*, servindo na cavalaria, fornecendo *sótnias* ou esquadrões em caso de mobilização geral. Também fizeram parte de batalhões de infantaria, de baterias, de artilharia a cavalo.

Os *voiskos* mais célebres, mais importantes, foram os do Don. Formaram a escolta de Catarina II, que deixou uma fotografia célebre com o uniforme do regimento por ela criado.

Por Paulo I foi instituído o uso da Cruz de Malta, cor de framboesa, para o regimento.

Alexandre I tinha por escolta particular o regimento dos cossacos do Don.

Constituíram a guarda imperial do tsar Nicolau.

Pertenceram ao quadro das tropas que combateram Napoleão.

Tiveram a sua apoteose brilhante na vida faustosa do império russo.

Olhavam o povo, de cima para baixo, como raça inferior a quem é preciso tratar a tacões de bota militar.

Alimentavam-se do espírito de casta, duplamente hierárquico: eram militares e faziam parte da corte.

Veio a Revolução Russa. Depois da derrota do exército de Wrangel, os últimos soldados e oficiais cossacos do Don abandonaram a Crimeia, acamparam em Lemnos e, em 1921, transportaram-se para a Sérvia.

Ali, fizeram-se lenhadores, segundo nos dizem Dimitri Novik, escritor russo, e George Oudart, citados em O Combate.

Mais tarde, trabalharam na construção de uma estrada de ferro na Bósnia.

Daí, rumaram para a França, trabalharam em certa usina em Aveyron. Depois instalaram-se em Paris, onde são carregadores nas estações das estradas de ferro, há já de seis a oito anos.

São oitenta soldados solteiros. Vivem como no seu quartel da Rússia, em um barracão, prolongando, assim, a ilusão de outros tempos de fausto militar imperialista.

Guardam ali, carinhosamente, os seus troféus: armamentos, uniformes de gala, fotografias, bandeiras, objetos de arte, recordações da faustosa corte, relíquias salvas da grande hecatombe revolucionária.

Dentro do barracão militar, o sugestivo aspecto marcial. Depois, as horas de recreio, em que executam músicas regionais e as tradicionais danças russas, danças dos cossacos, os bailados eslavos, tão característicos, tão cheios de nostalgia e alta espiritualidade e misticismo.

E aqueles ex-oficiais mundanos, parasitários, ociosos, brutais na sua hierarquia social, transformaram-se em operários, em carregadores numerados, preferindo essa liberdade, essa profissão independente – para conservarem os restos da sua nobreza antiga de soldados da guarda imperial...

Por certo, essa atitude, embora se apoie em base falsa, os tornou deveras nobres – que, a única nobreza, a única fidalguia a possui o indivíduo que se basta a si mesmo na manutenção da subsistência, tornando rijos os músculos e o caráter, virilidade adquirida na consciência de si próprio como indivíduo, como ser humano a contribuir para o bem-estar do próximo, adquirida no brio de um trabalho manual necessário à harmonia do todo social, o trabalho manual que eleva o homem e a mulher acima de qualquer hierarquia de classe ou de privilégios odiosos.

Se as mãos, outrora fidalgamente enluvadas, calejaram no labor rude do lenhador, em compensação as consciências desses homens devem ter-se aliviado ao substituírem, por um trabalho manual útil, o ofício parasitário e criminoso da escola de chacina, cujo programa é a ciência de matar, cujos métodos têm por base a destruição, a pilhagem e o saque.

Se o princípio em torno do qual se agrupam é um princípio falso: bandeira, fidalguia militar ou casta guerreira despótica, a pátria, a saudade do antigo fausto de um império brilhante e infinitamente criminoso, em compensação, esse gesto de alguns indivíduos capazes de substituir as suas horas ociosas e fartas pelo trabalho honrado do carregador das estações de estrada de ferro, esse gesto de homens libertos pelo trabalho manual necessário à coletividade, é admirável exemplo de valor, tenacidade, nobreza, do sentimento da dignidade humana.

Não é preciso, pois, ser mutilado para chegar a tal resultado. Não é preciso ser aleijado fisicamente para atingir a uma tal realização.

Não é necessária a guerra para provar que os mutilados podem ser reeducados ou para mostrar a habilidade dos cirurgiões cientistas nas operações de reconstituição dos órgãos esfacelados pela brutalidade dos campos de batalha.

Seria melhor que os homens se conservassem perfeitos – como objetos de consciência – recusando-se a pegar em armas. O herói é o desertor.

E as Escolas da “Nova Oportunidade” seriam mantidas apenas para os aleijados de nascença ou para os mutilados em desastres ou no trabalho.

E mais ainda: a concepção do trabalho manual obrigatório para qualquer indivíduo está dentro da noção do respeito e do amor ao próximo.

Nenhuma consciência livre pesa sobre o esforço alheio: dá também algo de si mesma.

Tolstói não jantava senão depois de haver trabalhado na oficina, remontando um par de sapatos.

Spinoza “compõe a mais lógica ou cinzela a mais profunda das filosofias; mas, tendo necessidade, cada dia, de alguns grãos de trigo pilado para sustentar seu corpo ascético, não quer obtê-los como professor, despreza as cadeiras oferecidas, e vive a polir vidros de óculos”.

A luta de classes, a hierarquia social dos desocupados ociosos e do capitalismo industrializado, a ociosidade viciada do mundanismo elegante, o parasitismo *chic* das marechals dos salões, a burocracia da *elite* burguesa, todos os privilégios e todas as convenções das castas sociais, do atual regime, têm o seu ponto de apoio em torno do eixo da exploração do homem pelo homem, em torno do trabalho manual deprimente, considerado humilhante, relegado para as classes desprotegidas pela fatalidade social da pobreza quase miserável ou pela incapacidade consciente de “vencer na vida”...

Nem todo trabalho manual é útil e necessário. Não vou endeusar o esforço do linotipista a compor as imbecilidades jornalísticas dos assa-

lariados dos governos, dos políticos, da internacional armamentista, do clero, das classes militares ou dos novos ricos.

Não canto hosanas aos operários que constroem torpedos ou metralhadoras, couraçados ou aviões, carabinas ou fortalezas, submarinos ou cadeias, canhões ou granadas para abrir o ventre dos seus irmãos ou dos próprios filhos.

Há burgueses menos perversos.

E tais operários não têm o direito de se reunir em sindicatos; neles falar em revolução social para a utopia de uma sociedade mais equitativa.

Se não se abstêm de contribuir, de colaborar na obra de destruição da burguesia capitalista, se a chamada luta pela vida os impele a se alistar no exército burguês do crime de lesa-humanidade, não têm o direito de falar em reivindicações, em solidariedade humana, em fraternidade internacional. Depois de oito horas de trabalho em uma usina de armas ou em estaleiros navais de couraçados e submarinos – é preciso cinismo para pregar a paz e discursar em torno do tema da fraternidade.

O trabalho manual desprestigia, arreda a concorrência a posições de destaque na hierarquia do cenário social, divide a sociedade em senhores, patrões, donos, proprietários e em trabalhadores assalariados, passando pelos grãos intermediários e intermináveis dos domésticos, dos criados a serviço dos Césares e dos reis do ouro: cientistas, funcionários, diplomados, artistas, professores, padres, jornalistas, poetas, militares, etc.

De passagem, como exemplo de intelectual prostituído, domesticado, vendido muitas vezes a serviço dos grandes da terra e a serviço dos seus vícios despóticos: D’Annunzio — militar, artista, poeta, funcionário, jornalista e tantas cousas mais... inclusive colecionador de objetos da *toilette* íntima das damas célebres. . . D’Annunzio, Don Juan do sadismo espiritual, a quem Mussolini incumbiu (através de telegramas circulares apenas...) de escrever a grande epopeia itálica, consubstanciada no voo celeberrimo de um “general de opereta” ao polo Norte, antes de Nobile

ser condenado pelo tribunal que o responsabilizou por todos esses desastres, universalmente conhecidos, quando ainda todo o fascio o endeusava como herói dos voos mais ligeiros...

E D'Annunzio, segundo os telegramas, prometeu cantar essas façanhas.

Todos os acadêmicos arregimentados, todos os políticos intelectuais estão no mesmo plano de D'Annunzio: a serviço dos Césares ou dos reis do aço ou do petróleo, a serviço do poder e a serviço do bezerro de ouro.

O proletariado é a casta dos párias.

Os ricos e mormente a mulher da alta sociedade, a mulher elegante e a pequena burguesa com ares de importância social – olham aos proletários como feitos de outra massa, de outra espécie de nervos, como se a natureza houvesse concedido, aos primeiros, a prerrogativa inalienável de mandar e o direito a serem servidos e obedecidos incondicionalmente.

A classe média, a pequena burguesia, de vaidosa imbecilidade que vai ao infinito na multiplicidade e na variedade das suas manifestações, a classe média sobrecarrega-se de importância, adquirida à custa de sacrifícios tais que se afunda, dia a dia, premida de necessidades para cuja satisfação não bastará nunca o aumento, o crescendo sucessivo e perene do esforço de todos os membros de cada família.

O seu gesto a prostituir-se diante dos ricos e potentados, na domesticidade, na humilhação deprimente, no servilismo inaudito – para poder imitar aos bem instalados nas comodidades da vida social, o seu martírio voluntário para “parecer” – é inútil diante da multiplicidade de necessidades criadas pelo progresso, pela civilização, pelo industrialismo moderno e pela inconsciência com que o rebanho humano caminha para o suicídio coletivo. Trucidado pela fatalidade da organização social burguesa capitalista, louva, na sua ignorância, na sua inconsciência, na sua resignação passivamente acarneirada de domesticidade e servilismo ou na sua baixaza, aos salteadores da liberdade individual, da liberdade de pensar, da liberdade de viver integralmente.

A essa classe média, pertencem os chamados intelectuais: jornalistas, professores, poetas, oradores, oficiais de terra e mar, advogados, cientistas, artistas, toda a lista interminável dos literatos, altos funcionários públicos, etc., etc.

E que covardia na sua atitude!

Mas são intelectuais, “a massa formidável dos ignorantes que constituem o mundo cultivado”, no conceito de Felix Le Dantec.

É por causa dessa atitude covarde dos pensadores de rebanho, dos livres pensadores de fachada familiar ou dos livres pensadores apenas nos recintos das “lojas” maçônicas... intelectuais amordaçados pelas conveniências, acadêmicos, cientistas e diplomados ignorantes ou desumanos – que a luta de classes ou castas se empenha mais ferozmente, na sua campanha de esraçalhar a homens e mulheres, na engrenagem sórdida do patriotismo – para gáudio dos cofres-fortes dos senhores das grandes companhias de munições e fábricas de material bélico.

E é de tal maneira arraigado o prejuízo de casta, de hierarquia social que também os intelectuais não veem os outros indivíduos feitos da mesma carne, irrigados com o mesmo sangue.

Há dias, em um “bonde”, dois portadores de anéis de “homens formados”(!), de doutores, conversavam alto, na atitude característica dos “superiores”, quando um vendedor de jornais anunciava as folhas do dia. Um dos diplomados, lastimando o abandono dos campos e a aglomeração das populações nas grandes cidades (o leitmotiv da gente culta citadina), apontou para o rapaz forte, o apregoador das gazetas: “– Bons braços para a lavoura!”.

Sorri o diplomado, o cidadão, o patriota, o funcionário público, o democrata, o poeta, o jornalista, o decano das universidades, o médico, o professor, o deputado, o intelectual finalmente – não sabe que também tem braços...

E me lembrei da sabedoria de Han Ryner:

E houve prostituídos que se denominaram *bouffons*, filósofos, padres, artistas e professores.

Esses “pensadores” pensaram como escravos, à ordem do senhor, à hora do senhor, o que era da vontade do senhor.

E continuando a meditar a filosofia ryneriana, cheguei à sua conclusão:

As necessidades físicas não podem ser satisfeitas senão por um trabalho físico. Nenhuma obra intelectual produziu um grão de trigo.

Uma vez que tenho necessidade de comer como um animal, devo fornecer o trabalho de besta de carga, o único que pode nutrir meu corpo e permitir ao Deus que chora em mim, viver, pensar, amar.

E ainda mais:

Sejamos o que somos; não nos deformemos para satisfazer aos compradores. Não nos matemos, sob o pretexto de que “é preciso viver”.

Que cada qual se dê com sinceridade e, uma vez que recuamos diante do único trabalho produtor de alimento, sejamos felizes e um pouco surpreendidos nos dias em que comemos.

Mas estamos tão deformados através das concessões de cada instante que nos rimos dessas loucuras filosóficas, desse quase ridículo e nos regozijamos do nosso parasitismo, aumentamos, sempre que podemos, a nossa criadagem, vaidosos de ser servidos pelo bando imenso dos sacrificados de todo o gênero humano.

A outra conclusão salta da pena:

Não é a guerra a escola da “Nova Oportunidade”. A guerra é a destruição em massa das energias individuais: produz *nouveau-riches* e proxenetas, mais ódio e mais violências.

São as grandes agitações sociais, como a Revolução Francesa, como a Revolução Russa, são esses formidáveis cataclismos, consequência dos erros e crimes de lesa-felicidade humana, produtos da violência e dos privilégios em tempo de paz e da violência armada – que permitem a nobres empobrecidos subitamente, a exilados, aos ricos despojados à força dos seus bens e privilégios de casta, a poderosos destituídos das posições invejáveis no cenário mundano – acordarem possibilidades latentes, as quais permaneceriam de certo sufocadas nas criptas profundas do subconsciente individual, se não fossem sacudidas, impiedosamente, pelo atroar rubro e ardente e impetuoso de um desequilíbrio total de todas as forças do meio ambiente.

São quedas fragorosas de ideias e costumes e atitudes coletivas fossilizadas, substituídas por palavras sonoras... É o desmoronamento de princípios estabelecidos e reacionários, substituídos os ídolos de velhos

altares por ídolos novos... É o desmentido chocante das “mentiras vitais” seculares, no afirmar dogmático de novas “mentiras vitais”... É a “terra caída” de todo um sistema político alimentado de “verdades mortas”, são “colunas da sociedade” que se partem dolorosamente, quando tudo parecia solidamente estabelecido para gáudio dos poderosos. É o alevantar de novas colunas sociais nos mesmos altares velhos, rebocados de esperanças novas e de novas fórmulas de rituais, modernizados por expressões prometedoras, fascinantes para os incautos do rebanho social – que não pode dispensar os tropeiros e os capatazes e os truões e os tiranos.

Então, os indivíduos são obrigados a tal esforço de adaptação que se inutilizam ou renascem de si mesmos.

E sempre, desgraçadamente, outros cadáveres insepultos de “verdades mortas” são colocados solenemente nos nichos – para a adoração das multidões em aplausos frenéticos diante dos mais fortes, dos vencedores, dos vitoriosos, das ditaduras, da violência.

De tudo quanto surge dos escombros, resta apenas, e é muito, a possibilidade individual.

Para terminar, lembro-me da palavra nobre e forte e anônima da mais admirável mentalidade máscula revolucionária que até hoje me foi dado conhecer pessoalmente, a do meu querido e grande amigo A. Néblind, agricultor, ao ler uma das minhas crônicas sobre o tema.

A verdadeira escola da “Nova Oportunidade” não é a utilização das vítimas do industrialismo – os mutilados da guerra – porém, são as transformações sociais que, pondo em valor as energias adormecidas pelo parasitismo, despertando, no indivíduo, a noção da dignidade humana, lhe gritam bem no âmago da consciência: são e forte, não posso ser um fardo para a grande família humana; devo ganhar o pão com o suor da minha frente.

Porque a expressão bíblica – tu ganharás o pão com o suor de tua frente – fica muito bem, adapta-se admiravelmente à boca dos padres que comem à custa do suor alheio...

Só quando cada qual ganhar o seu pão com o trabalho manual necessário e útil à coletividade e à sua conservação pessoal – serão evitadas as guerras e as escolas burguesas da “Nova Oportunidade”, que criam e lançam no mercado do trabalho a mão de obra cuja exploração é mais fácil.

E, assim, é acentuada a luta de classes e novas guerras se delineiam, cada vez mais ferozes, na competição comercial e na sordidez das ambições alevantadas, vorazmente, pelo progresso, pela civilização.

Carta aberta à Sra. Sergia F. Vidal, presidente da União Cívica Radical de La Plata, província de Buenos-Aires

A Sociedade Migdal e o Tráfico das Brancas

• • • • •

(Publicada em La Protesta, de Buenos Aires.)

• • • • •

Minha senhora

• • • • •

TENHO EM MÃOS DUAS CARTAS SUAS E OS JORNAIS QUE TEVE A GENTILEZA de me enviar, a propósito da perseguição e prisão de cafténs israelitas e outros traficantes de mulheres, de nacionalidades diversas, — porque os há em todos os países, de todas as raças, de cada nacionalidade.

Peço-lhe perdão pelo fato de não poder ajudá-la e à *União Cívica Radical* nessa “campanha de moralidade”.

Nem mesmo me dirijo, conforme sua solicitação, à Sra. Bertha Lutz, representante ilustre e digna da Liga Internacional de Mulheres Ibérica e Hispano-Americanas, instalada em New York com sucursais em toda parte, nos países civilizados.

Não, minha senhora. Não posso proceder contra a minha consciência.

Não sou, absolutamente, radical em cousa alguma, nem faço parte de nenhuma associação de mulheres burguesas e, conseqüentemente, reacionárias.

Demais, toda “campanha moralizadora” me é antipática por princípio...

Ninguém moraliza sem o padre ou sem a polícia, ou, pelo menos, sem a interessantíssima polícia de costumes.

E, para mim, é tão repugnante o papel da polícia que eu jamais lhe denunciaria o maior dos bandidos, o mais cínico dos perversos, o mais degradante dos homens.

Faço imenso esforço interior para não julgar os atos de outrem e para me conhecer a mim mesma.

Chego a ter verdadeiro horror ao ídolo da “moral”, a causa de todos os crimes sociais.

Interpor minha “influência” (engana se, minha senhora...) “ante as autoridades do Brasil, a fim de que redobre de vigilância nos portos de embarque e desembarque e apanhe os tenebrosos?”

Eu, minha senhora?!

Se, como preliminar, sou contra o princípio de autoridade?

Roga-me que felicite, em nome da Mulher Brasileira, ao Dr. Manuel Rodrigues Ocampo, juiz argentino, pela sua “ação valorosa e justiceira” contra a Sociedade Israelita Migdal, inculpada do tráfico de brancas.

Não, minha senhora. Não posso.

De há muito me preocupa o problema doloroso da prostituição. Estudei-o sob todos os aspectos, na sua história e na sua psicologia social, e até com Bernard Shaw e outros iconoclastas do moraliteísmo, na sua profunda filosofia.

Não sei, minha senhora, se conhece “A Profissão de Mrs. Warren”. Acho que não. Se tivesse meditado na ironia amargurada de Bernard Shaw ao descrever o tipo dessa caftina, não cuidava mais de campanhas moralizadoras e iria direito à causa para buscar a solução para os efeitos, se possível...

Vejamos, minha senhora, apenas um trecho dessa comédia do grande psicólogo.

Mrs. Warren é sócia de um nobre e são seus acionários e clientes, minha senhora, como o são de todos os cafténs e caftinas – juizes e reis, magistrados e nobres, capitalistas e clérigos de alta linhagem hierárquica, almirantes e generais, chefes de polícia e banqueiros – todas as altas patentes militares, todos os grandes estadistas e embaixadores, todos os diplomatas e todos os reis do dólar.

Está certa, minha senhora, de que o juiz argentino nunca tenha penetrado os portais de uma casa de prostituição?

Que são os hotéis elegantes de todas as praias e grandes cidades senão casas de *rendez-vous* da “gente honesta” e da “alta” e da “boa” sociedade?

A moral burguesa, minha senhora, ensina os homens a defender, de unhas e dentes, cada qual o seu lar e a sua família e a proceder como salteadores no lar das outras famílias. Salve-se quem puder... Otelo em casa, Don Juan em casa dos amigos.

E a questão da moralidade depende dos haveres.

Não sei quem disse que a alta burguesia ou a classe rica está para além da moralidade; e a classe operária ou dos pobres, aquém da moralidade. Quem sustenta o edifício carcomido da moral social é a classe média.

Tudo isso é por demais longo para uma carta apenas. Paciência. Esboçemos a farsa em poucas linhas. E voltemos a Mrs. Warren.

Começou a vida sendo explorada. Depois, inteligente, aprendeu a explorar. Ficou rica. Teve uma filha. Sonhou fazer dela “grande dama-altasociedade”. Era fácil. Tinha haveres. Educou-a com as moças da alta linhagem em um colégio caro e elegante.

Vivie, quando compreende a situação de sua mãe, sente desprezo. Sente asco e humilhação. O seu orgulho de “mulher educada”, de mulher honesta, se revolta. Vejamos, em linhas gerais, o diálogo entre mãe e filha: Mrs. Warren sente-se magoada e ofendida.

Senhora Warren. – Minhas próprias opiniões! Minha maneira própria de viver!... Dá gosto ouvir como falas! Acreditas que fui criada como tu? Como podia escolher a minha maneira própria de vida? Crês que o que eu fazia era porque me agradava ou porque eu pensasse que estava bem? Acreditas que eu não houvera preferido ir ao colégio e ser uma dama distinta, tendo os meios para isso?

Vivie – Todo mundo pode fazer alguma escolha, mãe. A moça mais pobre não pode escolher entre ser rainha da Inglaterra ou diretora de escola; porém, segundo o seu gosto, pode escolher entre a profissão de trapeira ou florista. As pessoas acusam sempre as circunstâncias. Não creio nas circunstâncias. As criaturas que medram neste mundo são as

que madrugam e buscam as circunstâncias de que necessitam, e, quando não as encontram, criam-nas.

Senhora Warren – Sim, sim! Muito fácil é falar, muito fácil, não é verdade? Ouça! Gostarias de conhecer quais foram as minhas circunstâncias, como dizes?

Vivie – Sim; farias bem em m'as referir...

Senhora Warren – Sabes quem era tua avó?

Vivie – Não.

Senhora Warren – Não sabes, não é verdade? Eu o sei. Fazia-se passar por viúva e tinha um postozinho de pescados fritos perto da casa da Moeda, de cujo ganho vivíamos, ela e suas quatro filhas. Duas de nós eram irmãs do mesmo pai: Elisa e eu. As duas éramos bonitas e bem formadas. Suponho que meu pai seria um homem que se nutrisse bem. Mamãe pretendia que era um senhor; eu, porém, o ignoro. As outras duas, nossas irmãs pela metade, eram umas pobres criaturas com o aspecto de famintos, pequenas e feias, porém resistentes para o trabalho e mui honestas. Elisa e eu batíamos muito nelas, e não fossem as surras que nossa mãe nos dava para livrá-las de nós outras, e mais de uma vez as teríamos deixado quase sem vida. É que elas eram os membros respeitáveis da família! Pois bem: interessa-te saber o que conseguiram com sua respeitabilidade? Vou te dizer. Uma trabalhou doze horas por dia em uma fábrica de alvaiade, para ganhar nove chelins por semana, até o dia em que se convenceu de que o chumbo a havia envenenado. Pobre! Acreditava salvar-se com uma leve paralisia das mãos e morreu. A outra, citavam sempre como modelo, porque se casara com um empregado público e conseguia manter limpos e bem cuidados sua moradia e seus três pequenos, com dezoito chelins semanais. Por desgraça, isso durou só até o dia em que ele se entregou à bebida. Merecia a pena ser honrada para chegar a isso, não é verdade?

Vivie – (Cheia agora de atenção pensativa) Acreditavas? Elisa o acreditava?

Senhora Warren – Elisa não acreditava, posso-te assegurar. Tinha muito bom senso para tal. As duas íamos a uma escola congregacionista, o que contribuía para que tomássemos ares de parecer superiores aos

meninos que nada sabiam nem iam a parte alguma; ali ficamos até que Elisa, uma noite, desapareceu e não mais voltou. A professora pensava que eu seguiria o seu exemplo, e o pastor, querendo evitá-lo, me dizia, sem tréguas, que o fim de Elisa seria atirar-se ao rio. Pobre idiota! Era tudo quanto sabia disso. Eu, porém, temia mais a fábrica de alvaiade que a água do rio, o mesmo terias pensado em meu lugar. Esse pastor me conseguiu um emprego de criada de cozinha em um restaurante de temperança, no qual se mandava buscar álcool quando os clientes o exigiam. Logo passei a criada de serviço e empregada em um bar da estação de Waterloo... onde expedia licores e lavava copos durante quatorze horas no dia, por quatro chelins por semana e a comida. Era um importante acesso, não é verdade? Uma noite, porém, muito triste e muito fria, estando tão cansada que apenas me podia manter desperta, a quem, não adivinhas, a quem vi entrar no bar para pedir um chope?... Elisa, coberta com um grande manto de peles, elegante e confortável, e levando na mão uma bolsa repleta de moedas de ouro.

Vivie – (sarcasticamente) Minha tia Elisa!

Senhora Warren – Sim; e é uma tia como convém ter, asseguro-te. Agora habita em Winchester, perto da catedral, e é uma das damas mais respeitáveis da cidade. Acompanha as jovens aos bailes do condado... Já não há temor do rio para Elisa, graças a Deus...

.....

“Acreditas que éramos bastante idiotas para permitir que outros explorassem a nossa boa presença, empregando-nos como vendedoras ou em qualidade de camareiras, podendo nós mesmas aproveitá-la e receber todos os seus benefícios, em vez de salários de fome?”

.....

Em que outro ofício pode uma mulher economizar dinheiro?

.....

Qual é o fim da educação de uma mulher de boa família senão seduzir a um homem rico e assegurar-se o desfrute da sua fortuna, casando-se com ele?... Como se a cerimônia do casamento pudesse estabelecer uma diferença entre o bom ou o mau que encerra um mesmo ato!

“É o melhor ofício, entre todos os que nos são acessíveis. É injusto, é certo. Se os homens organizaram assim o mundo para as mulheres, não podemos pretender que tenham feito de outro modo.”

.....

“... as moças eram bem cuidadas. Algumas delas se saíram bem; uma se casou, com um embaixador.”

.....

Seria interminável a citação.

A ironia de Bernard Shaw queima como ferro em brasa a moral da gente honesta.

Sob outro aspecto, não estudado em Bernard Shaw e observado, escrupulosamente, nas pesquisas do grande sábio e medico francês – Parent-Duchâtelet – que dedicou os últimos oito anos da sua vida humana a angariar dados estatísticos e observações pessoais para estudar profundamente o problema da prostituição, sob outro aspecto, depois de Parent-Duchâtelet haver estudado as doenças venéreas das prostitutas e todas as doenças a que estão sujeitas as meretrizes, chega à conclusão o eminente cientista de que a sua maneira de viver, apesar de toda a intemperança, embora se exponham a todas as doenças contagiosas e às inclemências do tempo, à vida desregrada, “afinal de contas é muito mais saudável que a das costureiras e das outras mulheres que têm ocupações sedentárias”. Declara que essa conclusão é “triste e surpreendente”, mas, é a realidade; o que quer dizer que a vida das costureiras, por exemplo, “é mais contrária à natureza do que a das prostitutas”.

E acrescenta Drysdale:

Uma vida em que há movimento, exercício sexual, o descanso, a boa alimentação e a variedade, é evidentemente mais

saudável e, portanto, no ponto de vista físico, mais virtuosa que o constrangimento, o trabalho prolongado e o torpor animal a que são condenadas as nossas pobres costureiras.

E continua:

Sem o hábito de beber, as prostitutas estariam livres de uma grande parte da ruína física e moral que acompanha o seu modo de vida.

É verdade que os seus maus efeitos não se manifestam tão depressa como nas pessoas que trabalham fortemente (sobretudo em ocupações sedentárias, essa peste da civilização), e que, ao mesmo tempo, bebem muito.

E o Dr. Acton também confirma: “Todos os observadores estarão de acordo comigo em testemunhar que nenhuma classe de mulheres é tão isenta de doenças gerais como as prostitutas”.

Isso não é o elogio da prostituição, mas, sob o ponto de vista físico, fora do código da moral contra a natureza, é a prova de que a prostituição – que representa o exercício sexual, necessário à harmonia orgânica – está acima do estado de *solteirona*, em que há o constrangimento moral da família e da sociedade, além do “pecado fisiológico”, e, acima do estado de mãe de família proletária e pequena burguesa, em que uma escravidão terrível ao homem, à prole infinita e ao trabalho forçado, a inutiliza física e moralmente, baixando-a à categoria de animal de tiro e máquina de procriar a serviço do homem.

A conclusão é que se impõe uma educação sexual livre, a emancipação feminina – para que a mulher só tenha filhos quando quiser e nunca constrangida, e se liberte do ídolo da família, para viver a liberdade de amar – fora dos códigos e dos dogmas religiosos e sociais.

Enquanto toda mulher não for absolutamente livre de amar, haverá o comércio do lenocínio, pois que, acima de tudo, a natureza exige as relações sexuais.

Depois: enquanto a família for esse reduto falsificado da virtude, a coluna central do direito de propriedade no regime burguês capitalista – será indispensável o exército da prostituição para salvaguardar a pureza da sacratíssima instituição da família – abençoada pela Igreja e selada pelo Estado.

Assim, honra, inocência, virgindade, virtude, honestidade, todos esses ídolos sangrentos defensores do instinto de propriedade no regime burguês capitalista, postados em altares no templo da família, nada mais são do que o símbolo da moral do caftismo social.

Representam a superstição, a rotina, a ignorância, o amordaçar da razão pela perversidade organizada da Igreja, a fim de que o Estado mais facilmente se apodere da presa inerme, inconsciente, e dela faça o juguete das ambições dos poderosos, os “superelefantes” da autoridade temporal e espiritual.

“O produto é dividido pelos dois ladrões”...

Certo, a profissão oficial de explorador de mulheres deveria ser apenas acessível à mulher...

Assim como a prostituição é o exército branco do Estado e da Moral, arregimentado para o serviço dos homens, indispensável, como o exército armado, para a manutenção da ordem social e para a defesa do lar e da família; assim como o Estado recebe o imposto dos prostíbulos, dos *cabarets*, dos bailes e dos *rendez-vous* organizados pelos cafténs – que são os empresários dessa tragédia – cargo honroso do mesmo modo que é honroso ser organizador das olimpíadas ou empresário de grandes teatros, ou acionista, como Rockefeller, das imensas usinas de material bélico; a profissão de caftén e de caftina é uma necessidade do Estado burguês e é incoerente essa perseguição movida pelos senhores de beca, sotaina ou espada contra o comércio do lenocínio. Que seria dos homens se essa cousa não estivesse tão bem organizada internacionalmente?

Há uma internacional armamentista. Há uma internacional da diplomacia secreta. Há uma internacional do caftismo. São troncos da árvore Estatal e Moraliteísta.

E quanta consciência livre o sabe e o descreve!

Que diferença há, minha senhora, entre a profissão do caftén e a do grande industrial que envenena os produtos alimentícios e assassina a crianças e a adultos indefesos? Porque o Estado, hoje, é propriedade do capital.

Que diferença há, minha senhora, entre a profissão do caftén e a dos lordes e nobres e banqueiros acionistas das usinas de armas de guerra, chacais que se nutrem dos campos de batalha, cafténs no grande mercado do gênero humano?

Está bem segura, minha senhora, de que o crime dos cafténs é maior do que o daqueles que lhes pagam o preço da carne feminina?

Está bem certa, minha senhora, de que um ato praticado por dois indivíduos de sexo oposto avilta a mulher e é natural para o homem?

Está convencida, minha senhora, de que a profissão de prostituta – absolutamente indispensável à harmonia desta admirável organização social – é mais degradante do que a dos histriões que se dizem representantes de Deus na terra – para sufocar a razão humana e dominar pela astúcia e pela covardia?

E que é o casamento senão a prostituição santificada pela Igreja e selada pelo Estado?

Está segura de que os Alexandres e Napoleões e Mussolinis – “himalaias de infâmias” – sejam superiores, na sua profissão de magarefes, aos exploradores de mulheres?

Está certa de que, se não houvesse cafténs, não haveria exploração feminina?

Abra Lachatre, minha senhora, no capítulo em que fala de Pio V, verá que o Santo Padre fez uma lei contra as prostitutas e verá também que os eclesiásticos se opuseram à sua execução, apresentando ao Papa a objeção séria de que as 45 mil rameiras que havia em Roma eram necessárias ao serviço do clero.

São os “tubarões” das finanças, da moral e do poder que têm necessidade do caftismo organizado.

Talvez não saiba, minha senhora, que, quando um alto personagem do mundo político visita uma nação, o rei, o primeiro ministro, o presidente da república ou o embaixador – em caráter oficial – é dever cavaleiresco dessa Nação por à disposição do hóspede uma mulher prostituta de alta linhagem social, a fim de que todos os seus prazeres sejam satisfeitos integralmente. E essa prostituta, que ganha rios de dinheiro, geralmente é... uma senhora honesta... da alta sociedade... casada com um estadista, com um intelectual notável, cuja carreira triunfal muito deve aos seus dotes de espírito...

Isso quer dizer que há um caftismo elegante do Estado, anexo à diplomacia secreta.

Ninguém dirá, aí, que seja a luta pela vida.

Não, minha senhora: razões de Estado.

A prostituição é o exército salvador da moral, da Igreja e dos bons costumes.

E como denunciar a um, dois ou três cafténs profissionais – se toda a civilização unissexual é feita para o prazer do homem e para a exploração miserável da mulher?

Sabe, minha senhora, dos nomes de grandes estadistas e diplomatas e juízes encontrados mortos ou retirados mortos de casas de prostituição? Eu poderia citar dezenas, mas seria alongar por demais uma carta, já por demais extensa.

Leia, minha senhora, a *História da Prostituição*, de Dufour, e se convencerá de que, dentro da sociedade burguesa capitalista e em um regime em que a mulher é obrigada a guardar a virgindade do corpo para, com ela, comprar um marido; em um regime social em que tudo se compra e vende e o amor também obedece à lei da oferta e da procura – a prostituição é uma necessidade e a salvaguarda da honra da sacratíssima instituição da família. E o caftén é o honesto explorador e empresário desse rendoso comercio anexo ao Estado.

Verá que a prostituição das rótulas e das calçadas é a luta contra a miséria e é o único caminho apontado à mulher pela sociedade, moraliteísta e piedosa, se ela, por descuido ou por amor, perdeu a virgindade, tendo de lutar a braços com a fome e a nudez.

Enquanto a mulher não for dona do seu próprio corpo, haverá a prostituição e, conseqüentemente, o caftismo profissional e o caftismo oficial, protegido pela tiara, pela beca e pela espada e pelo cofre forte dos “tubarões das finanças”.

Tudo isso está admiravelmente definido na célebre frase de Bakunin: “O padre, que representa Deus, embrutece o cérebro, para que o soldado, que representa o rei, tire o corpo. E o produto do roubo é dividido entre os dois ladrões”. (Deus e o Estado).

Sabe, minha senhora, a meu ver, qual o mais belo programa de Amor, de Beleza e de Bondade para as reivindicações femininas? *A não cooperação com o Estado e com a Religião*, a suprema resistência a todas as forças reacionárias, a desobediência civil e a não violência heroica, disposta a tudo para defender a Liberdade contra a Autoridade.

São as filhas do proletariado, são as mulheres obrigadas a ir para a rua ganhar o pão, as que servem nesse imenso exército de outra espécie

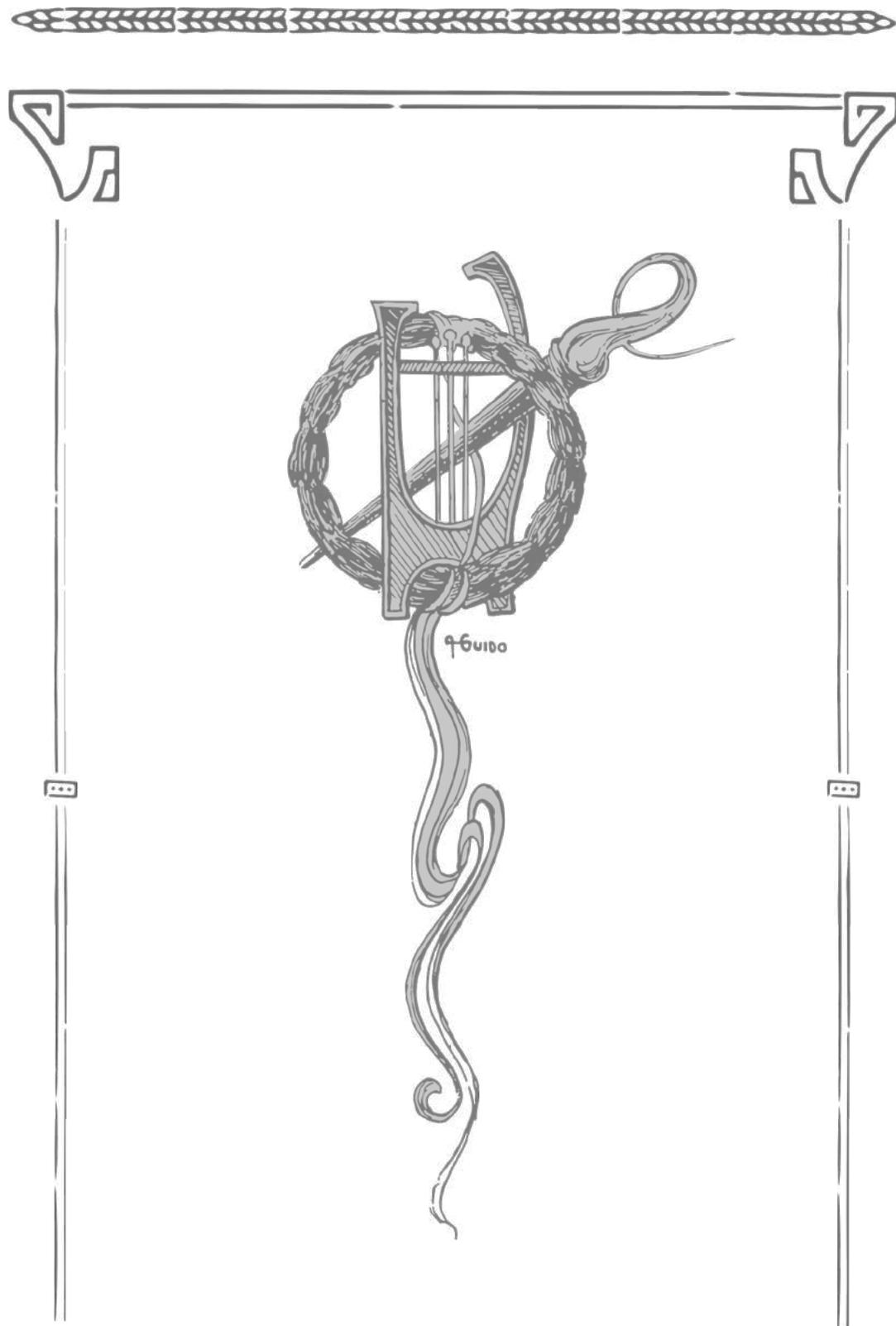
de não violência, exército da resignação passiva, heroicas, renunciando à família e à sociedade, como colunas na defesa da honra, da virtude, da virgindade, da honestidade, da pureza (!) da família burguesa, das meninas “bem educadas” nos Sion ou nos *Sacré-Cœur*.

As burguesas honestas, da “boa” e da “alta” sociedade, as mulheres parasitas não podem dissertar em torno de questões de moral ou dos bons costumes. Acobertadas da prostituição pelo formidável exército das sacrificadas, alistadas nas fileiras do proletariado ou da pequena burguesia, as mulheres burguesas falam pela boca do padre ou pelo Código do Estado. E Bakunin já os definiu a ambos, classificando-os abaixo dos cafténs... seus cúmplices e asseclas assalariados pela moral, pela lei e pelos bons costumes.

Perdão, minha senhora, se não dei cumprimento às suas ordens.

Fraternalmente,

Maria Lacerda de Moura
Brasil. São Paulo. Julho de 1930.



.....

Carpe Horam

.....

GEORGES DE LA FOUCHARDIÈRE, NO SEU LIVRO ADMIRÁVEL DE GRAÇA e deliciosa ironia, *Didi, Niquete & Cie.* – lembra-nos o conto oriental em que um príncipe indiano riquíssimo quis recompensar ao estrangeiro que lhe salvara a filha.

É a lenda do Circuito da Hora.

— Prends le plus rapide de mes chevaux et galope pendant une heure dans mon royaume. Tout ce qui sera compris dans le cercle décrit par le galop de ton cheval t'appartendra. Mais ne reste pas absent plus d'une heure. Si tu n'es pas revenu au bout d'une heure tu n'auras rien du tout.

Assim falou o príncipe.

O estrangeiro saiu a galope.

No primeiro dia, voltou duas horas depois.

Perdera. O príncipe, porém, poderoso e reconhecido, deixou que recomeçasse no dia seguinte. No oitavo dia, o viajante, fatigado, deitou-se debaixo de uma árvore e adormeceu durante cinco minutos, tempo suficiente para o cavalo passear só e fechar dentro do círculo a própria filha do sultão. Foi assim que o estrangeiro se casou com a princesa e herdou todo o reino.

Gozemos a hora presente, a hora que passa – é a conclusão do conto oriental.

Mas a nossa cupidez é desmedida e todas as desgraças nos vêm de querermos correr atrás da felicidade...

Caminhamos sempre em busca do que está próximo de nós mesmos e as horas se escoam e os dias se passam sem que tenhamos tempo de aspirar o perfume da vida na própria estrada percorrida pela nossa ambição insaciável atrás de cousas que nos parecem tão distantes, e, tão

ao nosso alcance, se nos demorássemos o momento preciso para colher a hora presente.

São os nossos desejos excessivos, é a nossa avareza que faz o tédio da vida, a amargura dos nossos instantes de recolhimento, máquinas de correr, triturantes, irritáveis, dispersadores de energias extraordinárias, incalculáveis – para quê?

Todo o delírio de progresso da civilização industrial tem por fim encher os cofres fortes dos reis das forjas e do poder, fomentar as guerras de competição comercial, aumentar os impostos e sustentar os pais da Pátria dos histriões políticos. Estamos fartos de o saber e de o repetir.

Duas necessidades predominantes movimentam todo o gênero humano numa correria de loucos que nos faz lembrar a magistral parábola dos “Laboriosos” do nosso grande Han Ryner.

Somos movidos por milhões de mãozinhas que nos obrigam a uma atividade fantástica, inacreditável – para quê? – para comer e para amar, na acepção fisiológica.

Para duas cousas tão simples, tão naturais, não era preciso correr tanto.

Os animais e os boêmios no-lo asseguram...

Mas complicamos de tal modo o instinto de nutrição, fizemos a cozinha tão cara e tão difícil a ponto de nos empenharmos no servilismo de uma escravidão voluntária, implacável nas suas exigências de fogo eterno.

E o hábito inveterado completa o quadro.

E para essa cozinha tremenda no desperdício de forças sem conta, empregadas no fabrico de drogas nocivas para envenenar o gênero humano na concorrência do preço módico; para essa cozinha sempre insatisfeita, insaciável na faina de levar ao requinte a “educação” do paladar de clientes conhecedores de aperitivos de toda espécie – para avivar o sabor deturpado pelo álcool, pelo fumo, pelas vísceras queimadas nas digestões laboriosas dos venenos das conservas e acepipes variados; para a cozinha dos civilizados, contribui toda a atividade humana, ou melhor, a atividade de todo o gênero humano está exclusivamente voltada para as vísceras.

É até simbólica e característica a atitude dos burgueses ricos, banqueiros e políticos avançados em anos a amparar, com ambas as mãos,

o ventre proeminente – atravessado pela corrente do relógio e a competente medalha de brilhantes... por sobre as vísceras.

Cochilam, pesados, a digestão difícil, toda a carne congestionada, apoplética de imbecilidade e covardia, de avareza e inconsciência.

São apenas vísceras.

Toda essa multidão que se acotovela nas ruas, que se abalroa nas casas de loteria, que se atropela nos cafés, que toma de assalto os bondes, todas essas caras suadas, essas fisionomias exaustas, todo esse tédio de horas marcadas a relógio, toda essa loucura de correr, esse delírio de achar lugar, toda gente voa – para satisfazer o instinto de nutrição e a chamada “necessidade” da multiplicação da espécie.

Coitada da espécie!...

E ninguém consegue senão o desgosto de não achar o que procurava.

Todos se desiludem, mas toca a correr outra vez e tantas vezes quantos são os dias do ano e tantas vezes quantas sejam as desilusões a amargurarem o momento anterior.

O amor (!) é comprado na prostituição ou satisfeito no casamento indissolúvel: só a palavra assusta como as geenas de uma prisão perpétua com trabalho forçado...

Que pavor duas criaturas se sentirem atreladas uma à outra, por força da lei ou das conveniências sociais, até que a liberdade venha com a morte de um dos cônjuges.

Que perversidade inominável!

São as cadeias de aço forjadas pelos próprios escravos – para o castigo imposto a si mesmos através da única sociedade que a sua mente estreita e comprimida de prejuízos pode conceber.

E a correria avança. Inventam-se novas fórmulas de triturar o gênero humano através do progresso material – simplesmente para matar a fome e para satisfazer o instinto sexual – outra forma de apetite.

Entretanto, o nosso organismo precisa de tão pouco para se nutrir e produzir trabalho e recuperar forças gastas no redemoinho das contingências da vida humana.

Todavia, é preciso “empanturrar” as vísceras até o excesso do artrismo, da gota, da diabetes, das indigestões e dispepsias herdadas ou adquiridas e remediamos o mal irremediável com as panaceias de drogarias e com os diagnósticos errados dos médicos – tudo voracidade a viver

do nosso estômago, das nossas vísceras laceradas, dos nossos nervos em ferida viva através da atividade fantástica desta civilização de loucos a correr, a correr estupidamente para a morte.

E as horas se escoam invariáveis: todos procuram a liberação econômica – para comer e para amar no sentido fisiológico.

Se tivéssemos menos ambição e mais delicadeza para nos aproveitarmos da hora presente – quanta recordação agradável, quanta beleza, quanta doçura, quanta generosidade, quanto perfume colheríamos da vida!

Mas vestir, para parecer bem e “amar” mais facilmente...

Comer, comer, comer, comer sempre por hábito, por gulodice, por superstição, por ignorância, por comodidade, por sensualismo.

Dinheiro, dinheiro, mais dinheiro – para os trapos, as joias, o automóvel, a vida social, o carnaval, as ceiatas, o jogo, o gozo, o álcool, cortesãs, situações invejáveis – para comer e amar...

Comer e amar no sentido vulgaríssimo.

Nada satisfaz. A avançada continua ininterrupta, em uma voracidade assombrosa pela civilização adentro, atropelando por todos os lados, criando vícios, regulamentando a prostituição “necessária” para saciar a fome dos moraliteístas defensores da “sagrada instituição da família” e compradores da carne feminina das famílias dos outros.

E as pobres mulheres também se vendem para comer, depois de se haverem “perdido”... para amar...

E a “vida alegre” (triste ironia!) acaba por levá-las à repugnância dessa “profissão necessária”, absolutamente necessária à moral social dos castos e dos santos puritanos, e tão indispensável à pureza da sacratíssima instituição da família que, por isso mesmo, é tratada pelos “bons costumes” a tacões de botas e desprezada pelos famintos que não podem prescindir dessa necessidade implacável e natural.

E os frequentadores das casas públicas “dizem” que sentem repugnância desse meio de satisfazer as suas “necessidades” para as quais não sabem de outros processos mais razoáveis e mais humanos.

E a grande maioria é dos casados... Otelo nos seus lares e Don Juan nos lares alheios.

O casamento, embora respeitada a himenolatria e as flores de laranja, também falhou.

Todos insatisfeitos.

E ninguém sabe a razão por que nos envolvemos em toda essa teia forte, de tantas misérias sociais.

Rotineiros, embrutecidos pela civilização industrial, máquinas de correr, os “Laboriosos” da parábola – não temos tempo para comer e amar sossegadamente...

É comer às pressas e satisfazer a necessidade do instinto sexual voando, pulando assustados, o cercado alheio, para recomeçar indefinidamente a corrida vertiginosa.

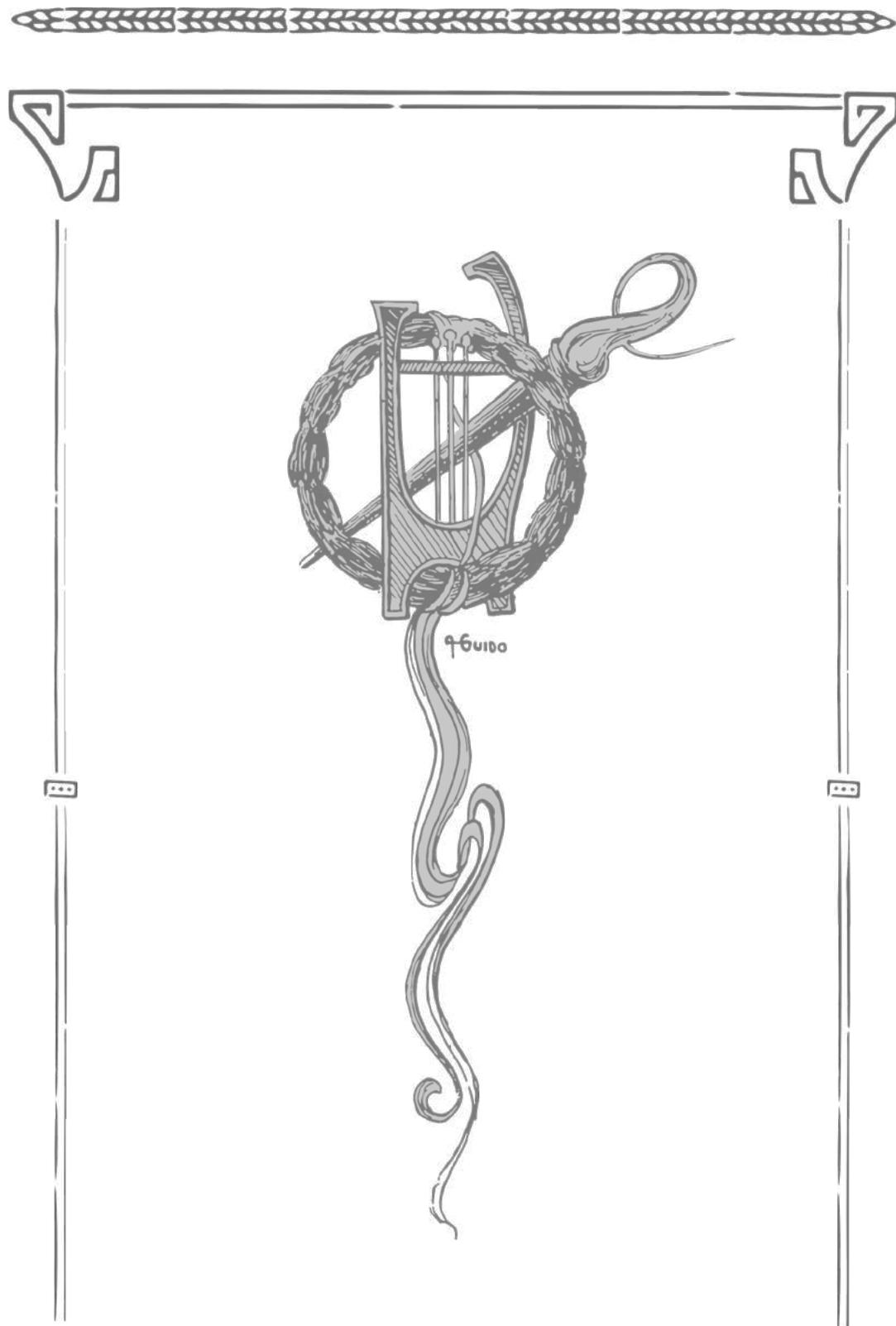
Se nos deixássemos dormir cinco minutos à sombra da árvore da lenda oriental – quem sabe quanta felicidade nos adviria desse repouso prometedor a nos confortar o coração longe do ruído surdo, monótono, hostil, diabólico das máquinas triturantes desta civilização de idiotas a correr ofegantes para a morte.

Pobres que não conhecem a satisfação plena da sobriedade epicurista. Desgraçados que nunca souberam o que há de divino no Amor, no puro e santo Amor desinteressado, ingênuo, simples, virgem; no Amor que não sabe de códigos nem de sacerdotes ou de proclamas; no Amor que ignora se há leis ou sociedade, que não vive do sacrifício inaudito da prostituição, que não é exclusivista nem assassino, que não tem ciúmes nem exigências, que recebe o que se lhe dá e devolve centuplicada a oferta de outro coração.

Só a volta à natureza, a serenidade simples do campo, a sobriedade, nos dão ideia de que é possível fugir da loucura coletiva da civilização industrial e sentir a alegria de viver.

Mas, dentro das cidades – esse amontoado de infâmias, de vaidades, de amarguras e de misérias – dentro dos grandes empórios da concorrência comercial, quem corre tanto não tem sensibilidade para aurrir o perfume dessa flor minúscula, exilada, transplantada, cultivada artificialmente na estufa social do castigo das consciências, estiolada por falta de liberdade – sol e ar –, secando, morrendo por incapacidade absoluta de se aclimatar no ambiente sufocante do mundo industrial de proxenetas do sonho e arlequins do tartufismo.

.....



.....

*Plano inicial da coleção
Pensamento Social Anarquista—
Palavras Explicativas*

.....

A CONCEPÇÃO DESTA COLEÇÃO VEIO QUANDO INICIEI AS PESQUISAS em torno dos jornais, revistas e livros elaborados pelos anarquistas do início até meados do século XX no Brasil. A ideia, com esta coleção, é tornar acessíveis textos valiosos, disponíveis em arquivos, bibliotecas públicas e acervos particulares, tanto a quem estuda o pensamento social produzido no Brasil, como também a quem faz pesquisas e tem interesse no movimento operário do período. O desconhecimento atual sobre o pensamento social elaborado pelo mundo do trabalho é estarrecedor. Por isso, a ocasião oportuna em reeditar livros, cujas edições foram poucas ou, caso mais expressivo, únicas, constitui o objetivo principal desta coleção.

Além da reedição de livros, procedi à montagem, em volumes temáticos, de coletâneas com artigos retirados de jornais, revistas, folhetos e demais produções impressas do movimento dos trabalhadores no Brasil. Com a palavra “inicial”, no título acima, procuro indicar o caráter de continuada elaboração de volumes temáticos nesta coleção. À medida que retorno aos artigos transcritos, o conjunto desses textos me sugere o tema em torno do qual eles podem ser reunidos. Alguns já estão definidos, outros podem surgir porque, como ainda estou caminhando nos textos, os assuntos não estão esgotados. Por essa razão, exponho aqui uma relação provisória dos volumes. Inclusive a ordem de publicação efetiva, dos volumes indicados na listagem, pode ser alterada. Isto porque, estando em preparação muito deles, depende de quando forem finalizados.

- I—*Lições de Pedagogia*, Maria Lacerda de Moura
- II—*Da escravidão à liberdade*, Florentino de Carvalho
- III—*Civilização, tronco de escravos*, Maria Lacerda de Moura
- IV—*Educação anarquista – Conceitos*. Tomo I – Coletânea

- V–*Educação anarquista – Experimentos*. Tomo II – Coletânea
VI–*Educação anarquista – vida e pensamento de Francisco Ferrer y Guardia*.
Tomo III – Coletânea
VII–*A guerra civil de São Paulo. Soluções imediatas para os grandes problemas
sociais*, Florentino de Carvalho
VIII–*Infância e adolescência*. Coletânea
IX–*Mulheres*. Coletânea
X–*Racismo e raça*. Coletânea
XI–*Anticlericalismo e sociedade*. Coletânea
XII–*Saúde pública*. Coletânea
XIII–*Anarquismo e sindicalismo*. Coletânea
XIV–*Anarquismo e socialismo*. Coletânea
XV–*Anarquismo e anarquia*. Coletânea
XVI–*Artes, poesia e insubmissão*. Coletânea
XVII–*Han Ryner e o amor plural*, Maria Lacerda de Moura
XVIII–*Clero e fascismo – horda de embrutecedores / Clero e Estado*, Maria La-
cerda de Moura
XIX–*“A mulher é uma degenerada”*, Maria Lacerda de Moura
XX–*A razão contra a fé*, Benjamim Mota
XXI–*Rebeldias*, Benjamim Mota
XXII–*Os sicários do jornalismo*, Mota Assunção
XXIII–*Guerra e militarismo*, Coletânea
XXIV–*Camponeses*. Coletânea
XXV–*Indígenas*. Coletânea
XXVI–*Brasil visto no mundo do trabalho*. Coletânea
XXVII–*Revoluções*. Coletânea
XXVIII–*Relações internacionais*. Coletânea
XXIX – *Obituários*. Coletânea

.....

Formato *16x23 cm*
Tipologia *Alegreya*
Nº de Pág. *150*

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUFCG

